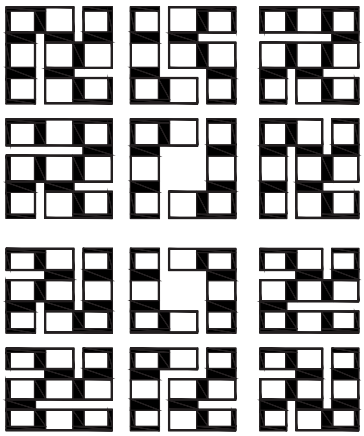
LISBOA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA



REVITALIZAR A PARTIR DA MEMÓRIA DE UMA CIDADE CANAL

Proposta de um Quarteirão Habitacional Híbrido,

no Bairro de Tsukiji, em Tóquio

Raquel Nascimento Monteiro
(Licenciada)

Projeto Final de Mestrado para a obtenção de
Grau de Mestre em Arquitetura

Orientação Científica

| Professor Doutor Hugo José Abranches Teixeira Lopes Farias

| Professora Doutora Joana Bastos Malheiro

Júri

Presidente | Professor Doutor Daniel Maurício Santos de Jesus

Vogal | Professor Doutor José Jorge Boueri Filho

Lisboa | FAUL | Janeiro 2019

AGRADECIMENTOS

Aos meus orientadores, Professor Hugo Farias e Professora Joana Malheiro pela compreensão, disponibilidade e motivação, não só durante a realização deste trabalho, como desde o primeiro ano de curso, onde sempre pude contar com o apoio, atenção e a ajuda de ambos.

Aos meus colegas de faculdade, Carlota, Carolina, Joana, Ricardo e Marina pela amizade e carinho ao longo deste percurso.

Às minhas amigas de longa data, Filipa, Maria e Marina por terem estado sempre presentes, pela grande amizade e pelo apoio constante.

A todas os amigos, colegas e professores que estiverem presentes, e que fizeram da minha estadia no Japão, uma das melhores aventuras da minha vida.

E em especial, aos meus pais, a quem dedico este trabalho. Pelo apoio incondicional e paciência inesgotável. E acima de tudo, por me terem dado asas para voar e ambição para percorrer novos mundos.

Obrigada.
ありがとうございます。

RESUMO

Uma cidade que outrora foi considerada a “Veneza de Oriente”, hoje encontra-se de costas voltada para a água. “Revitalizar a partir da Memória de uma Cidade Canal”, centra-se na reinvenção de antigos canais como estimuladores de revitalização urbana e incentivo para outros exemplos no território. As frentes de água, mais do que um lugar de lazer público, são um espaço com um grande potencial para habitação e comércio. Nesse sentido, o trabalho desenvolvido defende a fusão de espaços de habitação e espaços de comércio, através da criação de um Quarteirão Habitacional Híbrido, com o objetivo de desenvolver a frente de água no Bairro de Tsukiji, em Tóquio, e fazer deste lugar mais do que um lugar turístico.

Palavras-chave: Japão, Tóquio, Cidade Canal, Tsukiji, Quarteirão, Comércio de Rua, Machiya, Habitação Híbrida.

ABSTRACT

In a city that was once considered the "Venice of the East", today it is facing away from the water. *Revitalizar a partir da Memória de uma Cidade Canal*, focuses on the reinvention of old canals as stimulators of urban regeneration and encouragement for other examples scattered over the territory. Waterfronts, more than a place for public leisure, are a place with great potential for housing and commerce. Therefore, the developed project, defends the fusion of housing and retail spaces, through the creation of a Hybrid Housing Block, in order to develop Tsukiji's waterfront, in Tokyo, and making this place more than a tourist point.

Keywords: Japan, Tokyo, Canal City, Tsukiji, Urban Block, Street Commerce, Machiya, Hybrid Housing.

ÍNDICE

RESUMO V
ABSTRACT VII
INDÍCE IX
INDÍCE DE IMAGENS XIII

01 INTRODUÇÃO 1
01.1 A CIDADE ALÉM DO TEMPO 9

02 O TERRITÓRIO I TÓQUIO 東 京 13
02.1 EDO, “A VENEZA DO ORIENTE” 21
02.2 DE EDO A *TOKYO* 31
02.3 A CIDADE QUE NASCEU DAS CINZAS 35
02.4 O PERÍODO PÓS-GUERRA 41
02.5 TÓQUIO, HOJE 47

03 O LUGAR I TSUKIJI 築 地 57
03.1 TSUKIJI “TERRA CONSTRUÍDA” 61
03.2 A RELAÇÃO DE TSUKIJI COM A ÁGUA 67
03.3 MERCADO DE TSUKIJI 71
03.3.1 MERCADO INTERNO 73
03.3.2 MERCADO EXTERNO 76

04 KU, OKU E MA | O SISTEMA ESPACIAL NIPÓNICO 83

05 *MACHIYA* 89
05.1 *TOKYO MACHIYA* 94

06 O CARÁCTER HÍBRIDO NA HABITAÇÃO 99

ÍNDICE

07 O PROJETO 105

07.1 PROPOSTA PARA O QUARTEIRÃO DE TSUKIJI 107

07.2 INTENÇÕES PROGRAMÁTICAS 109

07.2.1 O QUARTEIRÃO NIPÓNICO 111

07.3 CONJUNTO HABITACIONAL HÍBRIDO 115

07.3.1 CONCEITO E DESENHO 115

07.3.2 HABITAÇÃO COM CARÁCTER HÍBRIDO 118

07.3.3 MATERIALIDADE 122

CONSIDERAÇÕES FINAIS 125

BIBLIOGRAFIA 129

ANEXOS

I CARTOGRAFIA

II REFERÊNCIAS PROJETUAIS

III ESQUISSOS

IV MAQUETES

V PEÇAS DESENHADAS

ÍNDICE DE IMAGENS

CAPA

Esquema ilustrativo do conceito
Imagem da autora. Janeiro 2019

01 INTRODUÇÃO

01 Megaform: Proposta de Kenzo Tange para a extensão da Baía de Tóquio, 1960
Registado em: KULTERMANN, Udo – Kenzo Tange – Architecture and Urban Design. p.149

01.1 A CIDADE ALÉM DO TEMPO

02 Tradição *vs* Modernidade
(esq.) Fotografia da autora. Setembro 2017
(dir.) Registado em https://robotnews.blog/2018/06/13/asimo-is-back/

03 Santuário de Isé
(esq.) Registado em http://www.japansociety.org.uk/event/the-ise-shrines/
(dir.) Registado em https://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=3278722&partId=1&searchText=ISE&page=1

02 O TERRITÓRIO

04 Imagem ilustrativa da cidade de Edo, 1809
Registado em MASAI, Yasuo – Edo Tokyo daichizu: Chizu de miru Edo Tokyo no konjaku.Tokyo: Heibonsha, 1993, p.6-7

02.1 EDO, A "*VENEZA DO ORIENTE*"

05 Mapa Ilustrativo de Edo antes da chegada do shogun Tokugawa Ieyasu
Registado em NAITO, Akira – Edo, the City that Became Tokyo: An Illustrated History. Tokyo: Kodansha, 2003, p.18

06 Ilustração do modelo caracterizado pelas quatro direções cardeais
Registado em NAITO, Akira – Edo, the City that Became Tokyo: An Illustrated History. Tokyo: Kodansha, 2003, p.25

07 Ilustração do modelo em espiral incorporado com o modelo anterior ilustrado na imagem 06

Registado em NAITO, Akira – Edo, the City that Became Tokyo: An Illustrated History. Tokyo: Kodansha, 2003, p.35

08 Mapas ilustrativos da evolução da rede de canais da cidade de Edo (<1590; 1592; 1606; 1620; 1636)

Imagem da autora. Janeiro 2018

09 Evolução da ponte de Nihonbashi (esq.) Edo, (dir.) Meiji, (baixo) Hoje

(esq.) Registado em https://ukiyo-e.org/image/loc/02946v

(dir.) Registado em https://www.reddit.com/r/Tokyo/comments/41sh6n/the_newly_opened_nihonbashi_bridge_1911/

(baixo) Registado em https://www.japantimes.co.jp/news/2014/07/20/national/moves-afoot-restore-nihombashi-bridge-district/#.XAKCKi2cbOQ

10 Ponte Ryōgokubashi sobre o Rio Sumida, construída em 1659

Registado em https://www.metmuseum.org/art/collection/search/73568?sortBy=Relevance&ft=ryogokubashi&offset=0&rpp=20&pos=4

11 *Edo Meisho Ikken Sugoroku*, 1857-1859 (esq.)

Registado em http://www.oshermaps.org/map/12842.0001

12 *Suruga-chō*, 1856 (dir.)

Registado em http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=784798&partId=1&searchText=Meisho+Edo+Hyakkei&page=1

13 Mapa ilustrativo com as estradas principais e os três templos protetores da cidade de Edo, ~1850

Imagem da autora. Janeiro 2018

14 Estrutura espacial da cidade de Edo, 1859

Registado em SORENSEN, André – The Making of Urban Japan: Cities and Planning from Edo to the twenty-first Century. London: Routledge: 2002, p.26.

15 Mapa de Edo, *Kan-ei Edo Zenzu*, 1643

Registado em http://dl.lib.city.bunkyo.tokyo.jp/det.html?data_id=819

16 Mapa de Edo, 1850

Registado em http://japanmaps.davidrumsey.com/luna/servlet/view/all?sort=Pub_Date

02.2 DE EDO A TOKYO

17 Bairro de Ginza, 1873

Registado em https://www.library.metro.tokyo.jp/portals/0/edo/tokyo_library/english/modal/index.html?d=51

18 Maquete ilustrativa de "*Ginza Brick Town*", 1882-1886

Fotografias da autora no Museu de Edo/Tóquio. Agosto 2017

19 Elétricos no bairro de Ginza durante o perído Meiji

Registado em SORENSEN, André – The Making of Urban Japan: Cities and Planning from Edo to the twenty-first Century. London: Routledge: 2002, p.75

02.3 A CIDADE QUE NASCEU DAS CINZAS

20 Localização dos incêndios e a sua propagação no dia do grande terramoto de Kanto em 1923

Registado em http://www.greatkantoearthquake.com/map_archive.html

21 Ponte Nihonbashi antes do terramoto de 1923 (esq.) e depois do terramoto (dir.)

(esq.) Registado em SORENSEN, André – The Making of Urban Japan: Cities and Planning from Edo to the twenty-first Century. London: Routledge: 2002, p.97

(dir.) Registado em http://www.greatkantoearthquake.com/aftermath_gallery.html

22 Plano de Reconstrução para Tóquio após o terramoto de 1923 dirigido por Shimpei Goto

http://www.greatkantoearthquake.com/map_archive.html

23 Planeamento das áreas verdes (parques) e dos "Vest-Pocket Parks" para a área metropolitana de Tóquio após o terramoto de 1923

Registado em http://www.greatkantoearthquake.com/map_archive.html

24 Aviões de combate com destino ao Japão durante a Segunda Guerra Mundial, 1940

Registado em http://time.com/3718981/tokyo-firebombing-1945/

25 Destruição do distrito de Honjo e Rio Sumida durante a Segunda Guerra Mundial, 1945

Registado em SORENSEN, André – The Making of Urban Japan: Cities and Planning from Edo to the twenty-first Century. London: Routledge: 2002, p.152

02.4 O PERÍODO PÓS-GUERRA

26 Monocarril de Haneda, 1970 (esq.) e o comboio "*Shinkansen*" a passar o Teatro *Nishigeki* em Ginza, 1964 (dir.)
(esq.) Registado em http://www.oldtokyo.com/tokyo-monorail-c-1970/
(dir.) Registado em https://medium.com/ametora-extended/footnotes-to-chapter-three-eeac393ebdf7

27 Vestígios de um antigo canal (esq.) Troço de uma autoestrada sobre um dos canais existentes (dir.) Vestígios de um canal inacessível que corre por baixo das presentes infraestruturas (baixo)
(esq.) Registado em http://static.panoramio.com/photos/original/9315506.jpg
(dir.) Fotografia da autora. Julho 2017
(baixo.) Fotografia da autora. Julho 2017

28 Industrialização da cidade de Tóquio (esq.) e "*Inner Circle Route*", troço da autoestrada que atravessa uma área do Palácio Imperial (dir.)
(esq. e dir.) Fotografias da autora. Julho 2017

02.5 TÓQUIO, HOJE

29 Tóquio, 2017
Fotografia da autora. Fevereiro 2017

30 Topografia da Região de Kanto
Ortofotomapa. Imagem da autora. Agosto 2018

31 Distrito de Chuo
Ortofotomapa. Imagem da autora. Agosto 2018

03 O LUGAR

32 Distrito de Chuo e Locais de Interesse
Ortofotomapa. Imagem da autora. Agosto 2018

33 Ginza, 2017 "Av. *Showa Dori"*
Fotografia da autora. Janeiro 2017

34 Antigo canal de Tsukiji convertido num parque urbano
Fotografia da autora. Julho 2017

35 Mercado Externo de Tsukiji (esq.) Antes das 13:00 (dir.) Depois das 13:00
Registado em https://archleague.org/article/tokyos-pantry-tsukiji-and-the-commodification-of-market-culture/

36 Mercado Interno de Tsukiji
Registado em https://archleague.org/article/tokyos-pantry-tsukiji-and-the-commodification-of-market-culture/

03.1 TSUKIJI "TERRA CONSTRUÍDA"

37 Edo no século XIX: a cidade da água.
Registado em BESTOR, Theodore – Tsukiji: The Fish Market at the Center of the World. Berkeley: University of California Press, 2004, p. 94

38 Hotel Tsukiji (Hoterukan), 1870 (esq. e dir.)
(esq.) Registado em https://www.metmuseum.org/art/collection/search/73437?sortBy=Relevance&ft=tsukiji&offset=0&rpp=100&pos=1
(dir.) Registado em https://www.artelino.com/archive/ukiyoe_archive_show.asp?act=go&art=1322&ope=items&pp=1&rp=2&sea=

39 (esq.) Templo Hongan-ji, 1930
Registado em http://www.greatkantoearthquake.com/reconstruction_gallery.html

40 Reconstrução do "*Sumida Riverside Park*" após o terramoto de 1923
Registado em http://www.greatkantoearthquake.com/reconstruction_gallery.html

41 Antigo canal de Tsukiji (*Tsukijagawa*) e o templo de *Hongan-ji* no período pós-guerra
Registado em https://thetokyofiles.com/2018/05/05/ginza-canals-tokyo-waterways/

42 Hospital St.Luke, ~ 1933
Registado em https://thetokyofiles.com/2018/05/05/ginza-canals-tokyo-waterways/

03.2 A RELAÇÃO DE TSUKIJI COM A ÁGUA

43 Imagens Satélite que representam o desaparecimento gradual dos canais na área de Tsukiji
Registado em https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Images_from_the_Maps_and_Geospatial_Information

44 Vestígios do antigo canal de Tsukiji, 2017
Fotografias da autora. Julho de 2017

03.3 MERCADO DE TSUKIJI

45 Sob a forma de um sugoroku (um jogo de tabuleiro japonês), retrata especialidades culinárias famosas no período Edo.
Registado em https://www.library.metro.tokyo.jp/portals/0/edo/tokyo_library/gourmet/page2-1.html

03.3.1 MERCADO INTERNO (*JONAI*)

46 Área: Distrito de Chuo (2013) a assinalar os locais do mercado de Nihonbashi (até 1923), Tsukiji (1935-2016) e Toyosu (2018)
Ortofotomapa. Imagem da autora. Janeiro 2019

47 Mercado de Tsukiji, 1933-1940
Registado em https://thetokyofiles.com/2018/05/05/ginza-canals-tokyo-waterways/

48 Mercado de Tsukiji, atualmente
Registado em: *Google Earth*

03.3.2 MERCADO EXTERNO (*JOGAI*)

49 Mercado de *Ameyokocho* em Ueno
Registado em https://tokyobling.wordpress.com/2013/11/02/more-ueno-and-ameyokocho/

50 Ambiente do Mercado externo de Tsukiji, 2017
Fotografias da autora. Março 2017

51 Imagem panorâmica ilustrativa da área de Tsukiji com vista para o Rio Sumida, 1870~1872
Registado em https://www.library.metro.tokyo.jp/portals/0/edo/tokyo_library/english/bunmeikaika/page1-1.html

52 Imagem panorâmica da área de Tsukiji, atualmente
Registado em: Google Earth. Imagem da autora. Julho 2018

04 KU, OKU E MA

53 Okumiya
Registado em MAKI, Fumihiko – Nurturing Dreams: Collected Essays on Architecture and the City. P.156

54 Materiarização do Oku
Registado em https://www.flickr.com/photos/24354425@N03/12337117875/in/photostream/

55 Espaço *engawa*
(esq.) *Katsura Imperial Villa, Kyoto*. Fotografia da autora. Março 2018
(dir.) *Edo-Tokyo Open Air Architectural Museum*, Tóquio. Fotografia da autora. Março 2018

56 Materiarização do Ma Templo da água, Awaji Arq. Tadao Ando
Fotografia da autora. Março 2018

57 Materiarização do Ma Jardim Ryoanji, Kyoto
Fotografia da autora. Março 2018

05 *MACHYA*

58 Desenho ilustrativo de uma *machiya* e respetiva *doma*
Registado em TINGEY, William – The Principal Elements of Machyia Design. Process Architecture – Japan: Climate, Space, and Concept. Nº 25 (1981). p. 83-102

59 Ilustração: "Loja aberta" de uma machiya no século XVII
Registado em TINGEY, William – The Principal Elements of Machyia Design. Process Architecture – Japan: Climate, Space, and Concept. Nº 25 (1981). p. 83-102

60 Variações na organização espacial e uso das machiya em Kyoto, no período Edo
Registado em TINGEY, William – The Principal Elements of Machyia Design. Process Architecture –Japan: Climate, Space, and Concept. Nº 25 (1981). p. 83-102

61 Rua de machiyas, no bairro de Nihonbashi, no período Edo Edo-Tokyo Open Air Architectural Museum, Tóquio
Fotografia da autora. Março 2018

62 Machiyas nas ruas de Kanazawa, 2017
Fotografia da autora. Março 2018

63 Detalhes de uma habitação tradicional japonesa (Genkan: local de remoção dos sapatos)
Registado em http://iyeya.jp/properties/1664/. Fotografia de autor desconhecido

64 House of Top Lights Arq. Tsubame Architects
Registado em: http://tbma.jp/design/renovation/3537/. Fotografia de Hideo Nakamura

65 Detalhes de uma habitação tradicional japonesa
Registado em http://iyeya.jp/properties/1648/. Fotografia de autor desconhecido

05.1 *TOKYO MACHIYA*

66 Configuração da tipologia "machiya"
BISIG, Fabian; Tokyo Machiya: An Analysis of Efficiency in the Structural Design of Townhouses. [Em linha]. Dissertação Final de Mestrado. Katholiek University Leuven, Faculty of Architecture. Bruxelas, 2016. [Consult. Julho 2018]. Registado em https://issuu.com/febe99/docs/bisig_ausmip2016

67 Evolução da tipologia "machiya" em Edo/Tóquio
BISIG, Fabian; Tokyo Machiya: An Analysis of Efficiency in the Structural Design of Townhouses. [Em linha]. Dissertação Final de Mestrado. Katholiek University Leuven, Faculty of Architecture. Bruxelas, 2016. [Consult. Julho 2018]. Registado em https://issuu.com/febe99/docs/bisig_ausmip2016

68 Evolução da tipologia “machiya” em Kyoto

BISIG, Fabian; Tokyo Machiya: An Analysis of Efficiency in the Structural Design of Townhouses. [Em linha]. Dissertação Final de Mestrado. Katholiek University Leuven, Faculty of Architecture. Bruxelas, 2016. [Consult. Julho 2018]. Registado em https://issuu.com/febe99/docs/bisig_ausmip2016

69 Edo/Tokyo Open Air Architectural Museum, Tóquio

Registado em http://www.tatemonoen.jp/english/restore/intro/

70 Kanban Kenchiku, conhecida também como “Signboard Architecture”

Registado em AA. VV. – Tokyo Totem: A guide to Tokyo. p. 257

06 O CARÁCTER HÍBRIDO NA HABITAÇÃO

71 Exemplos registados em Odawara, perto de Tóquio, de uma habitação híbrida (restaurante e habitação)

Fotografia da autora. Janeiro 2017

72 Exemplos de habitação híbrida (habitação + café), Tateyama, Japão Arq. Uchida Architect Design Office

Registado em https://www.archdaily.com.br/br/898721/casas-hibridas-26-residencias-de-uso-misto

73 Exemplos de habitação híbrida (habitação + área desportiva), Shizuoka, Japão Arq. KOIZUMISEKKEI

Registado em https://www.archdaily.com.br/br/898721/casas-hibridas-26-residencias-de-uso-misto

74 Exemplos de habitação híbrida (habitação + oficina), Osaka, Japão Arq. Office for Environment

Architecture

Registado em https://www.archdaily.com.br/br/898721/casas-hibridas-26-residencias-de-uso-misto

75 Exemplos de habitação híbrida (habitação +estúdio), Gaucín, Espanha Arq. DTR Studio Architects

Registado em https://www.archdaily.com.br/br/898721/casas-hibridas-26-residencias-de-uso-misto

76 Exemplos de habitação híbrida (habitação + estúdio), São Paulo, Brasil Arq. Terra e Tuma Arquitetos Associados

Registado em https://www.archdaily.com.br/br/898721/casas-hibridas-26-residencias-de-uso-misto

77 Exemplos de habitação híbrida (habitação + oficina), São Paulo, Brasil Arq. PAX.ARQ

Registado em https://www.archdaily.com.br/br/898721/casas-hibridas-26-residencias-de-uso-misto

07.1 PROPOSTA PARA O QUARTEIRÃO DE TSUKIJI

78 Local de Intervenção
Ortofotomapa. Imagem da autora. Dezembro 2018
79 Planta de Implantação

07.2.1. O QUARTEIRÃO NIPÓNICO

80 Quarteirão Nipónico Area: Tsukiji, Tóquio
Ortofotomapa. Imagem da autora. Dezembro 2018
81 Representação do Chome e respetivos Machi (Local de Intervenção)
Ortofotomapa. Imagem da autora. Dezembro 2018
82 Fenómeno “hard shell and soft yolk”, Bairro de Tsukishima, com vista para Tsukiji
Registado em Google Earth. Imagem da autora. Dezembro 2018

07.3 CONJUNTO HABITACIONAL HÍBRIDO

83 Alinhamentos e arruamentos para o quarteirão proposto
Ortofotomapa. Imagem da autora. Janeiro 2019

07.3.2 HABITAÇÃO COM CARÁCTER HÍBRIDO

84 Protótipo (conceito projetual)
Imagem da autora. Janeiro 2019
85 Protótipo (planta do piso 0)
Imagem da autora. Janeiro 2019

07.3.3 MATERIALIDADE

86 Inspiração da expressão plástica para o exterior Sky House, Arq. Kiyonori Kikutake
Registado em http://archeyes.com/sky-house-kiyonori-kikutake/
87 Inspiração da expressão plástica para o interior Penthouse C, Arq. Vincent Van Duysen
Registado em https://vincentvanduysen.com/projects/c

01 INTRODUÇÃO

01 INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge na sequência de uma experiência de intercâmbio no Japão, ao abrigo do programa AUSMIP, durante o período de 10 meses, e tem como objeto de investigação a cidade de Tóquio.

A exposição ao universo nipónico suscitou várias inquietações e curiosidades, no qual uma delas surgiu como alavanca para este trabalho. No desenrolar de um dia a dia como uma verdadeira *Tokyoite*, vivendo nos subúrbios da grande metrópole e comutar praticamente todos os dias para o "centro" da cidade, deparei-me com a seguinte questão: Apesar da proximidade da cidade com o mar (a baía de Tóquio) porque é que eu não o vejo?

Na tentativa de percorrer o máximo da cidade a pé, de modo a poder descobrir os múltiplos e ínfimos "casulos" da cidade, deparei-me com a segunda questão: Porque é que ao cruzar-me com alguns dos canais da cidade, todos os edifícios que lhes são adjacentes, têm as suas fachadas principais voltadas para o lado oposto?

Depois de alguns meses a viajar pelo Japão esclareci algumas destas questões. Devido às inúmeras possibilidades de catástrofes naturais, a proximidade de cidades e populações com a água, não é valorizada. Vagueando hoje pelas ruas da cidade, muito dificilmente deparamo-nos com frentes de água. Os poucos canais que

subsistem, encontram-se descaracterizados, desaproveitados e desenquadrados da sua envolvente urbana. De certa maneira, acabaram por definir de forma dominante a cidade e o país. O oceano é portador de recompensas, mas o mar é também gerador de catástrofes.

O tema **Revitalizar a partir da Memória de uma Cidade Canal** nasceu da vontade de querer responder a estas questões. Na obra *"Tokyo a Spatial Anthropology"*, do Arquiteto e Historiador japonês, Jinnai Hidenobu, o autor apresenta uma imagem detalhada de como a população vivia na metrópole de Edo no século XVII (renomeada para Tóquio em 1868). As terras baixas da cidade de Edo, também conhecida como a área de Shitamachi, formavam aquilo que já foi considerado a *"Veneza do Oriente"*[1], uma rede de inúmeras pontes e canais, que eram o principal meio de transporte e serviam de artérias para suporte da cidade. Hoje, o centro de Tóquio está voltado para terra, centrado nas linhas de comunicação. A maioria dos antigos canais foram esquecidos, ocultados por baixo de infraestruturas ou deixados ao abandono. Os pequenos trechos que hoje permanecem, estão longe do olhar humano, afastados da vida quotidiana.

Desde os primórdios da civilização que a relação entre cidade e água, seja ela em forma de mar ou rio, sempre foi muito importante. O contacto funcionou como elemento fundamental na fixação das populações num território, por simbolizar vida, poder e descoberta. No entanto, com o desenvolvimento das civilizações, as frentes de água tornaram-se a localização ideal para a fixação de polos de desenvolvimento económico, e a sociedade acabou por ficar dependente dos mesmos. Nas margens das cidades surge, então, a necessidade de construção de portos marítimos. Como aconteceu em todas as grandes cidades mundiais, incluindo Tóquio, inicialmente a relação entre cidade e porto caracterizava-se como sendo ajustada e harmoniosa, no entanto, sofreu o domínio da ação humana, resultando assim na ideia de dependência dos planos de água e ocupação massiva destas frentes. As margens acabaram por ser fortemente transformadas, resultando no agravamento das condições de poluição ambiental e visual, que levaram não só ao afastamento das atividades urbanas de maior notoriedade, como também das próprias populações. Como consequência de diversos fatores, tanto históricos como económicos, a maioria das frentes de água na cidade de Tóquio, sejam elas em forma de mar, rio ou canais, apresentam-se hoje em dia descaracterizadas.

Com o intuito de pensar nestas questões, surgiram inúmeros planos que visavam revitalizar e regenerar frentes de água, criando espaços vivos nas cidades, entre eles conjuntos habitacionais, espaços de trabalho e comércio, assim como espaços públicos. No Japão, alguns desses exemplos, surgiram a partir do movimento Metabolista com propostas emblemáticas para a baía de Tóquio. Desenvolvidas por vários arquitetos, entre eles Kenzo Tange e Kisho Kurokawa, estes desenvolveram

[1] HIDENOBU, Jinnai – Tokyo: A Spatial Anthropology. 66.

estratégias na medida de definir o papel da baía de Tóquio no contexto do espaço urbano, de modo a responder à seguinte questão: "Poderá a baía de Tóquio no futuro ser um espaço habitável?"

01 *Megaform*: Proposta de Kenzo Tange para a extensão da Baía de Tóquio, 1960

A revitalização e recuperação das frentes de água passa por uma reflexão e um "repensar" na forma como a sociedade nipónica vê as mesmas. Apesar de se registar já uma preocupação em devolver as margens à cidade, especialmente ao longo das margens do rio Sumida (o que corresponderia ao nosso rio Tejo), falta ainda abordar a potencialidade de integrar canais degradados da cidade, num novo contexto urbano, uma vez que muitos dos que ainda existem atravessam áreas com carácter mais residencial.

Nesta lógica, o subtema, **Proposta de um Quarteirão Habitacional Híbrido, no Bairro de Tsukiji, em Tóquio**, partiu do encontro com vestígios daquilo que terá sido um dos canais de Edo. O antigo canal atravessaria o bairro de Tsukiji e ligava ao bairro de Ginza, e estando hoje parcialmente aterrado, parte dele é utilizado como estacionamento, e outra parte num parque urbano desaproveitado e descaracterizado. Situando-se a uma cota muito próxima do nível da água do mar, a construção de edificado ou mesmo infraestruturas de comunicação sobre o próprio (o que acontece em muitos outros canais existentes) é talvez um dos seus maiores desafios. A falta de carácter por aquilo que neste trabalho iremos definir como um percurso, no meio de uma zona urbana consolidada como o distrito de Chuo, abre portas para uma intervenção que transforme uma zona desintegrada e sem identidade, num percurso promotor de uma vivência positiva. Este percurso linear foi a inspiração inicial para a conceção de um programa que revitalize este lugar.

Tsukiji, que significa "terra construída", pertence ao distrito de Chuo. A sua importância para este trabalho revela-se enquanto denominador comum de três momentos fulcrais para a proposta: (1) o canal de Tsukiji enquanto percurso articulador de dois polos culturais: o bairro de Ginza e o mercado do peixe de Tsukiji; (2) a frente ribeirinha com o rio Sumida, e, por último, (3) o mercado de Tsukiji, que se assume como elemento primário e narrativo para a proposta deste lugar.

Cerca de metade de área de Tsukiji é ocupada pelo Mercado de peixe de Tóquio. De maneira que o mercado é coloquialmente conhecido como Tsukji. Hoje, é um bairro com características ímpares que o distinguem do resto da metrópole. O lugar era marcado, até há muito pouco tempo, pelas trocas comerciais do Mercado Interno (conhecido por realizar os leilões de atum) e do comércio de retalho do Mercado Externo (ainda existente). Como grande parte do distrito de Chuo, o número de residentes da área de Tsukiji caiu drasticamente na última geração, e a discrepância entre as populações noturnas e diurnas é significativa. O bairro do Mercado Externo, outrora o lar de muitos que trabalhavam no mercado, agora mal sobrevive como área residencial. No final de 2001, o TMG (*Tokyo Metropolitan Government*) anunciou o novo plano: reconstruir o Mercado Interno (Jonai) na ilha artificial de Toyosu, a este do rio Sumida, um vasto terreno industrial, propriedade da companhia de Gás de Tóquio, que há muito se encontrava desativado. O Mercado Interno, passou então a operar na ilha de Toyosu a partir de Outubro de 2018 e o Mercado Externo mantém-se ainda em Tsukiji. Com a mudança do Mercado Interno para outra localização, o que acontecerá a todos os negócios independentes fora dos seus portões? Irá Tsukiji perder o seu ímpeto?

Nesta linha de ideias, a proposta de projeto desenvolve-se no Bairro de Tsukiji, mais concretamente no quarteirão entre o Mercado Interno e o Mercado Externo de Tsukiji, limitado ainda pelo rio Sumida e a Avenida Harumi. Esta é uma área privilegiada da cidade, que promove o contacto direto com o rio, e num futuro próximo, servirá como uma das portas entre o centro da cidade e a baía, onde decorrerá os Jogos Olímpicos de 2020. O facto de ser um espaço fundamental para a ligação com a baía de Tóquio, e por ser um lugar de memórias vivas provenientes do Mercado de Tsukiji, cria uma necessidade urgente de repensar numa solução para esta zona da cidade. A proposta de um Quarteirão Habitacional Híbrido no Bairro de Tsukiji pretende ir de encontro às vivências e necessidades atuais do Mercado Externo e ir também de encontro à melhor solução para os problemas levantados. De forma a integrar e devolver este quarteirão à cidade, propõe-se uma unidade habitacional híbrida, que aborda conceitos como a flexibilidade, adaptabilidade e o uso misto na habitação, consoante as necessidades da sociedade atual, lembrando que esta se caracteriza como sendo cada vez mais diversificada e inconstante. Agora, diante de um envelhecimento demográfico, uma economia parada, uma mudança de valores e agregados familiares dispersos, é mais uma vez tempo de compreender como a habitação e o planeamento urbano podem influenciar, positivamente, a sociedade japonesa no futuro.

O projeto propõe-se assim, através da implementação de novos serviços e infraestruturas, gerar uma nova vivência urbana. Nesse sentido, pretende-se inverter o atual processo de dispersão dos habitantes para os subúrbios e, através da construção de uma nova tipologia de habitação, acolher a população e comerciantes no centro urbano da cidade. Procura-se saber como intervir da melhor forma no presente quarteirão, tirando partido principalmente da sua história e transformá-lo numa mais valia para a cidade. Pretende-se assim dinamizar e ressuscitar este lugar, reintegrá-lo na malha e vida de Tsukiji, respondendo às carências da cidade e dos seus habitantes.

Por fim, o presente trabalho tem como objetivo devolver o bairro à água, articulando o tecido existente com a qualificação do antigo canal, com propostas de espaços verdes, equipamentos públicos e unidades de habitação híbrida de forma a pensar na potencialidade das suas características como forma de estratégia urbana no presente.

Por se tratar de um tema que aborda um conjunto de questões que, apesar de relacionadas, conservam uma certa autonomia, optou-se por dividir o documento em sete momentos, cujo conteúdo passaremos a anunciar.

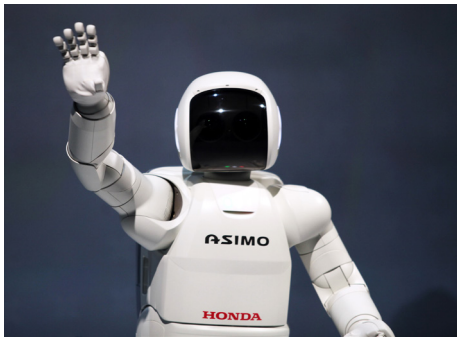
Na primeira parte do documento, através do capítulo da introdução, pretende-se fazer uma análise e leitura pessoal do território. De seguida, no 2º capítulo, "O Território", pretende-se fazer um enquadramento histórico da cidade de Tóquio no sentido de, antes de mais, perceber onde Tsukiji se insere e a sua importância como fragmento desta grande metrópole. No 3º, "O Lugar" incide na leitura e contexto histórico do Bairro de Tsukiji, uma vez que a sua história será elemento narrativo para a proposta de projeto deste lugar. Depois, no 4º capítulo, procura-se compreender os três princípios (*Ku, Oku e Ma*) que são imperativos na compreensão do complexo sistema espacial nipónico, uma vez que as suas características estão inerentes nos elementos que compõem o espaço a qualquer escala. O 5º, dedica-se ao estudo da evolução da organização espacial de umas das tradicionais casas japonesas, a "machiya", como sendo um elemento habitacional híbrido existente desde o período medieval. No 6º, a partir da análise do modelo "machiya", procura-se compreender as noções de carácter híbrido na habitação, evidenciado a potencialidade das suas características como forma de estratégia urbana no presente. E finalmente, encerra-se o documento, com a descrição da proposta de intervenção, passando pela área de intervenção, opções gerais, até à descrição do projeto. Conclui num capítulo de considerações finais, que recorda a importância da escolha dos temas desenvolvidos ao ser feita uma síntese do trabalho, verificando a concretização dos objetivos propostos. Ainda no contexto do trabalho, surge um capítulo de anexos. Aí pode-se encontrar informação que ajuda a uma compreensão mais detalhada do documento escrito.

01.1 A CIDADE ALÉM DO TEMPO

Para uma leitura do Território

Tóquio, é a capital de um país que não tem assistido a desenvolvimento económico nos últimos 25 anos e com um constante declínio demográfico. No entanto, a cidade parece longe de perder o seu ímpeto. Tudo é um paradoxo. A inovação tecnológica conhece aqui o seu expoente máximo à escala global, mas o Japão parece preservar as tradições como nenhuma outra nação. A esperança média de vida é altíssima, e a taxa de suicídio também. O contacto com natureza é muito importante, e a fixação pela tecnologia é absoluta. O minimalismo faz parte da estética e da ética, tal como o consumismo. Alvo de contradições que "fascinantemente" a definem, Tóquio é a metrópole que vive na fronteira entre a tradição e a modernidade. A idade média dos seus edifícios não ultrapassa os 30 anos e a idade média da sua população é de 44 anos.[2] É uma cidade em constante transformação e valorização, caracterizada por uma sociedade de consumo, onde o antigo é de imediato substituído pelo pioneiro e inovador.

[2] STATISTICAL BUREAU, MINISTRY OF INTERNAL AFFAIRS AND COMMUNICATION JAPAN. Japan Statistical Yearbook. The Statistical Handbook of Japan 2015. [Em linha]. [Consult. Janeiro 2018]. Disponível na internet: <URL:https://www.stat.go.jp/english/data/nenkan/back64/index.html>



02 Tradição *vs* Modernidade:

(esq.) *Osenko*, a queima de incenso é praticada na tradição budista como um ato simbólico de purificação. É a aceitação da transitoriedade natural de toda a existência, simbolizada pela fumaça do incenso que se ergue do queimador

(dir.) *ASIMO*, o robô desenhado pela Honda em 2000 com a capacidade de reconhecer objetos em movimento, posturas, gestos, o ambiente circundante, sons, rostos, e ainda permite a interação com os humanos.

É esta contradição entre o antigo e o novo que impulsionará o Japão num eterno regresso à tradição. A estruturação da compreensão entre o passado e o presente manifestar-se-á imperativo à compreensão de uma sociedade que venera a natureza, o vazio e a transformação constante.

"To foreign visitors and even too many residents, Tokyo appears to be a paradigm of urban chaos, spatially confusing and structurally illegible. Nevertheless, every city with a long history possesses an internal logic in its physical form, however unclear or inconsistent this logic may appear at first, and Tokyo is no exception." [3]

Tóquio é uma cidade feita de muitas partes. A sua aparente falta de estrutura faz com que seja confusa e difícil de entender. Não existe o designado "centro" ou a "praça" da cidade. As ruas não têm nome e parecem levar a nenhum lugar em particular. Há uma total falta de hierarquia e ordem no ambiente construído. Contudo, a estrutura da cidade de Tóquio não se encontra na sua forma física. O eclético e caótico tecido urbano de Tóquio, preservado por um campo mítico, tem provado ser profundamente resiliente: a cidade foi capaz de transformar-se, ao longo de guerras e terramotos, de Edo feudalista na moderna Tóquio de hoje, mantendo grande parte da sua estrutura original e dela o significado. Alguns sugerem que a estrutura urbana de Tóquio não se encontra na sua forma física, mas que outra camada, impercetível, mas dominante, a define. Uma camada com um significado simbólico, um campo mítico que transmite uma certa coerência e que explica a paisagem fragmentada e em constante transformação. Um campo definido por elementos simbólicos que traduzem na sua maioria a importância dos aspetos culturais nipónicos.

"For the Japanese, land is a living entity; that is the basis of their reverence for land, a feeling deeply rooted in folk beliefs." [4]

Os elementos que compõem o campo mítico são temporais ao invés de permanentes, definidos por ações e não por objetos. Isto diz respeito a uma compressão da efemeridade do tempo, aspeto fundamental da cultura nipónica. Por exemplo,

[3] MAKI, Fumihiko – Nurturing Dreams: Collected Essays on Architecture and the City. p. 150.
[4] MAKI, Fumihiko – Nurturing Dreams: Collected Essays on Architecture and the City. p. 166

o ritual de renovação do grande Santuário Ise[5] (Shikinen Sengu) que decorre sucessivamente de 20 em 20 anos, num total de 32 cerimónias, por um período de 8 anos, propõe o revisitar contínuo do primeiro gesto de reconhecimento de lugar. O santuário coloca-se na fronteira entre o passado e o presente, sobrepondo os acontecimentos a uma existência fundamental à metamorfose do velho no novo e da cópia no original. A transição entre o edifício original e a cópia reforça a natureza efémera da arquitetura japonesa, em que a memória reside não no objeto, mas na possibilidade de o materializar.

Contrariamente à cultura ocidental, o valor monumental é ligado não ao monumento estático construído, mas às tradições e rituais. O objeto ou edifício monumental é substituído pela perpetuação de uma ação, que por sua vez se torna numa tradição. Por meio dessa mitificação, os rituais desafiam o tempo, transpondo-o assim, num processo infinito.

03 Santuário de Isé

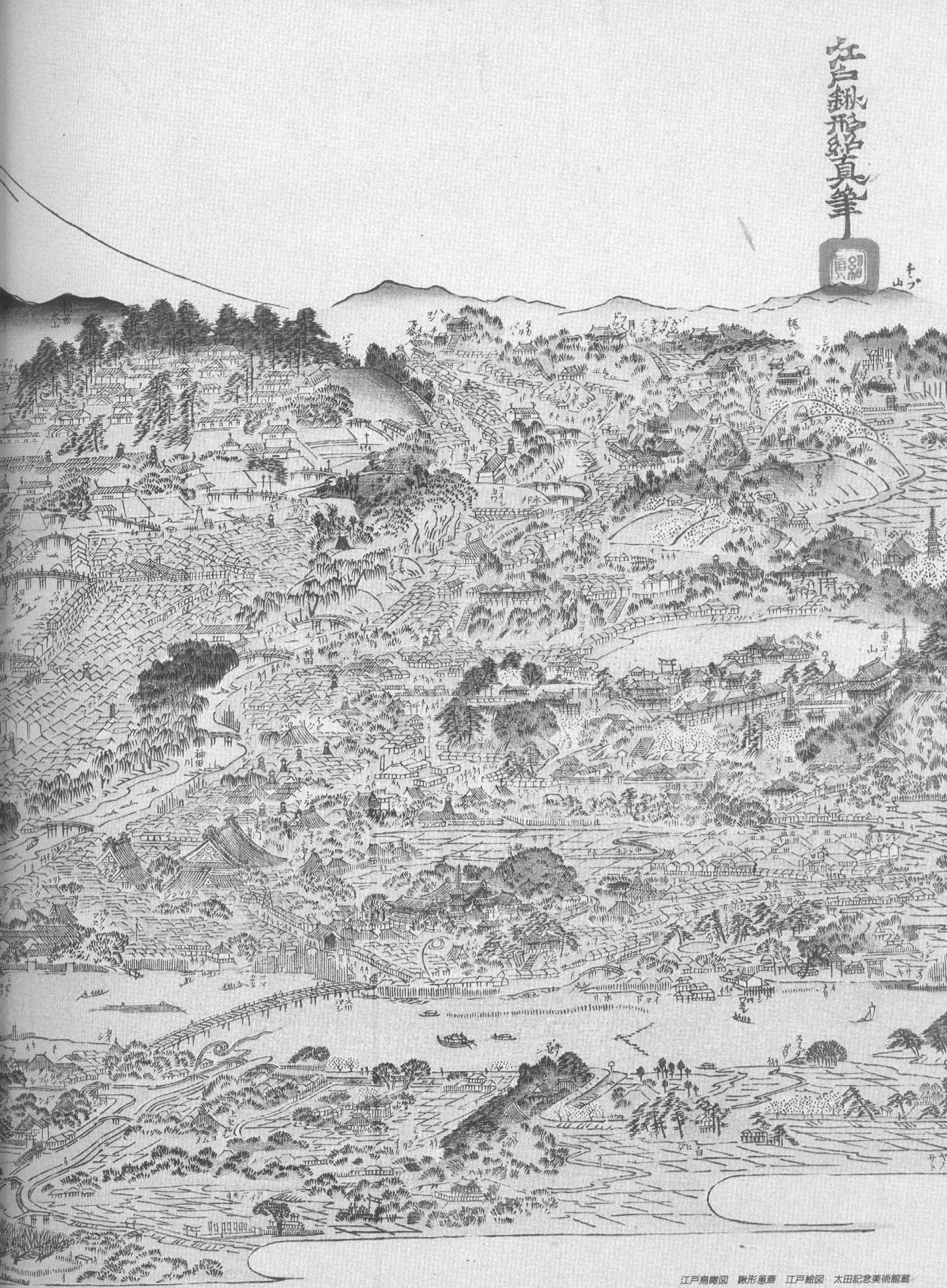
"Isé, a província do vento divino, kamikaze, por ser a terra para onde se dirigem as ondas do mundo interno, é o santuário protegido pelo imperador, que tem por obrigação reconstruí-lo a cada vinte anos com os materiais mais puros encontrados em todo o Japão." [6]

[5] Santuário Xintoísta dedicado à deusa do Sol, Amaterasu, situado na cidade de Ise, na província de Mie.

[6] CARVALHO, Eduardo Kol – O império da imagem: Luzes e sombras do Japão. p. 95.

02 O TERRITÓRIO | TÓQUIO 東 京

04 Imagem ilustrativa da cidade de Edo, 1809.



江戸鳥瞰図　鍬形蕙斎　江戸絵図　太田記念美術館蔵

JOMON
1000 a.C - 300 a.C
YAYOI
300 a.C - 300 d.C
KOFUN
300 - 538

ANTIGUIDADE

ASUKA
538 - 710
NARA
710 - 794
HEIAN
794 - 1185

PERÍODO MEDIEVAL

KAMAKURA
1185 - 1333
RESTAURAÇÃO DE KENMU
1333 - 1336
MUROMACHI
1336 - 1573
MOMOYAMA
1573 - 1603

PERÍODOS HISTÓRICOS

PERÍODO MODERNO		PERÍODO CONTEMPORÂNEO
EDO	RESTAURAÇÃO DE MEIJI	SHOWA (OCUPAÇÃO DURANTE O PÓS-GUERRA)
1603 - 1868	1868 - 1912	1945 - 1952
	TAISHO	SHOWA (PÓS-OCUPAÇÃO)
	1912 - 1926	1952 - 1989
	SHOWA	HEISEI
	1926 - 1945	1989 - Hoje

"A revolução de Meiji, na segunda metade do século XIX, reforçou a vertente comercial ao mesmo tempo que acabou com as classes dos samurais e da aristocracia nipónica. Simultaneamente introduziu-se o comboio, que dirige, condiciona e motiva o desenvolvimento urbano. Com a Segunda Guerra Mundial, ou no caso de Tóquio, antes disso, com o grande terramoto de 1923, as cidades são, se não totalmente arrasadas, severamente destruídas (...) Tóquio não é poupada aos devastadores bombardeamentos americanos em 1944 e 1945 (...) o governo central e os governos locais vão cuidar das infraestruturas (...) e a iniciativa privada da reconstrução do edificado. Mantém-se intacta a matriz urbana preexistente, donde ressalta a estrutura fundiária baseada no pequeno lote (...) Onde existia uma pequena construção unifamiliar ou um campo de arroz pode ver-se hoje um esguio edifício de múltiplos pisos que substituiu a estrutura de madeira por outra de aço (...) Consolida-se assim a grande cidade constituída por milhares de pequenas aldeias "agarradas" pelas vias de distribuição, que, no caso de Tóquio, ocupam muitas vezes o lugar dos antigos canais, agora desviados ou disciplinados, pois aquela que poderá ter sido uma "Veneza do Oriente" escondeu dos olhares do transeunte os imensos braços de água bem patentes nas cartas antigas." [7]

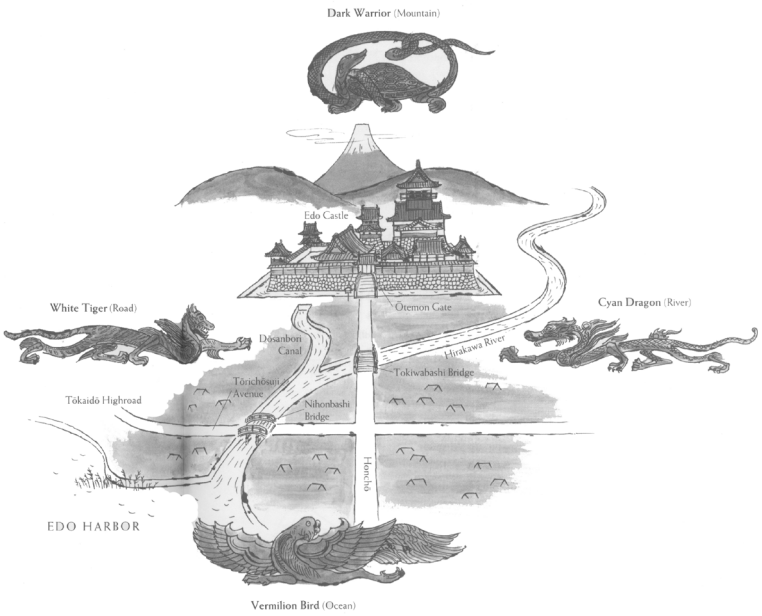
[7] CARVALHO, Eduardo Kol – O Império da Imagem: Luzes e sombras do Japão. p. 44 - 45.

02.1 EDO, A *"VENEZA DO ORIENTE"*

A cidade de *Tokyo* [*To*]+[*Kyo*] (capital do Leste), até 1868 denominada por Edo, é a mais vasta herança deixada pelo governo Tokugawa (1603-1868). Nasceu no lugar de uma vila piscatória e hoje ostenta ser uma das maiores aglomerações urbanas do mundo. A cidade foi fundada em 1457 com a construção do Castelo de Edo (atual Palácio Imperial) sob ordens do general Ōta Dōkan (1432-86) e posteriormente expandido por Tokugawa Ieyasu, fundador do Shogunato Tokugawa em 1603.

Edo, que significa estuário, representava as terras baixas onde o Rio Sumida e a baía de Edo (atualmente a baía de Tóquio) se encontravam. A Oeste, na extensa planície de Kanto notável pelas colinas que dela sobressiam, corriam rios e pântanos que convergiam na vasta baía, formando enseadas ao longo da sua costa. A Norte da baía corria o rio Hirakawa, lugar onde os primeiros habitantes desta região construíram a vila de Hirakawa e onde posteriormente Ōta Dōkan deu lugar ao castelo. A cidade foi projetada de acordo com o modelo urbano da capital *Kyoto* (adaptação da cidade chinesa de Chang'na), com o Castelo de Edo no centro e cimeiro na planície de Kanto. O modelo é caracterizado pelas quatro direções cardeais, cada uma traduz significados simbólicos distintos e uma importância estratégica a que a topografia de Edo corresponde de imediato.

05 Mapa Ilustrativo de Edo antes da chegada do shogun Tokugawa Ieyasu

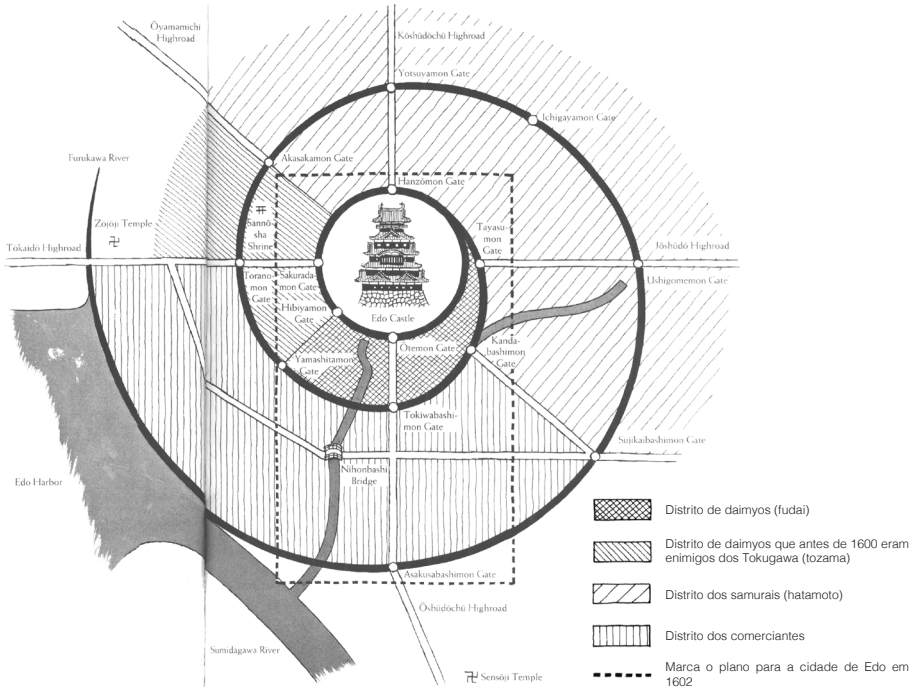


06 Ilustração do modelo caracterizado pelas quatro direções cardeais

Em 1603 Tokugawa Ieyasu estabelece-se na cidade de Edo e com a implementação do regime de Shogunato centralizou na cidade que viria a ser a Capital do Leste, o poder político e governamental do Japão durante 265 anos. Durante este período o sistema urbano nipónico dividiu-se entre três principais cidades: Edo como centro político e administrativo, Osaka como centro comercial e financeiro, e Kyoto como centro das artes tradicionais, do artesanato e capital imperial ancestral.[8] No início do século XVIII, Edo já alcançava uma população de mais de um milhão de habitantes, tornando-se na cidade mais povoada do mundo.[9] Desenvolveu-se de acordo com os princípios de uma cidade-castelo[10] (jōkamachi) - princípio basilar na fundação de diversas cidades japonesas – contudo, depois da sua reconstrução após o Grande Incêndio de Meireki em 1657[11], a cidade expandiu para além da sua estrutura original, fundindo-se com o vasto cenário natural que a rodeava. Estendeu-se deste modo, numa paisagem recortada e densamente povoada, aberta ao mar a Este e vigiada pelo sagrado Monte Fuji a Oeste.

O zonamento e hierarquização da cidade de Edo retratavam injunções do Shogun e dos senhores feudais (daimyo), estruturando a cidade num movimento helicoidal com centralidade no castelo. A linha espiralada seguia o rígido sistema de hierarquia social de Tokugawa, definindo as imediações do castelo os terrenos dos senhores feudais, enquanto as terras baixas e mais fragmentadas eram dispostas à classe trabalhadora (machichi), composta por camponeses (heimin), artesões (shōkunin) e comerciantes (chōnin).

07 Ilustração do modelo em espiral incorporado com o modelo anterior ilustrado na imagem 06



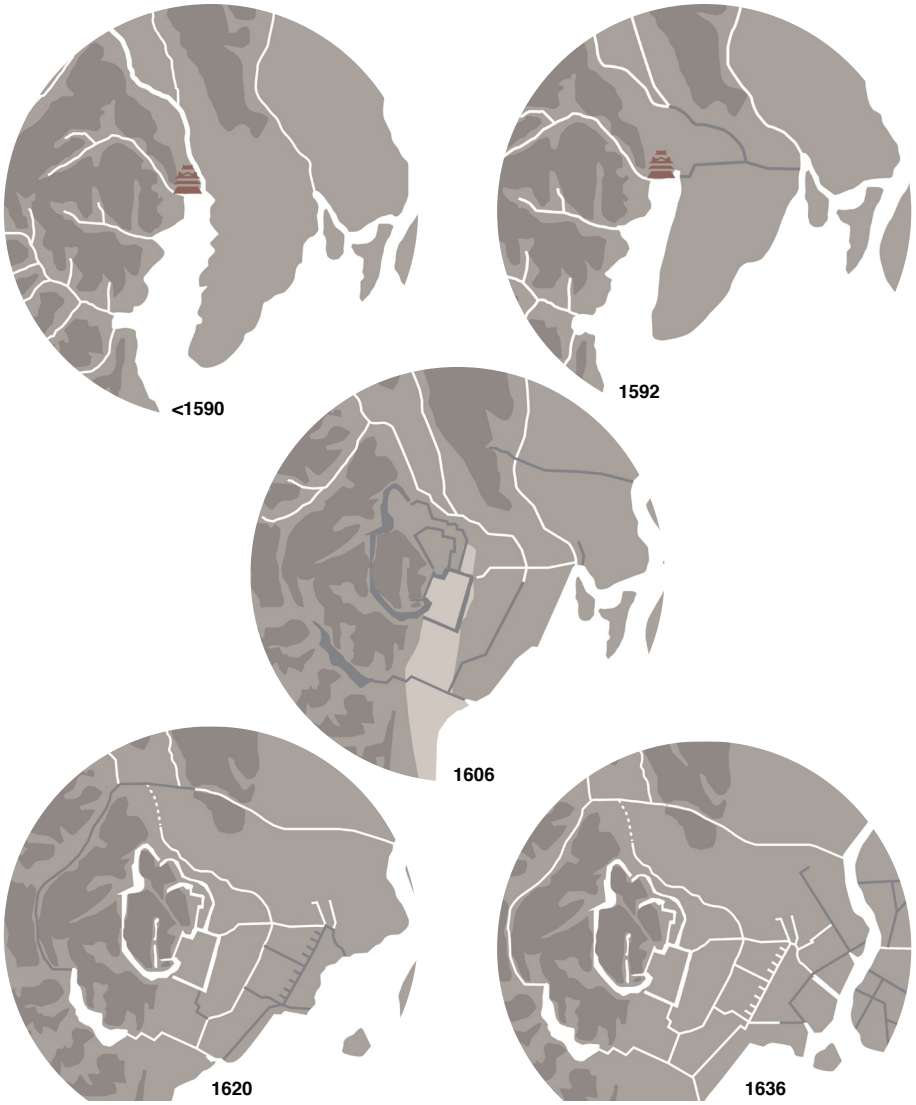
[8] SORENSEN, André – The Making of Urban Japan: Cities and Planning from Edo to the twenty-first century. p. 12.

[9] SORENSEN, André – The Making of Urban Japan: Cities and Planning from Edo to the twenty-first century. p. 16 - 17.

[10] As cidades-castelo no Japão, referem-se a um tipo de estrutura urbana em que a cidade rodeia o castelo pertencente a um senhor feudal.

[11] Incêndio que ocorreu a 2 de Março de 1657 e que devastou mais de 50% da cidade de Edo.

O movimento em espiral, ordenado por Tokugawa Ieyasu, foi definido a partir da construção de uma rede de canais que acompanhariam o desenvolvimento da cidade e que formariam as divisões distritais da cidade. No entanto, não foi apenas a rede de canais que foi concebida intencionalmente. Cursos inteiros de rios foram criados e transformados. Há cerca de 6000 anos, no período Jōmon (10000 a.c - 300 a.c), o oceano escondia cerca de metade de área da cidade de Tóquio. Pensa-se que por ordem de Ota Dokan[12], o fluxo de um dos principais rios que atravessava a cidade e corria até à baía – o rio Hirakawa - foi redirecionado em direção a Nihonbashi. Com a tomada de posse de Tokugawa Ieyasu, e a fim de proteger a área reclamada de Nihonbashi de inundações, o canal do rio Kandagawa foi inaugurado e o rio Hirakawa foi desviado para Este, para desaguar no rio Sumida. Os rios tinham um papel fundamental uma vez que eram fontes de água potável para a população e para a irrigação das terras, e serviam ainda para proteger as cidades. Embora alguns dos rios naturais da planície de Kanto tenham sido desviados, o resultado foi uma rede orgânica de rios e canais fundamentalmente de acordo com a topografia existente.



08 Mapas ilustrativos da evolução da rede de canais na cidade de Edo

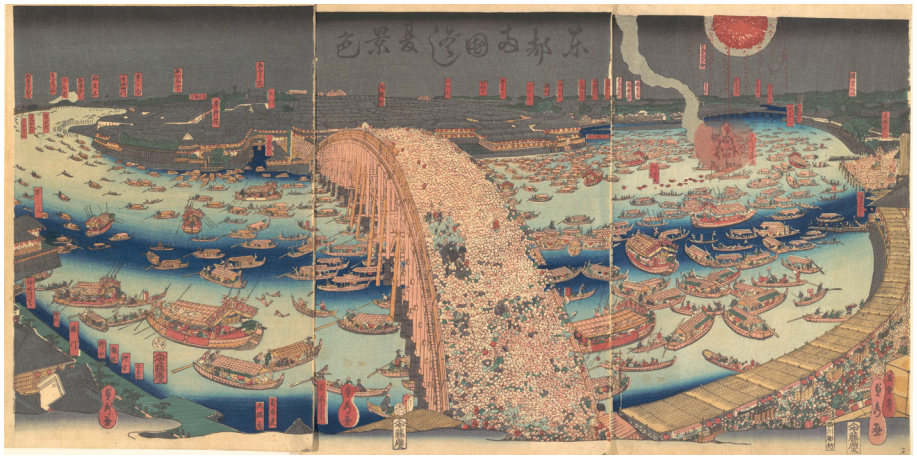
[12] GRAAF, Rutger de; HOOIMEIJER, Fransje – Urban Water in Japan. p. 23.

As terras baixas, também conhecidas como shitamachi, formaram aquilo que já foi considerado a “Veneza do Oriente”, uma rede de inúmeros canais e pontes, pois os canais de Edo eram o principal meio de transporte e serviam de artérias para suporte da cidade, social, cultural e economicamente. Tudo coexistia harmoniosamente ao longo dos eixos formados por rios e canais. Lugares como Nihonbashi – onde o passado se confronta com o presente – que foi o principal centro mercantil e cultural de Edo. Multidões de pessoas reuniam-se diariamente nos sopés da ponte de Nihonbashi (Japão [Nihon] + Ponte [Bashi]), uma vez que serviam a população de Edo como uma espécie de praça pública. A ponte, também considerada como o “quilómetro zero” de Edo, era o ponto de convergência das principais estradas que saíam da cidade para o resto do país. Shitamachi, também conhecida como “Low City”, ocupava 30% da cidade de Edo e chegou a atingir uma densidade populacional de 58 000 hab/km2 . Desenhada a partir do modelo chinês referido anteriormente, shitamachi exibia uma grelha urbana composta por blocos regulares geralmente de forma quadrada (chō), configurados de acordo com a orientação sugerida pelos canais e as ruas alinhadas em direção ao Monte Fuji (a Oeste), como se pode ver em muitas gravuras de Hiroshige[13] e Hokusai.[14]

09 Evolução da ponte de Nihonbashi (esq.) Edo (dir.) Meiji (baixo) Hoje

[13] Hiroshige Utagawa (広重 歌川), pintor e gravurista do período Edo, autor de “100 vistas de Edo”.

[14] Hokusai Katsuhika (北斎 葛飾), pintor e gravurista do período Edo, autor de “36 vistas do Monte Fuji” e “A Grande Onda de Kanagawa”.



10 Ponte Ryōgokubashi sobre o Rio Sumida, construída em 1659

"(…) the bustling squares and landmarks that attracted crowds of people coexisted with the city's waterways (...) the energies of the city were overwhelmingly concentrated at the water's edge (…) Edo was seen as an affluent city of water." [15]

11 *Edo Meisho Ikken Sugoroku*, 1857-1859 (esq.)

"The high city (Yamanote) *as a garden city and the low city* (Shitamachi) *as a city of water."* [16]

12 *Suruga-chō*, 1856 (dir.)

"Mount Fuji stands as a focal point in the background. Although physically distant, it has been pulled markedly closer; it is drawn with bold exaggeration in order to dramatize its role as a symbol of the city." [17]

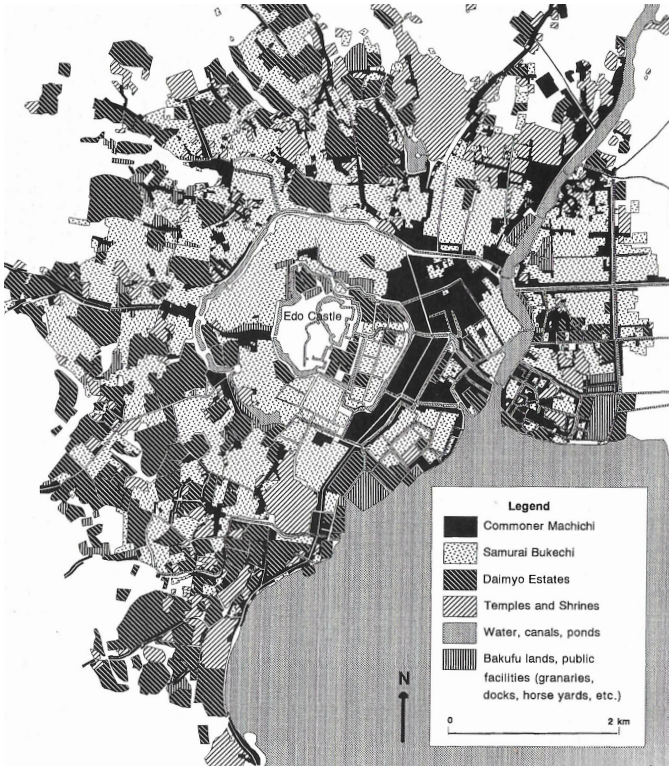
As terras altas situadas a Oeste do castelo, área também conhecida como Yamanote, pertenciam à classe alta onde viviam os daimyo, senhores feudais - proprietários e governantes das terras - e os samurais, cujo papel era a proteção dos seus senhores e respetivas terras. Templos e santuários que rodeavam a cidade de Edo, tendiam a evitar os espaços profanos das movimentadas ruas da cidade, envolvendo-se por entre a densa arborização das colinas de Yamanote nos lugares mais periféricos.

O posicionamento de templos e lugares sagrados é fundamental para a leitura da cidade de Tóquio e da sua organização estrutural. Os três grandes templos de Edo – Sensō-ji, Tōeisan Kan'ei-ji e Zōjo-ji – situados em pontos extremos da cidade, segundo práticas Taoistas, desempenhavam o papel de protetores da cidade. A ligação da cultura nipónica com o meio natural, fez com que outros lugares de contemplação e entretenimento crescessem em torno desses templos, resultando na definição de uma cidade composta por infindáveis bairros e comunidades, uma

[15] HIDENOBU, Jinnai – Tokyo: A Spatial Anthropology. p. 67 - 69.
[16] HIDENOBU, Jinnai – Tokyo: A Spatial Anthropology. p. 70.
[17] HIDENOBU, Jinnai – Tokyo: A Spatial Anthropology. p. 67 - 69.

vez que os templos usufruíam de alguns dos únicos espaços abertos publicamente acessíveis, e onde multidões de pessoas tinham a possibilidade de reunir-se para ações festivas e religiosas. A cidade estendeu-se assim, pela vasta e fértil planície de Kanto em direção aos templos e santuários nas montanhas, que até então eram distantes do berço de Edo.

13 Mapa ilustrativo com as estradas principais e os três templos protetores da cidade de Edo, ~1850



14 Estrutura espacial da cidade de Edo, 1859

15 Mapa de Edo, *Kan-ei Edo Zenzu*, 1643

16 Mapa de Edo, 1850

02.2 DE EDO A *TOKYO*

Em 1868, com a liderança do imperador Meiji, Edo passa a designar-se Tóquio (capital do Leste) suplantando a então capital *Kyoto* e assumindo-se como o novo centro político, económico, social e cultural do império nipónico. O novo regime, a Restauração de Meiji (1868-1912), aboliu o velho sistema feudal e assumiu-se como um dos principais marcos da história japonesa, pelas profundas transformações ao nível político, social e económico. Com o incentivo de modernizar o Império do Sol Nascente, abriram-se as portas do império ao Ocidente, e fruto das relações construídas, novas tecnologias e costumes invadem a cidade, transformando a paisagem de Edo na "nova" Tóquio.

Em contraste com o descentralizado governo de Edo, a Restauração de Meiji centralizou o governo japonês, gerando o início de uma potência mundial capaz de enfrentar e superar os desenvolvimentos ocidentais. Como tal, a capacidade de um governo central encarregado de todas as decisões, tornou-se numa manobra decisiva para influenciar futuras propostas ao nível do planeamento urbano. Desta forma, o papel dos governos e outros atores locais no desenvolvimento de iniciativas de planeamento urbano refletiam as prioridades e interesses do governo central.

A primeira transformação significativa ao nível urbano delineado pelo governo foi precipitada pelo incêndio de 1872, quatro anos após a Restauração de Meiji, e que destruiu cerca de 3000 casas no bairro central de Ginza. Lugar de grande importância, delimitado pelo centro mercantil de Nihonbashi a Norte, e a Este pelo bairro de Tsukiji, escolhido para residência de grande parte da população estrangeira. O incêndio gerou um novo modelo urbano. As ruas, agora alargadas e com carácter europeu, deram lugar a edifícios em tijolo vermelho com maior resistência ao fogo, uma das principais preocupações do governo Meiji. O estilo Giyofu (adaptações do estilo arquitetónico ocidental em edifícios japoneses) ganha forma em diversos edifícios de serviços da cidade. Edifícios estes, do antigo regime, que depois de abandonados serviram de conduta para as recentes e indispensáveis funções da nova capital. Efetivamente, edifícios públicos durante este período tornam-se os santuários da nova era, fruto de uma visão progressista e iluminista.[18]

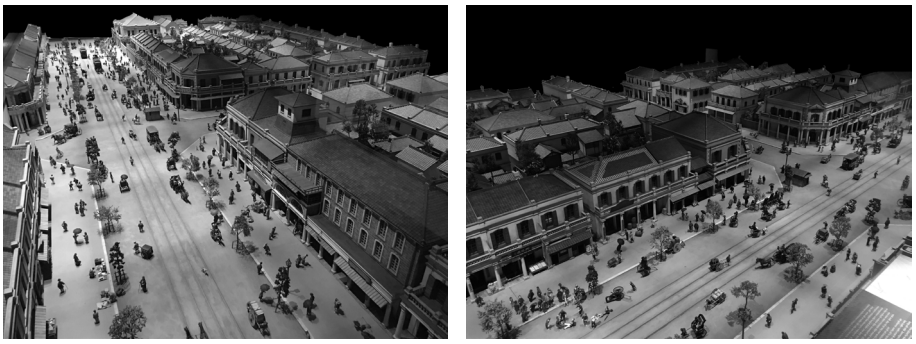
Paralelamente, a Restauração de Meiji convoca o início do período de industrialização do país, dando lugar a novas infraestruturas e novos meios de transporte. É inaugurada em 1872 a primeira linha ferroviária (Tóquio - Yokohama), afirmando o começo do principal sistema de infraestrutura e comunicação do Japão. Começa assim um novo ciclo de expansão, impulsionado pela influência de uma economia de mercado e uma revolução industrial.

O período de transição, paralelamente com a persecução pela modernização da cidade de Tóquio, transformou aquela que antes foi uma cidade de água (suportada por pontes, rios e canais) numa cidade de terra. Os canais que outrora integraram o mais importante sistema de comunicação e suportaram as diversas atividades económicas de Edo, perderam a sua importância face ao aparecimento do automóvel, do comboio e da grande indústria. Após a Restauração de Meiji, fábricas tomaram o lugar de frentes ribeirinhas, o que resultou no deterioramento das águas, exonerando rios e canais do seu valor utilitário, paisagístico e simbólico.

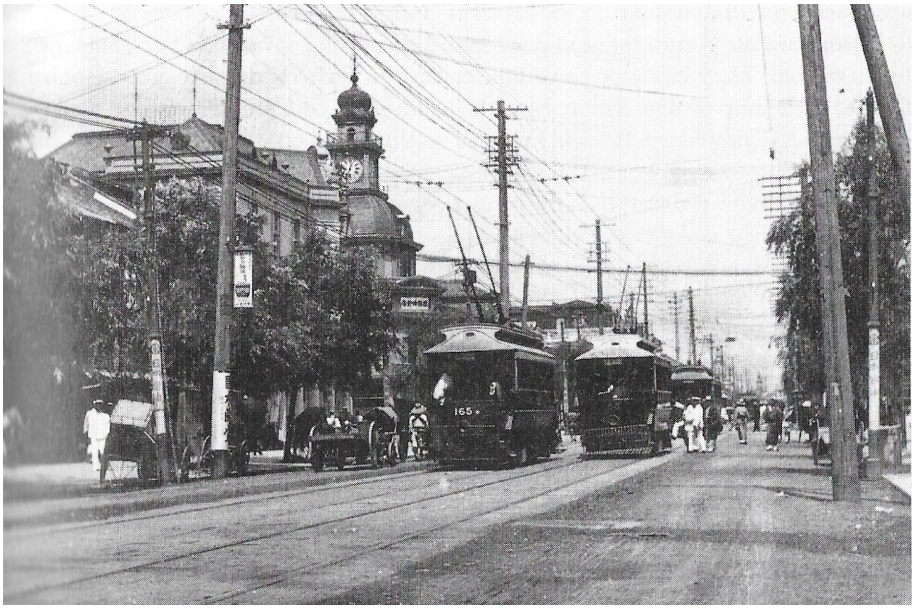
17 Bairro de Ginza, 1873

[18] HIDENOBU, Jinnai – Tokyo: A Spatial Anthropology. p. 168.

"After the Meiji period, the edge of the Sumida River and Tokyo Bay increasingly took on the character of an industrial belt devoted to industry and economic growth; as factories and warehouses were built, the city's populace was gradually driven from the waterside." [19]



18 Maquete ilustrativa de *"Ginza Brick Town",* 1882-1886



19 Elétricos no bairro de Ginza, período Meiji

[19] HIDENOBU, Jinnai – Tokyo: A Spatial Anthropology. p. 105.

02.3 A CIDADE QUE NASCEU DAS CINZAS

Tóquio, fundada há cerca de 420 anos atrás, foi capital do poder político do governo Tokugawa. Floresceu durante cerca de 300 anos como cidade de "Edo", a vibrante cidade que alcançou mais de um milhão de habitantes. Após a Restauração de Meiji (1868-1912) e por sua vez com o sistema feudal abolido, o império abriu as portas da "nova" Tóquio ao Ocidente, onde os seus valores culturais e progressistas influenciaram e desencadearam um período de prosperidade. O virar do século XX, já durante o período Taishō (1912-1926), foi marcado por profundas transformações ao nível legislativo relacionadas com a arquitetura e o urbanismo, que por sua vez alicerçaram e permitiram um exponencial crescimento de Tóquio assente na forte industrialização do país. No entanto, como resultado, a rápida expansão urbana gerou problemas ao nível de gestão do desenvolvimento urbano, particularmente nas principais áreas metropolitanas de Tóquio e outras grandes cidades do território japonês, como *Osaka, Kyoto, Nagoya, Kobe* e *Yokohama*. Enquanto a cidade de Tóquio registou um crescimento populacional de 1.480.000 em 1905 para 2.070.000 em 1930, a população de 82 cidades e vilas contíguas a Tóquio aumentou de 420.000 para 2.900.000 durante o mesmo período. Um crescimento comparavelmente significativo. Como resposta, em 1919 o governo japonês pôs em prática medidas de planeamento urbano, conhecidas como *City Planning Law* e *Urban Buldings Law*, que orientariam o planeamento urbano do Japão até 1968, tendo um efeito profundo no desenvolvimento do período pós-guerra. O plano urbano de 1919 teve cinco

componentes principais: um sistema de zonamento do uso do território, um código do edificado (*Urban Buildings Law*) utilizado para regular a construção, um sistema para controlar a ocupação e crescimento das periferias, uma revisão do TCIO (*Tokyo City Improvement Ordinance*) sobre instalações públicas e por último, um sistema de reajuste de terras. No entanto, estes foram interrompidos pelo Grande Terramoto e Incêndio de Kanto de 1923 e posteriormente pelo cataclismo dos bombardeamentos da Segunda Guerra Mundial. O terramoto, à semelhança do grande terramoto de Lisboa em 1755, foi seguido de um maremoto que arrasou sobretudo áreas costeiras. No centro da cidade, os edifícios que possam ter sobrevivido foram de seguida devastados pelo despoletar de múltiplos incêndios, que destruíram acima de 50% da cidade. As áreas centrais densamente povoadas e de carácter tradicional, descendentes da Era Edo, que outrora foram lugar de milhões de comerciantes e artesões – "a alma da cidade" [20] – foram praticamente todas destruídas pelo fogo.[21]

O plano de reconstrução após o Terramoto, dirigido por Shimpei Goto [22], provocou novas possibilidades ao nível do planeamento urbano a grande escala, prevendo o alargamento de ruas, construção de novas pontes sobre o Grande Rio (Rio Sumida) e a implementação de parques urbanos (*"Vest-Pocket Parks"* [23]) distribuídos pela área metropolitana. Procurou-se particularmente reforçar e melhorar os mecanismos no combate a incêndios, uma vez que estes, associados aos terramotos, provocaram as principais devastações da cidade. O terramoto conduziu novamente à reconstrução do bairro de Ginza e outros distritos da área central de Tóquio, assim como motivou a expansão de novas infraestruturas de comunicação. Paralelamente a novas linhas de comboio construídas, surgiu em 1927 a primeira linha de metropolitano, a atual *Ginza Line*, a construção do aeroporto de Haneda em 1931 e o porto de Yokohama em 1941.

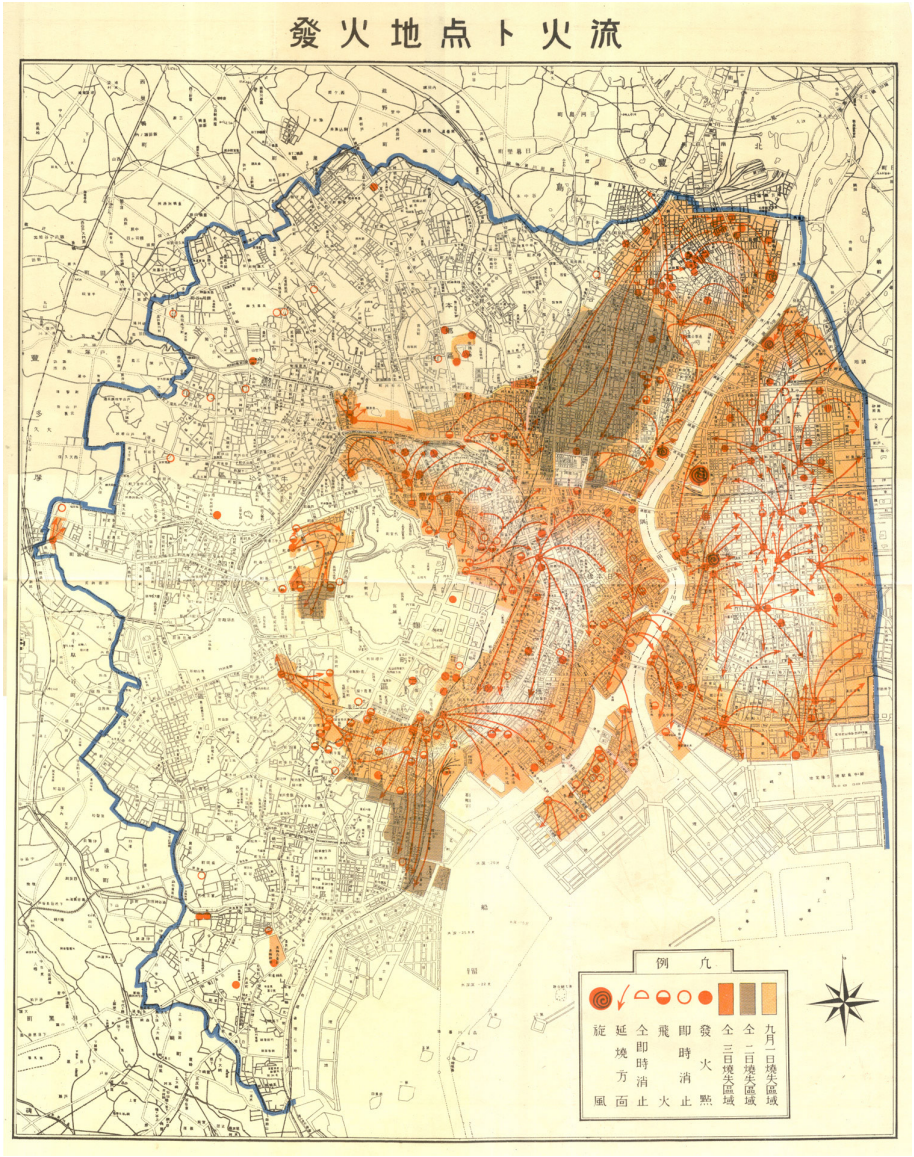
Anos mais tarde, com o envolvimento do Japão na Segunda Guerra Mundial, o Japão depara-se com um novo período de profundas transformações. Os principais centros urbanos do país foram alvo dos bombardeamentos norte-americanos e duas cidades, Hiroshima e Nagasaki, foram totalmente dissipadas, devido a duas bombas atómicas. O Japão e as Forças Aliadas supervisionaram a tarefa de ressuscitar o Japão e, mais uma vez, reestruturar e reconstruir o país.

[20] SEIDENSTICKER, Edward – Tokyo: from Edo to Showa 1867 - 1989. p. 27.

[21] SORENSEN, André – The Making of Urban Japan: Cities and Planning from Edo to the twenty-first century. p. 125.

[22] Ministro do Interior em1923.

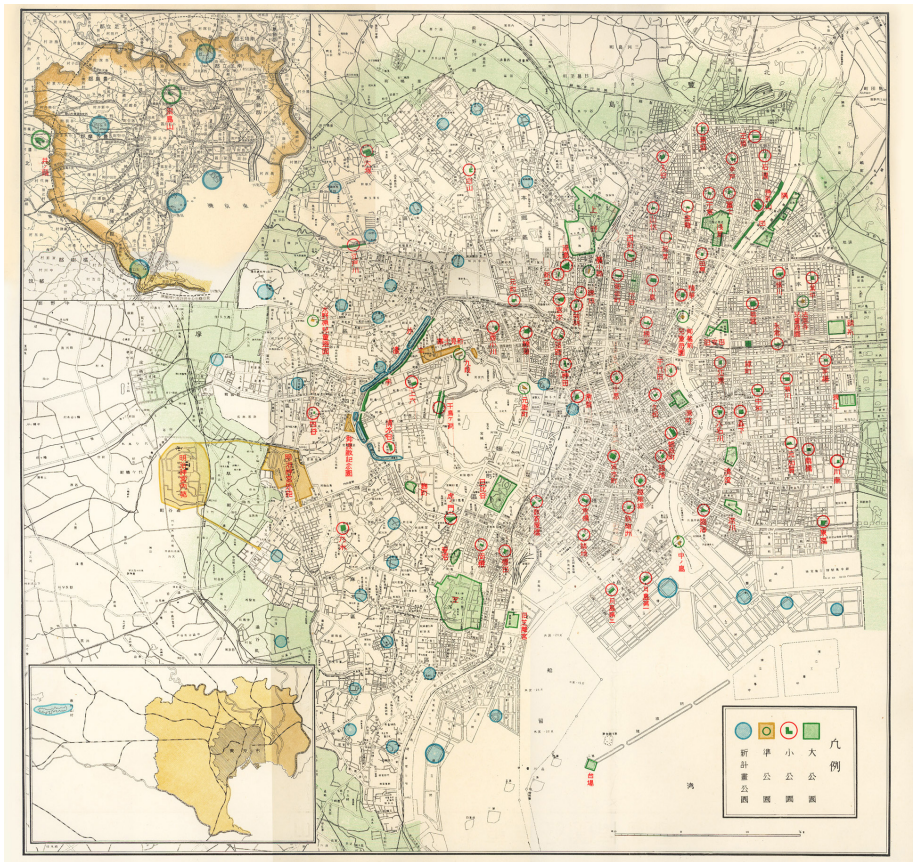
[23] Ideia importada dos Estados Unidos, com o objetivo de integrar espaços livres e com carácter polivalente que funcionam como parques infantis e espaços de convívio, assim como, espaços de evacuação em casos de emergência. In HIDENOBU, Jinnai – Tokyo: A Spatial Anthropology. p. 198.



20 Localização dos incêndios e a sua propagação no dia do grande terramoto de Kanto em 1923

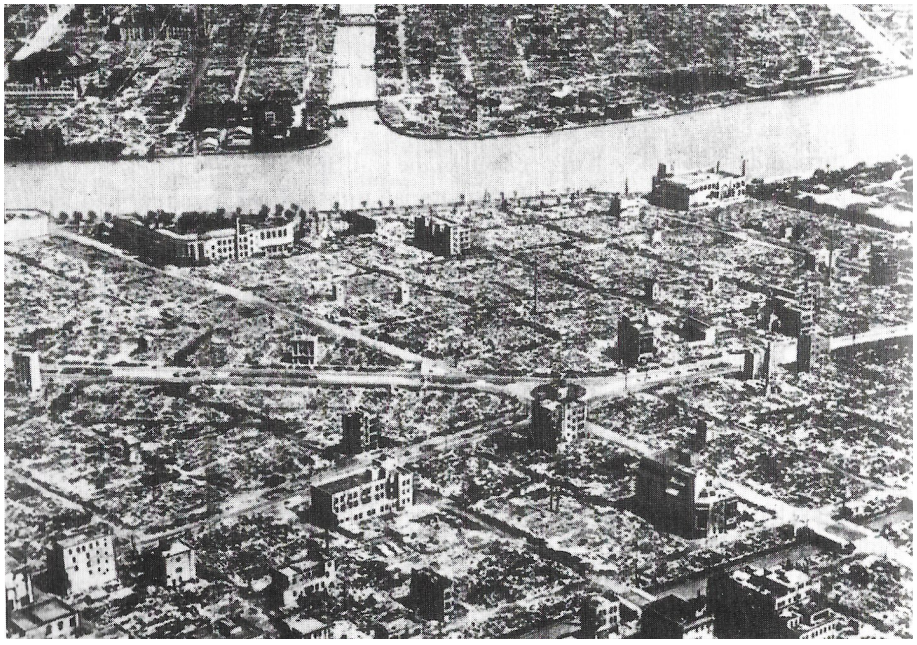
21 Ponte Nihonbashi antes do terramoto de 1923 (esq.) e depois do terramoto (dir.)

22 Plano de Reconstrução para Tóquio após o terramoto de 1923, dirigido por Shimpei Goto



23 Planeamento das áreas verdes (parques) e dos "*Vest-Pocket Parks*" para a área metropolitana de Tóquio após o terramoto de 1923

24 Aviões de combate com destino ao Japão durante a Segunda Guerra Mundial, 1940



25 Destruição do distrito de Honjo e Rio Sumida durante a Segunda Guerra Mundial, 1945

02.4 O PERÍODO PÓS-GUERRA

O período pós-guerra caracteriza-se por um forte crescimento urbano, assente numa enorme recuperação económica, pelo que durante as décadas de 50 e 60 do século XX, o Japão torna-se na segunda maior potência do mundo – o conhecido "milagre económico japonês" à semelhança do "wirtschaftswunder", na Alemanha, igualmente após a Segunda Guerra Mundial. O advento subsequente trouxe alterações demográficas muito acentuadas, no qual a região metropolitana de Tóquio registou um aumento de 15 milhões para 21 milhões de pessoas, no período entre 1955 e 1965.

Em 1959, 14 anos após o fim da guerra, Tóquio consegue o lugar de anfitrião para os Jogos Olímpicos de Verão de 1964, o que serve de alavanca para a consolidação e expansão de toda a rede infraestrutural do país, e em particular de Tóquio. A linha de comboio "Shinkansen" (*Bullet Train* ou o "TGV japonês"), o Monocarril de Haneda e as elevadas vias "*expressway*" garantem uma nova dimensão de mobilidade e acessibilidade à cidade de Tóquio.

No mesmo ano de 1959, num cenário pós-guerra, surgiu o movimento metabolista, fundado por Kenzo Tange, pela primeira vez na reunião do CIAM (*Congrès International d'Architecture Moderne*). Kisho Kurokawa, Fumihiko Maki e Kiyonori Kikutake participaram na preparação do manifesto "*Metabolism 1960*", contribuindo

com os ensaios, *Towards Group Form, Ocean City, Space City* e *Material and Man*. O manifesto começou com a seguinte declaração: *"Metabolism is the name of the group, in which each member proposes further designs of our coming world through his concrete designs and illustrations. We regard human society as a vital process - a continuous development from atom to nebula. The reason why we use such a biological word, metabolism, is that we believe design and technology should be a denotation of human society. We are not going to accept metabolism as a natural process, but try to encourage active metabolic development of our society through our proposals."* [24]

O massivo investimento infraestrutural criou um conjunto de redes cada vez mais densas e complexas, afirmando-se como a estrutura óssea que compreende o tecido de uma metrópole e consequentemente de todo o território nipónico. Por sua vez, o desenvolvimento das linhas de comunicação rompeu o plano da cidade, e uma vez que não existia um plano urbano para a proteger ou preservar, a cidade cresceu implacavelmente para lá dos limites, e sem restrições.

No final dos anos 60 e depois de décadas sob expansão descontrolada, o governo incentivou a construção de novos subúrbios – os chamados "*New Towns*" - para acomodar o forte crescimento populacional. Simultaneamente, as empresas ferroviárias privadas que já haviam incentivado o desenvolvimento habitacional ao longo dos corredores ferroviários recém-construídos nos anos 20, facilitaram ainda mais o processo de suburbanização.[25]

O rápido crescimento económico e a reconstrução do país durante as décadas de 50 e 60 foi amplamente apoiado e os benefícios do crescimento económico foram claramente visíveis e compartilhados. No entanto, não tardou muito, que surgisse um grande problema causado pela rápida industrialização: uma crise ambiental. A concentração e aglomeração do desenvolvimento industrial no designado corredor do "*Pacific Belt*" [26], facilitou a aceleração do crescimento económico, mas também resultou na concentração dos efeitos negativos do crescimento industrial e demográfico. A cidade deparou-se com a degeneração de espaços urbanos, poluição ambiental e a estagnação da agricultura.

Outro obstáculo, resultou do processo de infraestruturação vertiginosa para os preparativos dos Jogos Olímpicos de 1964 e a dificuldade em atravessar o tecido urbano pré-existente, o que levou à decisão de construir uma rede de autoestradas e

[24] KOOLHAAS, Rem; OBRIST, Hans Ulrich – Project Japan: Metabolism Talks…. p. 207.

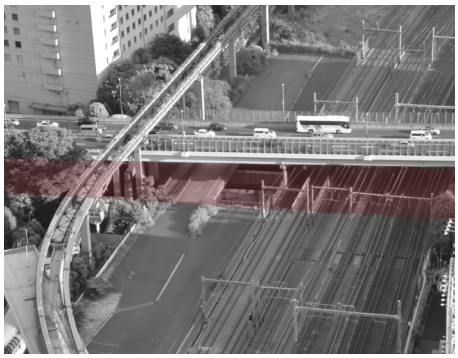
[25] ONAS, Marieluise; RAHMANN, Heike – Tokyo Void: Possibilities in Absence. p.116.

[26] ou "*Tokaido Megalopolis*", é a área que possui a maior concentração urbana do mundo, com mais de 80 milhões de habitantes. O corredor que possui uma vasta área industrial, estende-se entre Tokyo e Fukuoka e é designado por ser o cenário onde o "milagroso" período pós-guerra registou um forte crescimento económico. In SORENSEN, André – The Making of Urban Japan: Cities and Planning from Edo to the twenty-first century. p. 169.

vias rápidas sobre o leito de pequenos rios e canais, espaços lineares e disponíveis que conectavam várias áreas da cidade. Foram também concebidos planos de aterro em canais localizados em zonas de carácter residencial, devido a um problema de odor oriundo das águas residuais depositadas nos canais durante o período de industrialização no final do século XIX. Outra prioridade para os preparativos dos jogos foi a construção de uma moderna rede de esgotos, que Tóquio não dispunha até ao momento.

"Os vales e rios, anteriormente corredores importantes de deslocação e de trocas comerciais com o interior do território, tornam-se os leitos para as linhas modernas de fluxos motorizados." [27]

26 Monocarril de *Haneda*, 1970 (esq.) e o comboio "*Shinkansen*" a passar o Teatro *Nishigeki* em *Ginza*, 1964 (dir.)



27 (esq.) Vestígios de um antigo canal

(dir.) Troço de uma autoestrada sobre um dos canais existentes

(baixo) Vestígios de um canal inacessível que corre por baixo das presentes infraestruturas

[27] SANTOS, João Rafael. Tracing Post'Networked Metropolis in the fast-changing East: Findings from Tokyo. Relatório de Investigação de Pós-douturamento – Programa AUSMIP+. p. 19

28 Industrialização da cidade de Tóquio (esq.) e "*Inner Circle Route*", troço da autoestrada que atravessa uma área do Palácio Imperial (dir.)

As décadas de 80 e 90 geraram profundas transformações na paisagem da cidade de Tóquio, resultantes da mudança de paradigma de uma economia industrial para uma economia tecnológico-financeira. Distritos empresariais emergiram em áreas como Shinjuku, Chiyoda, Chuo e Minato, nos quais arranha-céus e outros edifícios de larga escala fizeram a sua aparição. A dinâmica dos mercados financeiros e imobiliários retrata os sucessivos planos adotados pelo governo após as sucessivas devastações da cidade - a privatização do espaço público. Em 1950, no período pós-guerra, foi dirigido um plano, "*Tokyo Urban Planning 1950*", para atrair e incentivar o sector privado em conjunto com investimentos públicos nos principais pontos de convergência infraestrutural. Exemplos como Shinjuku, Shibuya ou Ikebukuro. A nova ordem económica privatizada transformou aquilo que antes eram "centralidades reconhecidas e periferias expectantes em novos vibrantes centros da modernidade de Tóquio." [28] Com o "rebentar da bolha económica" e imobiliária em 1991, e a fragilidade de uma economia de especulação de larga escala, o Japão marca o custo de vida mais elevado do mundo. A população é forçada a deixar o centro da cidade e deslocar-se para habitações mais acessíveis nos subúrbios. O declínio de população nas áreas centrais de Tóquio durou cerca de uma década - até 1996. A alteração demográfica e a estagnação económica, tornou-se num problema social, pelo que muitos distritos no centro da cidade gravemente afetados deixaram marcadas as chamadas "crateras" na paisagem urbana.[29] A deterioração financeira face aos gastos por parte do governo central em projetos de grande envergadura na tentativa de retomar o crescimento económico, deu lugar à descentralização do poder das autoridades de planeamento urbano o que resultou em mudanças significativas na Lei de Planeamento em 1999. O crescimento de atividade voluntária, sem fins lucrativos e não governamentais, foi um dos principais contribuidores para o crescimento da sociedade civil dos anos 90. Novas abordagens ao nível do planeamento urbano, tornaram-se cada vez mais divulgadas e populares, e representam uma grande mudança na prática do mesmo. Mudanças como o envolvimento da participação pública na criação de modelos.[30] A criação de normas,

[28] MAIA, Hugo. O Lugar da Memória na Estação mais movimentada do Mundo: Shinjuku – Cidade de Tóquio. Tese Final de Mestrado em Arquitetura. p. 28.

[29] JONAS, Marieluise; RAHMANN, Heike – Tokyo Void: Possibilities in Absence. p. 117.

[30] SORENSEN, André – The Making of Urban Japan: Cities and Planning from Edo to the twenty-first century. p. 289.

que usufruem da participação do público, foram ferramentas fundamentais para a mobilização do apoio local e permitir um maior controle sobre os desenvolvimentos urbanos, podendo os governos locais aprovar diversas leis relacionadas com a conservação histórica, direitos locais, uso da terra, controle da terra, etc.[31]

No virar do século XXI, Tóquio procura afirmar um novo paradigma mundial, apostando no ambiente, na arquitetura, no design e especialmente na tecnologia. Agora, diante de um envelhecimento demográfico, uma economia parada, uma mudança de valores e agregados familiares dispersos, é mais uma vez tempo de compreender como a habitação e o planeamento urbano podem influenciar, positivamente, a sociedade japonesa no futuro.

[28] SORENSEN, André – The Making of Urban Japan: Cities and Planning from Edo to the twenty-first century. p. 312-25.

02.5 TÓQUIO, HOJE

Com vista para a cidade, um dos personagens principais de *Tokyo Story*, a obra cinematográfica de 1953 de Yasujiro Ozu, diz ao marido: "Olha o quão grande Tóquio é. Se nos perdermos, nunca mais nos encontraremos novamente." O filme conta a história de um casal de idosos que visitava os seus filhos na metrópole em expansão na década de 1950. Hoje, mais de 65 anos depois, Tóquio cresceu cerca de cinco vezes desde então. A cidade de Tóquio é composta por 23 distritos (*ku*), registando uma população de 9 milhões de habitantes, que sobe para 13 milhões se contabilizarmos a área total da prefeitura, ou ainda para os 37 milhões se reunirmos as regiões de Chiba, Kanagawa e Saitama - o conjunto que forma a área metropolitana de Tóquio, a maior aglomeração urbana do mundo.

Tóquio está em permanente mutação. Edifícios mais antigos são facilmente desmantelados e novos ocupam rapidamente o seu lugar. A transformação atual, no entanto, não é inteiramente impulsionada pelas forças do mercado ou pelos desenvolvimentos imobiliários. A renovação dos costumes culturais, relacionada com o estilo de vida doméstico e urbano, é outra importante força motriz da transição. As alterações demográficas nas áreas centrais de Tóquio – desde a perda de população nas décadas de 70 e 80 ligadas à suburbanização, à recuperação populacional após a década de 90 - causaram uma transformação significativa tanto no uso do solo urbano como no estilo de vida. Inicialmente registou-se um grande

número de pessoas a deslocaram-se para as periferias, para desfrutar de um estilo de vida suburbano com casas isoladas e maiores. Hoje, optam por viver no centro de Tóquio em casas de pequena dimensão para desfrutar de um estilo de vida cultural e diversificado. Embora a população das áreas centrais metropolitanas de Tóquio esteja a recuperar desde o final da década de 90, o impacto da suburbanização ainda é evidente quando analisada a discrepância entre a população diurna e noturna. O registo mais significativo é verificado nos distritos de Chiyoda e Chuo, onde a população diurna é vinte vezes maior do que a população noturna.

Os últimos 25 anos testemunharam mudanças significativas no mercado imobiliário urbano de Tóquio. Na década de 50 existia de certa maneira a imagem "romântica" da uma família nuclear. As pessoas ansiavam por um estilo de vida moderno, de classe média, onde o pai trabalhava no ambiente corporativo com seu trabalho assegurado ao longo da vida; e a mãe cuidava da casa e das crianças. Efetivamente, nas últimas duas décadas, esse ideal mudou. A gradual alteração demográfica e a estagnação económica dos últimos 25 anos mudaram a forma como as pessoas encaram certas decisões. A mudança de estilos de vida e o aumento da construção de condomínios contribuíram para o aumento de aquisições de imóveis por pessoas solteiras e casais em que cada um tem a sua própria carreira. A viragem para o século XXI abriu novas ideias. Um inquérito realizado em 2010 (*2010 Population Census of Japan*) revelou que no centro de Tóquio a percentagem de agregados familiares de uma só pessoa, especialmente mulheres solteiras atingiram, quase 50% de todos os agregados familiares, e a percentagem de casais com filhos diminuiu gradualmente. A divergência sobre expectativas entre homens e mulheres está a tornar-se cada vez mais reveladora. Agora que as mulheres solteiras em Tóquio estabeleceram novos estilos de vida urbana, os costumes habitacionais tradicionais e pressões culturais sobre como viver uma vida "normal" e tradicional estão gradualmente a desvanecer. Afinal de contas, a cultura nipónica deve ajustar-se às novas realidades urbanas. No entanto, tendo em conta que a sociedade japonesa não é conhecida pela sua flexibilidade social e cultural é, de certo modo, incerto saber como irá evoluir a cultura japonesa neste aspeto.

Desde o início do século XXI que a alteração demográfica significativa transmitiu discussões sobre o futuro de muitas cidades japonesas. Nas próximas duas décadas, o país enfrentará um declínio populacional a uma escala sem precedentes. De acordo com um relatório do IPSS (*National Institute of Population and Social Security Research*) a população japonesa deverá diminuir em mais de 30%, para 88,08 milhões de pessoas em 2065, em comparação com 127,07 milhões em 2015.[32]

[32] JONAS, Marieluise; RAHMANN, Heike – Tokyo Void: Possibilities in Absence. p. 117 Disponível na internet: <URL: http://www.ipss.go.jp/pp-zenkoku/e/zenkoku_e2017/pp29_summary.pdf>

Num artigo sobre as alterações demográficas como vetores de mudança nas cidades japonesas Sorensen explica que, enquanto a maioria dos países desenvolvidos têm vindo a experienciar igualmente o declínio da taxa de fertilidade e o envelhecimento demográfico, muitos tem vindo a promover a imigração em grande escala de modo a combater essas tendências, sendo que o alvo desta imigração é a população jovem, e na maioria dos casos as taxas de fertilidade são mais altas que os outros países. Contudo, o governo japonês optou antes por encorajar as mulheres a terem mais bebés e facilitar o equilíbrio entre carreiras e famílias. No entanto, as políticas tomadas não tiveram até agora impacto nas taxas de fertilidade. Sorensen explica ainda que é impossível prever todas as ramificações dessas mudanças. A formação de uma família é fundamental para o estímulo económico de um país, cuja economia é sustentada essencialmente na demanda doméstica, como é o caso do Japão. Uma população em declínio e o abrandamento da formação dos agregados familiares, irão certamente fragilizar o crescimento económico.[33]

Um dos primeiros projetos de investigação que afirma os efeitos de uma população em declínio, é o "*Tokyo Fiber City 2050: A Vision for the Shrinking Megacity*." [34] Através de propostas urbanas de carácter especulativo, o projeto prevê o futuro de Tóquio e propõe estratégias de projeto – como o reajuste de terras e ativação de espaços vazios através de infraestruturas verdes – para contrabalançar os efeitos negativos de uma população em declínio. Um dos pressupostos fundamentais da presente visão é que num futuro próximo, partes do sistema metropolitano rodoviário tornar-se-ão redundantes e, portanto, disponíveis para a transformação em infraestruturas verdes ("*Green Web*") - casos como o *High Line* em Nova Iorque, o *Seoullo 2017* em Seoul ou o "*Minhocão*" em São Paulo. À semelhança, de um modo geral, das visões arquitetónicas do movimento Metabolista, que se envolveu em questões contemporâneas através de propostas futuristas. O conceito demonstra a capacidade das infraestruturas de mobilidade, no caso em particular das linhas ferroviárias, no sentido em que compõem o esqueleto basilar das grandes cidades. No entanto, "não só incorpora uma característica basilar da cidade contemporânea, a mobilidade, como também recentra a discussão sobre a cidade do futuro noutros dois pontos fundamentais: a redução e compactação do tecido urbano; e valorização ambiental como um paradigma importante para a criação de novos modelos de desenvolvimento urbano mais adequados às alterações climáticas que o planeta enfrenta." [35] Apesar do declínio demográfico do território japonês, estudos estatísticos aplicados a Tóquio sugerem que não é uma cidade com uma população em declínio, uma vez que as "áreas centrais da cidade continuam gradualmente a crescer a nível

[33] SORENSEN, André – The Making of Urban Japan: Cities and Planning from Edo to the twenty-first century. p. 229.

[34] Trabalho desenvolvido na Universidade de Tóquio onde um grupo de investigação liderado por Hidetoshi Ohno procura desenvolver um ensaio da metrópole de Tóquio, projetando-a para o ano de 2050 e interpretando-a como a Fiber City.

[35] LEITE, João. Ruas Emergentes: Interpretação Morfológica no Contexto Urbano Português. Tese de Doutoramento em Urbanismo. p. 73.

populacional. A população está a fazer uma reurbanização das "crateras" deixadas pela anterior suburbanização das décadas de 80 e 90. As previsões atuais para Tóquio indicam que a região metropolitana continuará a crescer até 2030, e será a última região no Japão a ser afetada pelo declínio populacional.

"It seems clear that impacts of population ageing and economic slowing will be uneven in Japan. One factor that will be important in determining the location of the worst problems will almost certainly be the degree of success of localities in promoting high quality local amenities, a good quality of life, beautiful local landscapes, and good governance." [37]

Hoje questões como a paisagem, o ambiente e as alterações climáticas, a tecnologia de ponta, a arquitetura, o design e as indústrias criativas passam a estar no centro das atenções. Os paradigmas mudaram e não deixam de ser visíveis na sociedade japonesa, tais como: o crescimento da indústria automóvel elétrica, a iniciativa de uma sociedade de hidrogénio[38], que não afetará apenas a indústria automobilística, mas também poderá fornecer fonte de energia primária na cidade de Tóquio, os planos de *Eco-Town*[39] e os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2020. Aqui, a baía de Tóquio desempenha um papel fundamental, não apenas como o local onde decorrerão os jogos, mas também como parte do Legado Olímpico. Enquanto esses fatores contribuem para uma confiança em recuperar a economia, a longevidade desta permanece incerta. Tendo em vista a participação nos próximos Jogos Olímpicos, o Governo Metropolitano de Tóquio tomou uma série de medidas em que prevê metas não só para 2020, como também para os anos vindouros - "*Creating the Future: The Long-Term Vision for Tokyo*"[40] - em que o objetivo é transformar Tóquio na "melhor cidade do mundo". Quem o afirma é o antigo governador de Tóquio, Yoichi Masuzuoe.[41] Divulgado em Setembro de 2014, o documento de consulta provisória, contém medidas de estratégia a longo prazo com o fim de tornar Tóquio

[36] JONAS, Marieluise; RAHMANN, Heike – Tokyo Void: Possibilities in Absence. p. 120.

[37] SORENSEN, Andre – Liveable Cities in Japan: Population Ageing and Decline as Vectors of Change in International Planning Studies. [Em linha]. Vol. 11, nº 3-4 (2006), p. 238 [Consult. Agosto 2018]. Disponível na internet: <URL: https://www.researchgate.net/publication/253869240_Liveable_Cities_in_Japan_Population_Ageing_and_Decline_as_Vectors_of_Change>

[38] AA. VV. – Tokyo 150 Projects: Urban Diversity Management. Shinkenchiku-Sha. Edição Especial (Junho 2015). p. 223.

[39] O governo de Tóquio iniciou em 2002 "Super Eco-Town". O projeto inclui novas instalações para manipular e descartar eficientemente resíduos industriais por meio de tecnologias avançadas de reciclagem. De acordo com o TMG (Tokyo Metropolitan Government), este projeto visa "resolver os problemas de resíduos, incentivar a indústria ambiental e t transformar a sociedade em uma baseada na reciclagem." Em várias instalações em torno da baía de Tóquio, os resíduos são tratados em procedimentos especializados. IN JONAS, Marieluise; RAHMANN, Heike – Tokyo Void: Possibilities in Absence. p. 134.

[40] TOKYO METROPOLITAN GOVERNMENT. About our City. Creating the Future: The Long-Term Vision for Tokyo. [Em linha]. [Consult. Março 2018]. Disponível na internet: <URL:http://www.metro.tokyo.jp/english/about/vision/index.html>

[41] Governador de Tóquio entre 2014-2016.

"a melhor cidade do mundo". O relatório intercalar, com versão final antes do fim de 2014, consiste em dois objetivos: realizar os Jogos Olímpicos e Paralímpicos com sucesso, e usar isso como catalisador para um desenvolvimento posterior. A questão fundamental é: será o clima económico suficiente para consolidar um desenvolvimento urbano sustentável que irá manter-se depois da "febre" dos jogos olímpicos desvanecer?

29 Tóquio, 2017

30 Topografia da Região de Kanto

31 Distrito de Chuo

03 O LUGAR | TSUKIJI 築 地

32 Distrito de Chuo e locais de interese

Palácio Imperial

Estação de Tóquio

Bairro de Ginza

"Excerto" do antigo **canal de Tsukiji**
Tsukijigawa

Hospital St. Luke's

Templo de Hongan-ji

Mercado Externo de Tsukiji

Mercado Interno de Tsukiji

Rio **Sumida**

Jardins Hamarikyu

33 Ginza, 2017
"Av. *Showa Dori*"

34 Antigo canal de Tsukiji convertido num parque urbano, 2017

35 Mercado Externo de Tsukiji
(esq.) Antes das 13:00
(dir.) Depois das 13:00

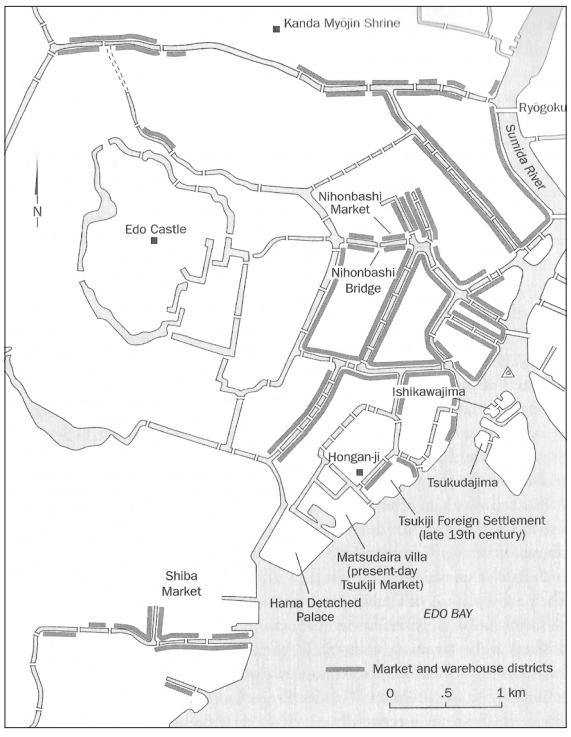
36 Mercado Interno de Tsukiji

03.1 TSUKIJI "TERRA CONSTRÚIDA"

O seguinte capítulo desenvolve uma análise histórica e geográfica centrada no lugar de intervenção - o bairro de Tsukiji - enquanto denominador comum de três momentos fulcrais da proposta: o **canal de Tsukiji** enquanto percurso articulador de dois polos culturais: o bairro de Ginza e o mercado do peixe de Tsukiji; a frente ribeirinha com o **rio Sumida** e por último, o **mercado de Tsukiji** que se assume como elemento primário e narrativo para a proposta deste lugar.

Tsukiji, que significa "terra construída", pertence ao distrito de Chuo, um dos 23 ku's que compõem a cidade de Tóquio. A sua história remonta ao século XVII, cuja área fazia parte de um terreno pantanoso da cidade ainda em expansão: Edo. Hoje, Tsukiji é um distrito administrativo, situado na zona Sul da cidade, na margem Oeste do rio Sumida e estende-se por milhares de metros quadrados em bairros comerciais e residenciais no coração de Tóquio. Manteve como característico o tecido regular correspondente a uma forma de ocupação do território e mantém como matriz o tecido que marcava a organização regular e ortogonal de shitamachi. Cerca de metade de área de Tsukiji é ocupada pelo Mercado de peixe de Tóquio. De maneira que o mercado é coloquialmente conhecido como Tsukji, um nome que é universalmente reconhecido pelos japoneses; uma referência abreviada ou uma metonímia geográfica da mesma maneira em que Hollywood ou Wall Street transmitem diretamente imagens não apenas de um lugar, mas de toda uma indústria.

Tsukiji teve origem no século XVII, no lugar das terras baixas e pantanosas da foz do rio Sumida. Ao longo do período Tokugawa, terras retiradas das escavações dos fossos e canais em torno do castelo, foram utilizadas para preencher as terras baixas do delta. A área reclamada criou espaço para os bairros comerciais em crescimento, e para vastas propriedades aristocráticas e vilas ao longo das margens do rio. Os pescadores da ilha de Tsukudajima nas proximidades - transferidos da antiga província de Settsu (na região de Kansai) – contribuíram para a construção do grande templo budista no local, Hongan-ji, sendo recompensados com títulos hereditários. A Sul do templo principal, lugar onde hoje é o Mercado Externo de Tsukiji, ergueram-se diversos sub-templos totalizando quase oitenta no século XVIII. Uma vasta faixa de vilas e propriedades de daymios separavam as áreas sagradas dos espaços profanos e movimentados das áreas de shitamachi. Uma dessas vilas, é hoje o jardim de Hamarikyū. Atualmente é um jardim imperial público a Oeste do atual mercado de Tsukiji e a Este de Hongan-ji. Isolado do centro comercial e mercantil da cidade, ficava um pequeno bairro de residências e oficinas da classe trabalhadora, assente numa faixa estreita ao longo da margem do rio Sumida. Do outro lado do rio, encontra-se a ilhota de Tsukudajima, posicionada defensivamente na foz do rio. No início do seculo XVII, Tsukudajima foi lar de uma vila de pescadores. Hoje, esses pescadores são popularmente associados como tendo fundado o mercado de peixe de Edo e como sendo os antepassados dos comerciantes contemporâneos de Tsukiji. No entanto, a proximidade de Tsukudajima não envolveu fundamentalmente a área de Tsukiji no comércio de peixe, embora no século XIX um pequeno mercado tenha brevemente surgido nas margens do rio atrás do templo de Hongan-ji. O principal mercado de peixe de Edo desenvolveu-se no coração da cidade, em Nihonbashi. A história de Tsukiji desenvolve-se significativamente no início do século XIX com a abertura de fronteiras entre o Japão e o mundo.

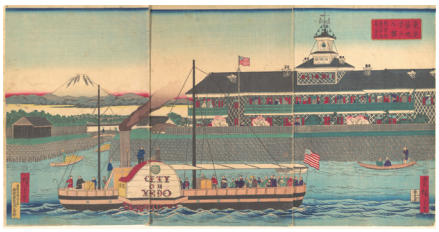


37 Edo no século XIX: a cidade da água.

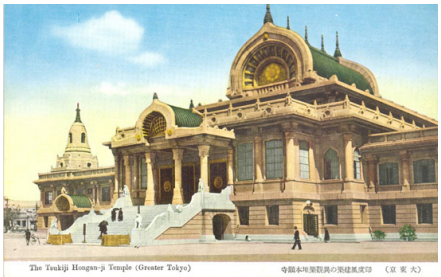
As áreas a cinzento representam os mercados e armazéns que existiam na época.

Em 1858, grandes potências ocidentais negociaram tratados com o Japão que abriram as portas de Edo, e outras cidades japonesas, à população estrangeira. O regime Tokugawa deu início à preparação de um assentamento estrangeiro (Tsukiji Kyoryuchi) em Edo, que o governo posterior, o governo imperial Meiji, inaugurou em Tsukiji entre 1869 e 1870. As autoridades de Tokugawa tinham provavelmente diversas razões para escolher Tsukiji, uma vez que tinha uma distância conveniente de barco do porto de Yokohama, lugar onde a maioria da população estrangeira residia, e era próximo de Shimbashi, o terminal projetado para fazer a ligação ferroviária a partir de Yokohama. Tsukiji, separada do centro de Tóquio por canais e pelo templo budista de grande escala seria um lugar seguro para a população estrangeira. Após a conclusão do acordo, despoletou o incêndio de Ginza de 1872, que destruiu alguns dos primeiros hotéis e edifícios públicos, que deram a Tóquio os primeiros vislumbres, do que um dos principais intelectuais do período Meiji, Fukuzawa Yukichi, chamou de "*Civilization and Enlightenment*"[42] (bunmei kaika). Em 1868 foi construído o primeiro edifício com influências ocidentais, o Hotel Tsukiji (Hoterukan). Projetado inclusive no final do período Edo, teve ordens para ser construído apenas no início do período Meiji. Estima-se que consistiu num edifício com cerca de 60 metros de comprimento e com cerca de 200 quartos distribuídos por três pisos.[43] Consequentemente ao incêndio de Ginza em 1872, o edifício contou com uma breve existência; no entanto, foi durante quatro anos ícone da cidade moderna.

Em 1872 o terminal de Shimbashi foi inaugurado. A maioria dos comerciantes estrangeiros saiu da capital em direção à movimentada cidade portuária, deixando Tsukiji para os diplomatas, missionários e professores. O assentamento estrangeiro em Tsukiji sobreviveu apenas uma geração, uma vez que o governo Meiji negociou o fim dos acordos internacionais de extraterritorialidade em julho de 1899. Com a abolição da extraterritorialidade, estrangeiros e instituições estrangeiras mudaram-se



38 Hotel Tsukiji (Hoterukan), 1870 (esq. e dir.)



39 (esq.) Templo Hongan-ji, 1930

40 (dir.) Reconstrução do "*Sumida Riverside Park*" após o terramoto de 1923

[42] BESTOR, Theodore C. – Tsukiji: The fish market at the center of the world. p. 100.

[43] SEIDENSTICKER, Edward – Tokyo: from Edo to Showa 1867 - 1989. p. 54.

para áreas mais próximas do palácio imperial e de outras instituições governamentais. Igrejas e escolas, juntamente com a maioria dos residentes estrangeiros, mudaram-se para as periferias mais desejáveis e espaçosas da cidade. O terramoto, que destruiu a maior parte do centro de Tóquio a 1 de Setembro, teve um impacto incalculável no desenvolvimento futuro de toda a cidade. O terramoto e os incêndios devastaram o antigo mercado de peixe em Nihonbashi e arrasaram também o bairro de Tsukiji. Na reconstrução da cidade de Tóquio, o mercado mudou de Nihonbashi para Tsukiji, restituindo firmemente a ligação entre mercado e lugar na imaginação popular dos tokyoites.

Hoje, Tsukiji é um bairro com características ímpares que o distinguem do resto da metrópole. Localizado na zona Sul do distrito de Chuo, faz fronteira a Nascente com o rio Sumida e a Poente com o bairro de Ginza ("a que corresponderia o nosso Chiado").[44] O lugar é marcado pelas trocas comerciais do mercado interno e do comércio de retalho do mercado externo. Quando o mercado interno fecha, o mercado externo também. O bairro parece, então, uma cidade fantasma. Como na grande parte do distrito de Chuo, o número de residentes da área de Tsukiji caiu drasticamente na última geração, e a discrepância entre a população noturna e diurna é significativa. O bairro do mercado externo, outrora o lar de muitos que trabalhavam no mercado, agora mal sobrevive como área residencial. Para Oeste, na direção de Ginza, o mercado externo funde-se quase impercetivelmente num bairro de restaurantes. Hoje, o mercado de Tsukiji permanece incongruente sobre alguns dos imóveis mais caros do mundo e futuramente o bairro de Tsukiji fará a ponte entre a baía, local escolhido para os Jogos Olímpicos de 2020, e o centro da cidade. Servirá como uma das portas da cidade.

41 Antigo canal de Tsukiji (*Tsukijagawa*) e o templo de *Hongan-ji* no período pós-guerra

42 Hospital St.Luke, ~ 1933

[44] CARVALHO, Eduardo Kol – O império da imagem: Luzes e sombras do Japão. p. 45.

03.2 A RELAÇÃO DE TSUKIJI COM A ÁGUA

O seguinte capítulo reflete sobre a área de Tsukiji enquanto frente ribeirinha e lugar de memória de uma outrora cidade canal. Serve também de amostra para uma definição da relação entre o território japonês e as frentes de água. Se olharmos para as extensas linhas de comboio que saem do centro de Tóquio, a cidade parece desaparecer da densa metrópole em núcleos dispersos e quase aleatórios caracterizados por habitações unifamiliares de telhados inclinados. Tal como o movimento pendular, procurando definir as barreiras do território, esse reconhecimento leva a questionar outras fronteiras de Tóquio: o mar e a baía, na qual a cidade se senta. A indústria de Tóquio e as áreas portuárias geralmente bloqueiam a vista da linha costeira. Vagueando pelas ruas da cidade hoje, muito dificilmente se encontra frentes de água. Inclusive, fachadas de edifícios próximos de planos de água encontram-se de costas para os mesmos. No entanto, de certa maneira, acabou por definir de forma dominante a cidade e o país. O oceano é portador de recompensas, mas o mar é também gerador de catástrofes.

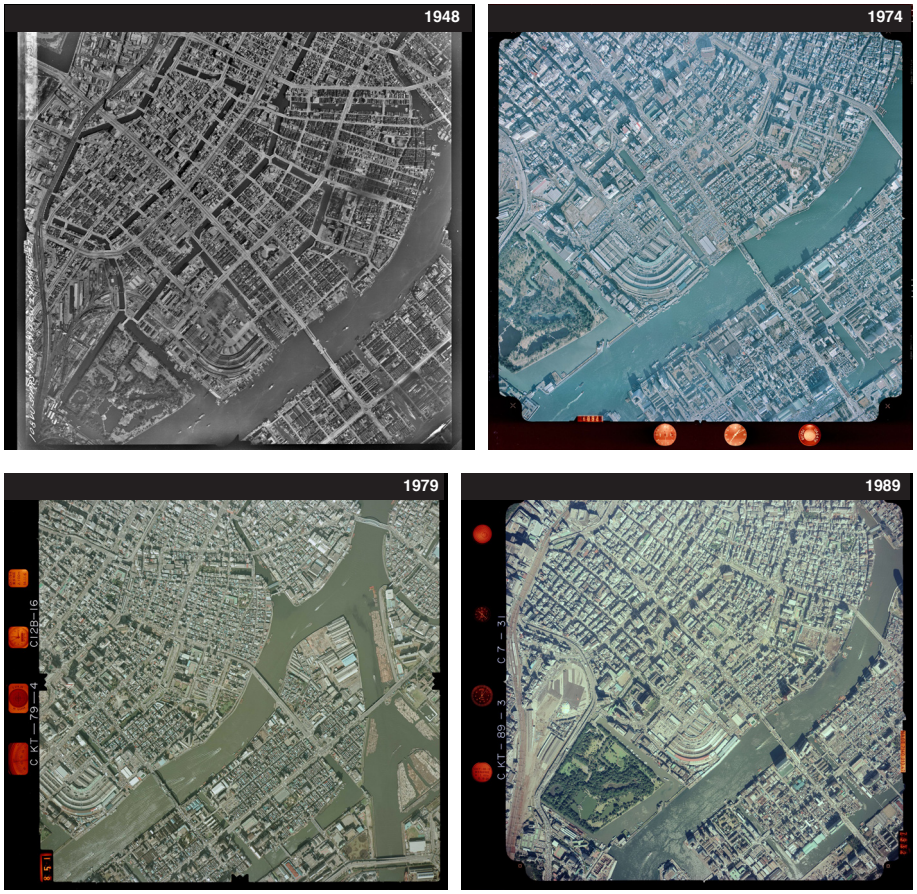
Hoje, o centro de Tóquio está voltado para terra, centrado nas linhas de comunicação. A maioria dos antigos canais foram esquecidos, ocultados por baixo de infraestruturas ou deixados ao abandono. Os pequenos trechos que hoje permanecem estão longe do olhar humano, afastados da vida quotidiana. Mesmo para o mercado de Tsukiji, as margens do rio Sumida gradualmente tornaram-se o pano de fundo. Hoje, não há

frota de pesca e as mercadorias de peixe chegam de camião. No entanto, a partir de 1990 a população de Tóquio tem vindo gradualmente a recuperar as margens do rio Sumida. Hoje, esplanadas, hotéis e outros espaços de lazer revestem e invadem de novo as margens, a partir do mercado para norte da cidade; antes, muros robustos e altos de betão bloqueavam a frente de rio. Embora o mercado não tenha mudado para o Tsukiji até 1923, o rio Sumida foi durante séculos uma passagem importante, onde o tráfego de barcaças que abastecia os portos, misturava-se com embarcações de lazer e de pesca. O simbolismo cultural do rio Sumida, durante o período Edo, estava diretamente ligado com o conceito estético do "mundo flutuante"[45] e com a cultura de Edo centrada na "cidade da água."[46] Quando o governo municipal de Tóquio construiu o atual mercado, entre 1920 e 1930, privilegiaram a frota pesqueira de Tóquio. No entanto, a poluição (especialmente desde a Segunda Guerra Mundial) destruiu as áreas de pesca próximas da baía.

Os canais de Tóquio, fragmentos dispersos na superfície urbana, são extensas ramificações que cruzam todo o tecido urbano da cidade. Embora a maioria deles se encontrem escondidos sob as modernas infraestruturas de comunicação, existe neles a potencialidade de desencadear novas dinâmicas culturais, assim como responder às novas realidades urbanísticas e ambientais que Tóquio tem vindo a querer alcançar nos últimos anos. O rápido desenvolvimento de Tóquio durante as décadas 50 e 60 e a vertiginosa preparação para os Jogos Olímpicos, deu início ao processo de aterros e sobreposições de infraestruturas sobre os antigos canais. O canal de Tsukiji, concebido como muitos outros, com o propósito de defender e promover o transporte de mercadorias até ao castelo durante o período Edo, perdurou cerca de três séculos. Foi preenchido por partes durante a o período de 1950 e 1990 e hoje, o canal faz parte dos ínfimos vazios urbanos que compõe a cidade de Tóquio. Ao contrário de muitos outros, foi apenas alcatroado. Hoje, uma fração consiste em parque de estacionamento e outra num parque urbano descaracterizado e anódino. No entanto, remete para a memória de uma outrora cidade canal e possui a possibilidade de articular o tecido consolidado existente do distrito de Chuo.

[45] "Mundo Flutuante", ou ukiyo, descreve o estilo de vida urbano, especialmente aspetos da busca pelo prazer, durante o período Edo.

[46] BESTOR, Theodore C. – Tsukiji: The fish market at the center of the world. p.55.



43 Imagens Satélite que representam o desaparecimento gradual dos canais na área de Tsukiji

44 Vestígios do antigo canal de Tsukiji, 2017

03.3 MERCADO DE TSUKIJI

Tsukiji é um mercado urbano, uma instituição-chave na vida de Tóquio, com uma relação complexa - cultural, social, económica, política, linguística, geográfica, até mesmo literária e criminal - no ambiente que o envolve, assim como outros grandes mercados urbanos no mundo: *Les Halles* em Paris, *Fulton* em Nova Iorque, *Namdaemun* em Seoul, *Convent Garden* e *Billingsgate* em Londres, o grande mercado em *Kumsai* no Ghana, *Naschmarkt* em Viena ou o *Ben Thanh* em Ho Chi Minh no Vietnam. Tsukiji partilha com esses mercados – bem como o *Faneuil Hall* em Boston, o *Terminal Reading em Philadelphia* ou o *Pike Place* em Seattle – importantes papéis culturais, sociais e espaciais que definem o caráter de uma cidade tanto para os seus habitantes, como para os seus visitantes.

Ao longo da história, Tsukiji tem sido um pilar fundamental na infraestrutura que sustenta a grande metrópole. A complexa história de Tsukiji e do seu antecessor, o mercado de peixe de Nihonbashi – fundado no início do século XVII e destruído no terramoto de Kanto em 1923 – nostalgicamente entrelaça-se com tradições culturais da classe trabalhadora (machichi) de Edo. Os habitantes do mercado intitulam-se herdeiros das tradições mercantis das antigas regiões de shitamachi. Tsukiji extrai a sua identidade nos estilos de vida, atividades culturais e costumes comerciais dos antigos distritos mercantis e na reinvenção das áreas de shitamachi no final do século XX.

O mercado de peixe de Tsukiji é um importante centro da sua indústria, sendo ele próprio um sector grande e dinâmico na economia japonesa, com uma considerável influência interna, tanto social quanto política. Tsukiji lida com cerca de um quarto do mar[47] que cruza todos os mercados grossistas do Japão e é o maior mercado de peixe, não só no Japão, mas também do mundo. Durante o período normal de trabalho em Tóquio, o mercado está silencioso, ganhando vida quando os bares de Ginza encerram. Quando o horário de funcionamento de mercado termina, é apenas meio dia. No entanto, quando o mercado está em plena atividade comercial, Tsukiji é o centro do mundo para as cinquenta mil pessoas de todo o mundo que o frequentam.[48]

Os comerciantes de Tsukiji distinguem nitidamente o mercado externo (*jogai shijo*) do mercado interno (*jonai shijo*). A distinção não é meramente espacial, mas refere-se também a diferenças significativas sobre as ações comerciais - o mercado externo tem como base o mercado de retalho o mercado interno é quase totalmente grossista - e nas estruturas institucionais dos próprios mercados. O TMG (*Tokyo Metropolitan Government*) possui e administra o mercado interno, e são exigidas licenças aos seus operadores; o mercado externo é simplesmente um conjunto de negócios independentes.

45 Sob a forma de um s*ugoroku* (um jogo de tabuleiro japonês), retrata especialidades culinárias famosas no período Edo.

[48] MAINICHI SHIBUM NEWS. City News Department. As relocated Toyosu fish market prepares to open, plans for old Tsukiji site in limbo. [Em linha]. [Consult. Setembro 2018].
Disponível na internet: <URL:https://mainichi.jp/english/articles/20180903/p2a/00m/0na/024000c>

[48] BESTOR, Theodore C. – Tsukiji: The fish market at the center of the world. p. 50

03.3.1 MERCADO INTERNO (*JONAI*)

O pequeno santuário xintoísta, Namiyoke Jinja, construído ao lado do antigo canal (o Tsukijagawa) divide o mercado externo do mercado interno. O mercado interno é claramente visível, no entanto, é separado pelo ar intimidador da agitação deliberada que transmite ao visitante a sensação de barreira física. O extenso complexo inclui dois momentos comerciais, praticamente separados, albergados em conjuntos de edifícios adjacentes. Os edifícios mais antigos, mais próximos do rio, datam a partir de 1930 e albergam a divisão de peixe e produtos do mar. Um outro conjunto de edifícios, construídos nos anos 50 e 60 tratam dos produtos frescos.

Em 1990, o último ano antes do "rebentar da bolha económica", o TMG (*Tokyo Metropolitan Government*) lançou um plano ambicioso na reconstrução total do mercado. No entanto, em 1995, Aoshima Yukio, é eleito governador de Tóquio, numa base reformista sobre os gastos realizados pelo governo. Um dos seus primeiros atos, foi suspender a reconstrução do mercado. O governo prometeu revelar um novo plano para a construção do mercado em 1998, mas a discussão de ser reconstruído 'in situ' ou relocalizado para outro local foi mantida em aberto. No final de 2001, o TMG (*Tokyo Metropolitan Government*) anunciou o novo plano: reconstruir o mercado na ilha artificial de Toyosu, a este do rio Sumida, um vasto terreno industrial, propriedade da companhia de Gás de Tóquio, que há muito se encontrava desativado. Contudo, detetaram no novo terreno químicos tóxicos que excedem os padrões ambientais, o que impossibilitou a abertura do novo mercado para o ano previsto: 2016. Enquanto isso, o mercado interno continuou a operar em Tsukiji até 6 de Outubro de 2018. Como resultado dos dois anos de atraso na abertura do novo mercado que inaugurou apenas a 11 de Outubro de 2018, atrasou-se também o processo de planeamento sobre o terreno em Tsukiji. A inauguração da Loop Road nº2 que atravessará o presente mercado de Tsukiji como percurso de comunicação entre os Jogos Olímpicos e o resto da cidade, também foi adiada, e durante os jogos servirá como percurso temporário com apenas uma faixa para cada sentido. Os planos futuros para o mercado interno de Tsukiji ainda não se cristalizaram.

Em contraste ao mercado de Tsukiji, o novo mercado em Toyosu é um conjunto de grandes armazéns fechados e ligados entre si, de modo a permitir a constante circulação de ar frio essencial para o controlo de higiene no local. Contrariamente, o mercado original de 1935, influenciado pela escola Bauhaus, combinava um design industrial altamente funcional com um caráter geometricamente curvilíneo, favorecido pelos arquitetos do período pré-guerra. A arquitetura refletia características do movimento moderno dos anos 20. As linhas funcionalistas e simplificadas do mercado de Tsukiji, a arquitetura pan-asiática ornamentada no templo vizinho, Hongan-ji, e o estilo *Art Déco* do Hospital de St. Luke's, concluído quase ao mesmo tempo durante o período pós-guerra, exibem vivamente as influências e interpretações da modernidade e do internacionalismo que caracterizam o início do período Showa (1926-1989) na década 20 e início da década de 30.

Quando o mercado abriu, os produtos chegavam a Tsukiji por barco ou por comboio: diversos comboios expressos dedicados exclusivamente a produtos do mar chegavam diariamente de diferentes regiões do país. No entanto, a partir de 1960, com o desenvolvimento do sistema rodoviário nacional, as entregas em camiões refrigeradores de alta velocidade tornaram-se comuns. O último transporte de mercadorias para Tsukiji foi em 1986, e consequentemente as linhas ferroviárias foram retiradas.

46 Área: Distrito de Chuo a assinalar os locais do mercado de Nihonbashi (até 1923), Tsukiji (1935-2016) e Toyosu (2018)

47 Mercado de Tsukiji, 1933-1940

48 Mercado de Tsukiji, atualmente

03.3.2 MERCADO EXTERNO (*JOGAI*)

Cravado entre o trânsito automóvel da avenida Harumi (*Harumi Dori*) – uma rua larga e reta que atravessa o centro de Tóquio, desde a baía ao Palácio Imperial, passando a norte do mercado e unindo Tsukiji a Ginza - e o mercado interno, está localizado o mercado externo de Tsukiji. Um denso labirinto de ruas e vielas ladeado por minúsculas lojas de alimentos, fornecedores de restaurantes que vendem pauzinhos, cerâmica ou talheres; peixarias que atendem o público e sushi bares camuflados nos ínfimos “buracos na parede”. Também ele, coloquialmente conhecido como Tsukiji e universalmente reconhecido pelos japoneses.

Até à década de 1920, a área do mercado externo abrangia salas de culto e cemitérios de dezenas de sub-templos do principal templo, Hongan-ji. No rescaldo do terramoto de Kanto, a maioria dos sub-templos foi transferido para outras partes da região metropolitana, e lojas e negócios atraídos pelo recém-nascido mercado grossista começaram a invadir os pequenos lotes. Como outros mercados ao ar livre em Tóquio (por exemplo, Ameyokocho perto da estação de Ueno), o mercado externo de Tsukiji era o lugar de um próspero mercado negro nos anos imediatamente após a Segunda Guerra Mundial. Hoje, o mercado externo tem um certo apelo sofisticado, especialmente para jovens consumidores que o consideram antiquado, no entanto vanguardista, uma memória da antiga shitamachi misturado com as delícias da gastronomia gourmet atual.

A questão levantada é: com a mudança do mercado interno para outra localização, o que acontecerá a todos os negócios independentes fora dos seus portões?

49 Mercado de *Ameyokocho* em Ueno

50 Ambiente do Mercado Externo de Tsukiji, 2017

51 Imagem panorâmica ilustrativa da área de Tsukiji com vista para o Rio Sumida, 1870~1872

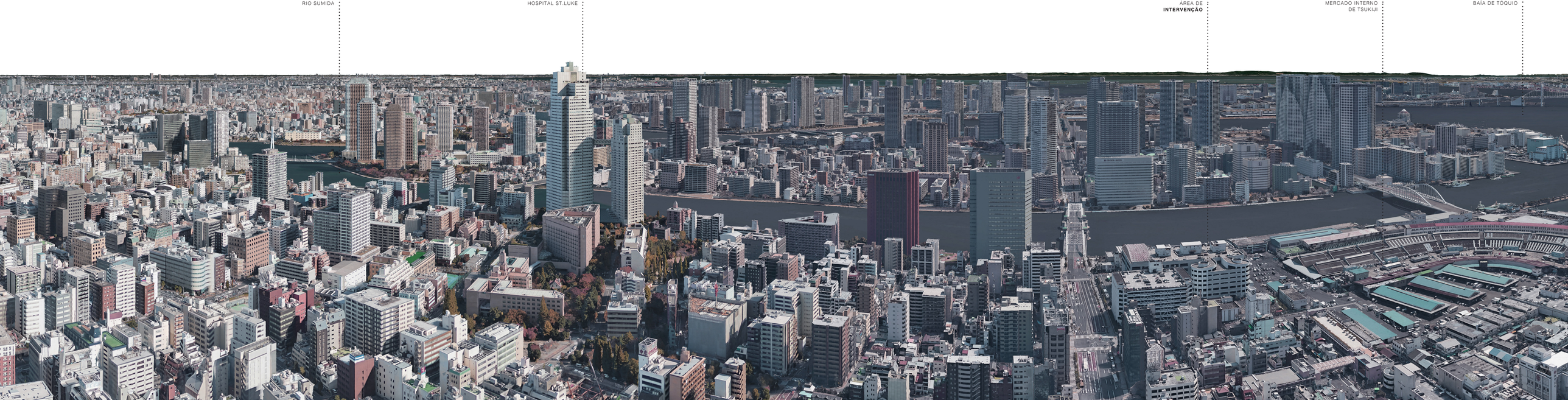
RIO NIHONBASHI

RIO SUMIDA

BAÍA DE TÓQUIO

HOTEL DE TSUKIJI
(HOTERUKAN)

52 Imagem panorâmica da área de Tsukiji, atualmente


RIO SUMIDA
HOSPITAL ST.LUKE
ÁREA DE
INTERVENÇÃO
MERCADO INTERNO
DE TSUKIJI
BAÍA DE TÓQUIO

04 *KU*, *OKU* E *MA*

O SISTEMA ESPACIAL NIPÓNICO

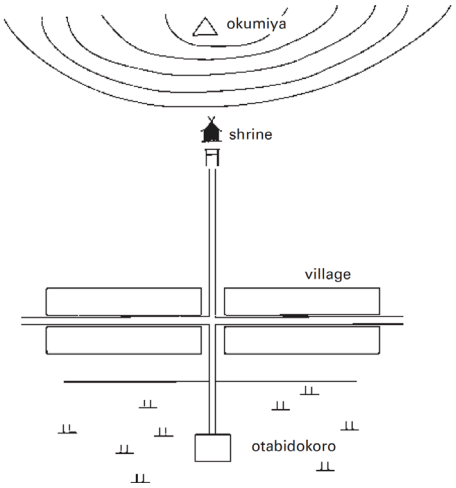
"According to the original Japanese religious beliefs, **space** *was perceived as identical with the events or phenomena that occurred in it (…) It was believed that the spirits could be invited to participate in human life (…) where a sense of mystery and excitement was produced by the dark depth of a mountain, cave or waterfall. Darkness itself also had a spiritual significance, as had its presence in the space of the house, and that relationship influenced the development of the characteristically layered spatial structure of the dwelling."* [49]

De acordo com a ancestral crença Shinto, o **espaço** no Japão foi desde sempre enraizado na natureza. Posto isto, é considerado uma parte orgânica da natureza e não pode ser observado como uma estrutura isolada. O seguinte capítulo destina-se à compreensão de três princípios que são imperativos na compreensão do complexo sistema espacial nipónico, uma vez que as suas características estão inerentes nos elementos que compõe o espaço a qualquer escala.

[49] PECAR, Marina – Kyoto Machiya: Ideas of Spatial Layering, Ritual Disclosure and Portability in the Form of Japanese Traditional City Dwelling. In Transportable Environments: Theory, Context, Design and Technology. p.76.

Foi com a destruição do castelo de Edo, no incêndio de Meireki em 1657, que o "vazio" enquanto conceito espacial urbano, teve origem no Japão. O "vazio" deixado pela destruição do castelo revelou o lugar, como centro imaterializado e foi a partir dele que a cidade se desenvolveu. Cimeiro na planície de Kanto, o Palácio Imperial revela-se núcleo escondido desprovido de edificado ou vivência pública, afirmando-se como centro geográfico e simbólico da extensa cidade de Tóquio. O mesmo princípio, a centralidade do palácio imperial em *Kyoto* como lugar inacessível, permite a leitura radial da cidade, no entanto, vazio quanto à sua ocupação. O conceito de *Ku*, enunciado por Roland Barthes,[50] essencial ao entendimento da constituição do espaço habitável japonês, revela o vazio ou a não apropriação do espaço.

Contrariamente ao entendimento ocidental em que a cidade se define pela delimitação de um axis mundis ou um centro materializado - "um centro que requer onde ir e onde retornar, um lugar com o qual se sonha"[51] - no Japão o sagrado habita nas montanhas, pois está oculto, camuflado e invisível. Esta percepção de envolver o espaço sagrado revela-se ancestralmente registado no movimento dos primeiros povos das florestas e montanhas para as planícies de cultivo de arroz. A montanha e a floresta afastam-se da vida quotidiana, tornando-se lugares longínquos, mantendo no sopé das montanhas os templos e santuários (okumiya), adquirindo com o tempo o estatuto de lugares sagrados e religiosos.[52]



53 Okumiya

Barthes reconhece o vazio e Fumihiko Maki esclarece o princípio como profundidade percebida, o ***Oku*** - conceito basilar na leitura espacial nipónica, remete para a possibilidade de envolver o vazio (*ku*), e é sobre esta compreensão de profundidade que assenta a estrutura espacial centrípeta de Tóquio. Diretamente ligado com a ideia de vazio, *Oku* revela-se composto pelas configurações espaciais estratificadas que estruturam uma envolvente de um esconder constante, e conduzem a uma sensação de profundidade a qualquer escala. A relação da cidade de Tóquio e a envolvente

[50] Escritor, sociólogo, semiólogo e filosófico francês (1915-1980).

[51] BARTHES, Roland – Empire of Signs. p. 30. Trad. Livre da autora do texto original em inglês.

[52] MAKI, Fumihiko – Nurturing Dreams: Collected Essays on Architecture and the City. p. 157.

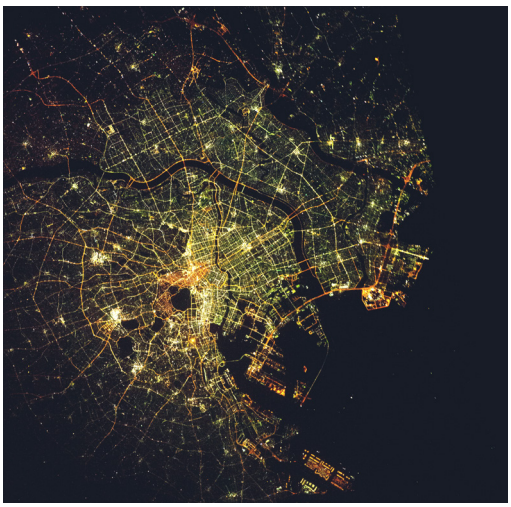
montanhosa, identifica o ku nas montanhas, assim como no palácio imperial, permitindo a leitura da cidade como dispersa e plana, contrário à verticalidade das cidades ocidentais. A forma difusa da cidade de Tóquio, revela os limites definidos pelas montanhas e não pelas muralhas ao contrário da cultura ocidental.

Maki reforça esta ideia ao contrapor o "centro" ao *Oku*, comparando respetivamente o desenho das cidades europeias com as japonesas. O autor afirma que, as cidades europeias organizam-se e desenvolvem-se em relação a um centro, no Japão a ideia de centro é revelada na natureza e na sua profundidade. "O centro, pela especificação de uma posição de um pivot cósmico enfatiza a existência de verticalidade que implica uma ligação entre terra e céu."[53] Por outro lado, o *Oku* é um centro invisível, ou "(...) uma alternativa ao centro, concebida por uma cultura que nega objetos absolutos e símbolos tais como o centro"[54], assim enfatizando a horizontalidade do espaço nipónico. O autor utiliza a metáfora da cebola, isto é, o percurso pelas várias camadas até atingir o vazio.[55] O centro, o ponto de chegada, não é o clímax, mas a procura, o ritual dramático conduzido até ele. Este princípio estabelece-se na correlação do entendimento do espaço e da relação que estabelece com as ações que nele se processam, no fluxo sequencial do tempo. Logo, as ações e movimentos através de segmentos do espaço e tempo são direcionados em relação ao núcleo mais íntimo, o ponto espiritual de referência invisível que se considera presente quer na natureza, quer na cidade ou casa.[56]

54 Materiarização do *Oku*

"In many cases the Oku has no climax in itself as the ultimate destination begins to be unfolded. One rather seeks drama and ritual approaching it. What matters is not absolute height or bulk but representation or reaching the goal... It is the construction of a spatial experience with a time parameter." [57]

O Pálacio Imperial, como o centro "invisível"



[53] MAKI, Fumihiko – Nurturing Dreams: Collected Essays on Architecture and the City. p. 161. Trad. Livre da autora do texto original em inglês.

[54] MAKI, Fumihiko – Nurturing Dreams: Collected Essays on Architecture and the City. p. 162. Trad. Livre da autora do texto original em inglês.

[55] MAKI, Fumihiko – Nurturing Dreams: Collected Essays on Architecture and the City. p. 153.

[56] PECAR, Marina – Kyoto Machiya: Ideas of Spatial Layering, Ritual Disclosure and Portability in the Form of Japanese Traditional City Dwelling. In Transportable Environments: Theory, Context, Design and Technology. p.77.

[57] MAKI, Fumihiko – Japanese City Spaces and the Concept of OKU. Japan Architecture. Maio (1979). p.59. Cit. por PECAR, Marina – Kyoto Machiya: Ideas of Spatial Layering, Ritual Disclosure and Portability in the Form of Japanese Traditional City Dwelling. In Transportable Environments: Theory, Context, Design and Technology. p.81

Segundo Maki, este entendimento deve-se ainda ao carácter íntimo do espaço japonês. Em espaços compactos, sente-se a necessidade de estratificação, que conduz a uma sensação de profundidade. Este princípio, inerente na unidade de habitação tradicional, parte de uma graduação do espaço exterior para o espaço interior, ou seja, uma profundidade permanente. A engawa,[58] um dos espaços de transição da casa tradicional japonesa faz a passagem do exterior para o interior da casa. Contudo, é um espaço que não pertence a nenhum dos momentos espaciais. "En" indica ligação e/ou divisão, nem um nem o outro em separado, mas ambos em simultâneo.[59] Este conceito baseia-se no conceito de **Ma**, que das muitas interpretações, pode significar intervalo temporal entre dois fenómenos ou dois elementos contraditórios. A engawa é o espaço intermediário entre o jardim e o edificado, entre o exterior e o interior ou ainda entre o público e o privado. Na verdade, ele pode ser interno e externo ao mesmo tempo, ou não ser nenhum deles. Ma não é apenas um conceito espacial, é também um intervalo de tempo, uma vez que não deve ser entendido como uma lacuna ou ausência, mas sim como um ritmo ou um "relacionamento". No Ocidente, o momento de perceção do espaço refere-se à distância dos objetos, ao vazio existente na arquitetura, enquanto que a manifestação de espaço no contexto japonês distingue-se pelo significado nele inerente.

55 Espaço *engawa*

(esq.) *Katsura Imperial Villa, Kyoto*

(dir.) *Edo-Tokyo Open Air Architectural Museum*, Tóquio

Simbolicamente, o *Ma* vê-se representado pelo ideograma "間", o qual compreende a junção de dois ideogramas, "門" que simboliza a grande porta (tori) e o ideograma "日", a imagem do sol. Segundo a escrita japonesa, a sua leitura revela "o momento em que o sol espreita por entre as portas", expressando os três elementos que definem a perceção do lugar: a natureza, a arquitetura e o homem. Como quase a maioria dos ideogramas, possui leituras plurais - *Ma, Aida* ou *Kan* [60] - e engloba semânticas

[60] OKANO, Michiko – Ma: A estética do "entre". Revista Universidade de São Paulo. [Em linha]. Nº 100 (2014), p. 150-164 [Consult. Novembro 2018].
Disponível na internet: <URL: http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/76178/79922>.

[61] KEANE, Marc – Japanese Garden Design.

como “entre-espaço”, “espaço intermediário”, “intervalo”, ou uma combinação de todos eles.[61] Para os japoneses, *Ma* é um *modus operandi* da vida quotidiana e revela-se em todos os aspetos da cultura nipónica: na literatura, na caligrafia, nas artes plásticas, no teatro, na música e na dança, nos arranjos florais, na pintura e na arquitetura, nas artes marciais, na cerimónia do chá, na comunicação interpessoal como os gestos e o diálogo, etc. “A virtuosidade dos japoneses, na manipulação e organização do *“Ma”* é extraordinária. Provoca a admiração e, por vezes, até o receio dos europeus.”[62]

Concluindo segundo Nitschke,[63] *Ma* representa a conceptualização de espaço e tempo como uma entidade concebida em termos de intervalos. Em termos espaciais significa “a distância natural entre duas ou mais coisas que existem numa continuidade” e, em termos temporais, significa “a pausa natural ou intervalo entre dois ou mais fenómenos que ocorrem continuamente.” Em termos experienciais, representa a qualidade de um lugar ou evento percebido por um indivíduo como a unidade dentro de uma unidade.

56 Materiarização do *Ma*

Templo da água, Awaji
Arq. Tadao Ando

57 Materiarização do *Ma*

Jardim Ryoanji, *Kyoto*

“Ma

A garden is a device for

meditation

Sense the space that surrounds you

Listen

to the sound of silence

Picture how hollow emptiness permeates us all” [64]

[62] HALL, Edward – A dimensão oculta. Tradução de Miguel Serras Pereira.

[63] NITSCHKE, Günter – From Shinto to Ando: Studies in Architectural Anthropology in Japan. p. 79. Cit. por PECAR, Marina – Kyoto Machiya: Ideas of Spatial Layering, Ritual Disclosure and Portability in the Form of Japanese Traditional City Dwelling. In Transportable Environments: Theory, Context, Design and Technology.

[64] Texto de Arata Isozaki traduzido por Mihoyo Fuji. Disponível na internet: <http://www.interactiongreen.com/chapter-4-2-absence-on-senses/>

05 *MACHIYA*[65]

Uma das tipologias domésticas que contrasta com o consumismo genérico é a vernacular casa/loja japonesa. Esta incorpora o trabalho e a vida dentro de uma unidade habitacional e pode abrigar uma variedade de restaurantes, bares, pequenos negócios ou mesmo ateliers. Posto isto, o seguinte capítulo dedica-se ao estudo da evolução da organização espacial de umas das tradicionais casas japonesas, a "machiya", com principal enfoque nas relações entre a habitação e o espaço comercial/oficina (mise no ma). O espaço comercial é o espaço sócio funcional de principal importância neste estudo, e como tal será explorada a sua evolução, o seu papel do ponto de vista utilitário e físico, as suas características formais essenciais e ainda a relação que estabelece com as restantes unidades do espaço.

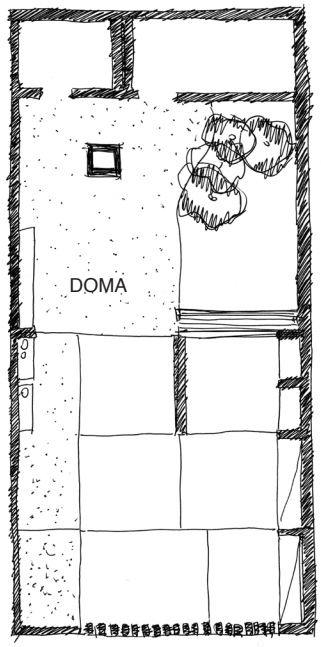
A evolução espacial da machiya partiu da adaptação da casa rural como resposta ao ambiente urbano e alteração dos requerimentos do agregado familiar.[66] Isto é, ao contrário de outros modelos habitacionais tradicionais japoneses, as minka (casa do povo), que surgem como elementos independentes em ambientes rurais, a machiya,

[65] Machiya, uma unidade de habitação japonesa, é um espaço onde um vendedor ou artesão vive e trabalha.
[66] PECAR, Marina - Kyoto Machiya: Ideas of Spatial Layering. Ritual Disclosure and Portability in the Form of Japanese Traditional City Dwelling. In Transportable Environments: Theory, Context, Design and Technology. p.76.

é um modelo habitacional que se pode encontrar nos meios urbanos, construídas lado-a-lado ao longo das ruas principais. A sua estrutura tradicional em madeira sempre foi produto de artesãos e comerciantes, que por sua vez foi influenciada pelos vários fatores da sua evolução e resultaram num produto fabricado “in situ”, cuja evolução estrutural acompanhou o desenvolvimento social e económico das cidades.

As machiya do início do período Edo, constituídas por apenas um piso, possuíam um caminho de terra - doma - que ligava a entrada principal à área posterior da casa, onde existia uma passagem que conduzia ao pátio comunitário. A restante área era elevada e tabuada e servia como espaço privado enquanto que a doma acompanhava longitudinalmente todo o desenvolvimento da loja e da casa. Mais do que um espaço contíguo à habitação que tem como principal objetivo a organização e o desempenho de atividades relacionadas com o fogo e com a água, a doma assume um papel mais ativo na vida da casa e alcança uma dimensão de maior importância, servindo como área de expansão do próprio espaço de habitar.

Em relação à área de exposição de mercadorias, este consistia num expositor colocado no exterior da residência, com ligação através de um vão na fachada da casa. Contudo, nos períodos Kamakura (1185 -1333) e Muromachi (1336 - 1573) esta área desenvolve-se e integra-se na planta da casa. A tendência gradual do prolongamento espacial entre o interior da habitação e a rua foi facilitada pela estrutura flexível e pelas grelhas de madeira removíveis que constituem as fachadas da machiya. Estes, são elementos essenciais na definição do desenho das fachadas das machiya. Os elementos fixos e móveis adjacentes às unidades espaciais assumem o papel dualista de ligação e separação. O seu papel reside no facto de separarem o interior do exterior e ao mesmo tempo atenuam essa barreira de modo a que haja sempre uma ligação com o espaço público exterior.



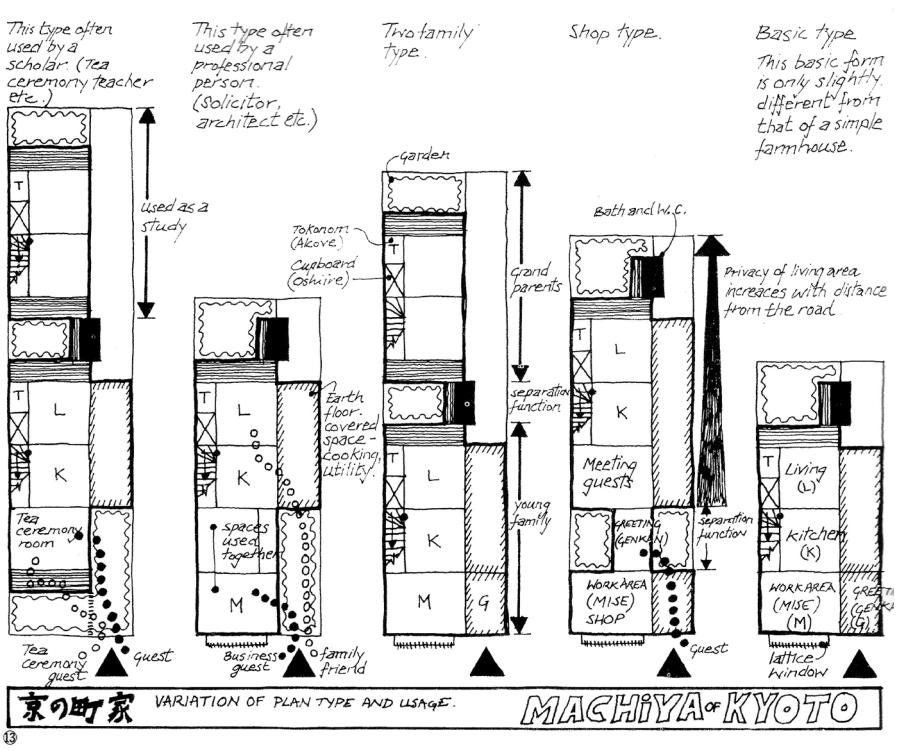
58 Desenho ilustrativo de uma machiya e respetiva *doma*

59 Ilustração: "Loja aberta" de uma machiya no século XVII

Na machiya a transição entre o espaço público – o espaço comercial – e o espaço privado – a casa – resulta num espaço **híbrido**. Este estabelece-se como espaço que antecede a entrada na casa e atua, como um prolongamento da própria habitação para o exterior. Numa perspetiva de polivalência dos espaços da casa japonesa, este mesmo espaço, que durante o dia funciona como espaço comercial, à noite é absorvido pela casa. O carácter coletivo do espaço comercial e íntimo da casa traduzem um espaço sequencial que através das várias unidades espaciais regula e controla o carácter íntimo ou público necessário a cada atividade.

Em relação à área íntima da casa, esta desenvolve-se longitudinalmente, organizando-se numa sequência de espaços que termina, em muitos casos, num pátio ajardinado na parte posterior da casa (em outros casos, pode existir um segundo pátio jardim). O pátio (tsuboniwa) assume o papel de sistema de circulação secundário da habitação, ventilação, iluminação e controlo climático num país conhecido pelo seu clima húmido. O pátio mais próximo da rua assume-se como espaço público, o pátio mais afastado como espaço privado.

60 Variações na organização espacial e uso das machiya em Kyoto, no período Edo



[67] TAUT, Bruno – Houses and People of Japan. p. 43.

Como elemento gerador do contexto urbano, a machiya assume um papel ambíguo, constituindo-se num elemento extrovertido e convidativo que se abre para a rua e que atrai por quem lá passa; que se expõe e deixa espreitar a vida doméstica e que se define como elemento catalisador da vida pública no ambiente urbano. À noite, quando as grelhas de madeira se fecham, integra um sentido mais introvertido que se relaciona com o ato de habitar. No entanto, quando as luzes se encontram ligadas, volta a ser lançada a questão da verdadeira definição do seu limite. As portas em papel de arroz (shoji) e os painéis ripados de madeira permitem um vislumbrar do microcosmo do interior doméstico.

O caráter único da machiya foi concebido ao nível simbólico e desenvolvido e manifestado pelas suas propriedades funcionais de portabilidade e flexibilidade, proporcionando a transformação periódica de suas relações físicas e espaciais, revelando assim o seu carácter híbrido.

61 Rua de machiyas, no bairro de Nihonbashi, no período Edo

Edo-Tokyo Open Air Architectural Museum, Tóquio

62 Machiyas nas ruas de Kanazawa, 2017

63 Detalhes de uma habitação tradicional japonesa (Genkan: local de remoção dos sapatos)

64 House of Top Lights
Arq. Tsubame Architects

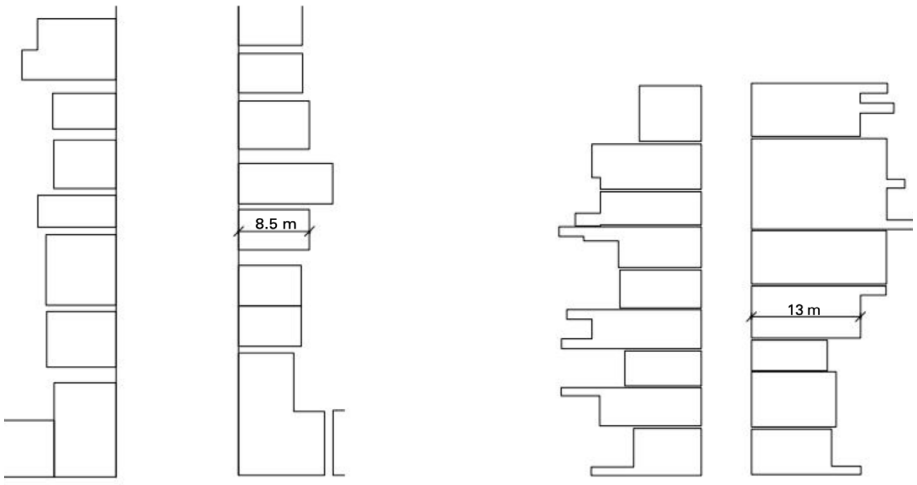
65 Detalhes de uma habitação tradicional japonesa

05.1 *TOKYO MACHIYA*

Equiparando com o modelo tradicional de Kyoto, um elemento ainda existente e importante na paisagem urbana contemporânea, a machiya da cidade de Edo/Tóquio não tem sido igualmente objeto de estudo, consequência das várias reconstruções da cidade de Tóquio. A sua estrutura não teve a possibilidade de transformar-se e desenvolver-se como o modelo de Kyoto. Posto isto, a análise que se segue foca-se na tipologia inserida no contexto urbano de Edo/Tóquio, uma vez que ainda é possível encontrar algumas interpretações dispersas na área metropolitana de Tóquio, nomeadamente em Tsukiji.

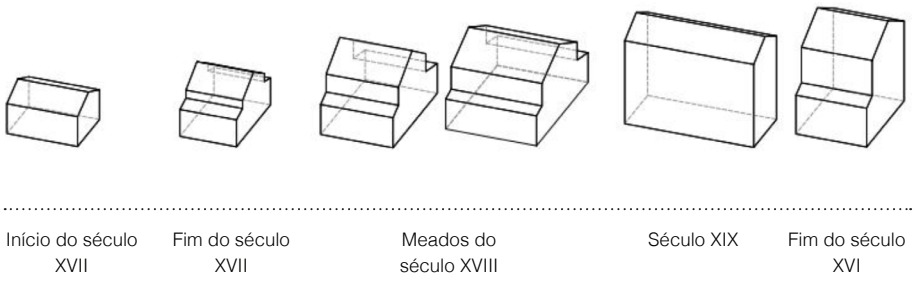
Foi no século XVIII que ocorreram as mudanças mais significativas entre os dois modelos habitacionais, em Edo e Kyoto. As casas em Kyoto expandiram a estrutura em direção ao pátio, no sentido longitudinal. No caso de Edo, devido ao exponencial crescimento da população, a densidade do quarteirão também aumentou, o que fez com as casas aumentassem em altura, passando a existir dois quartos (um em cada piso). A estrutura tornou-se mais estável e sofisticada e na área posterior da casa estruturas de menor dimensão com um andar foram acrescentadas para armazenamento.

Com a Restauração de Meiji – gerou-se um novo modelo urbano. As ruas, agora alargadas e com carácter europeu, deram lugar a edifícios em tijolo vermelho com maior resistência ao fogo. A sua reconstrução influenciou também a imagem geral das moradias convencionais e teve impacto na diminuição das construções em madeira, permanecendo como material de construção básica para habitações residenciais.

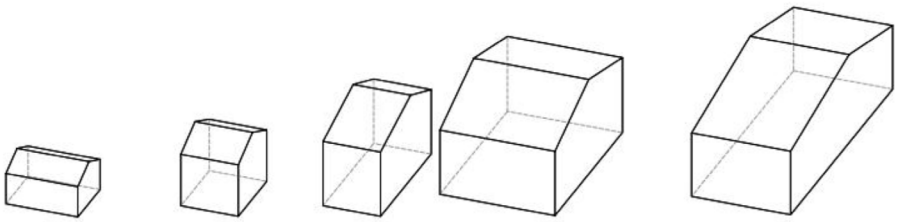


66 Configuração da tipologia "machiya"

67 Evolução da tipologia "machiya" em Edo/Tóquio



68 Evolução da tipologia "machiya" em Kyoto

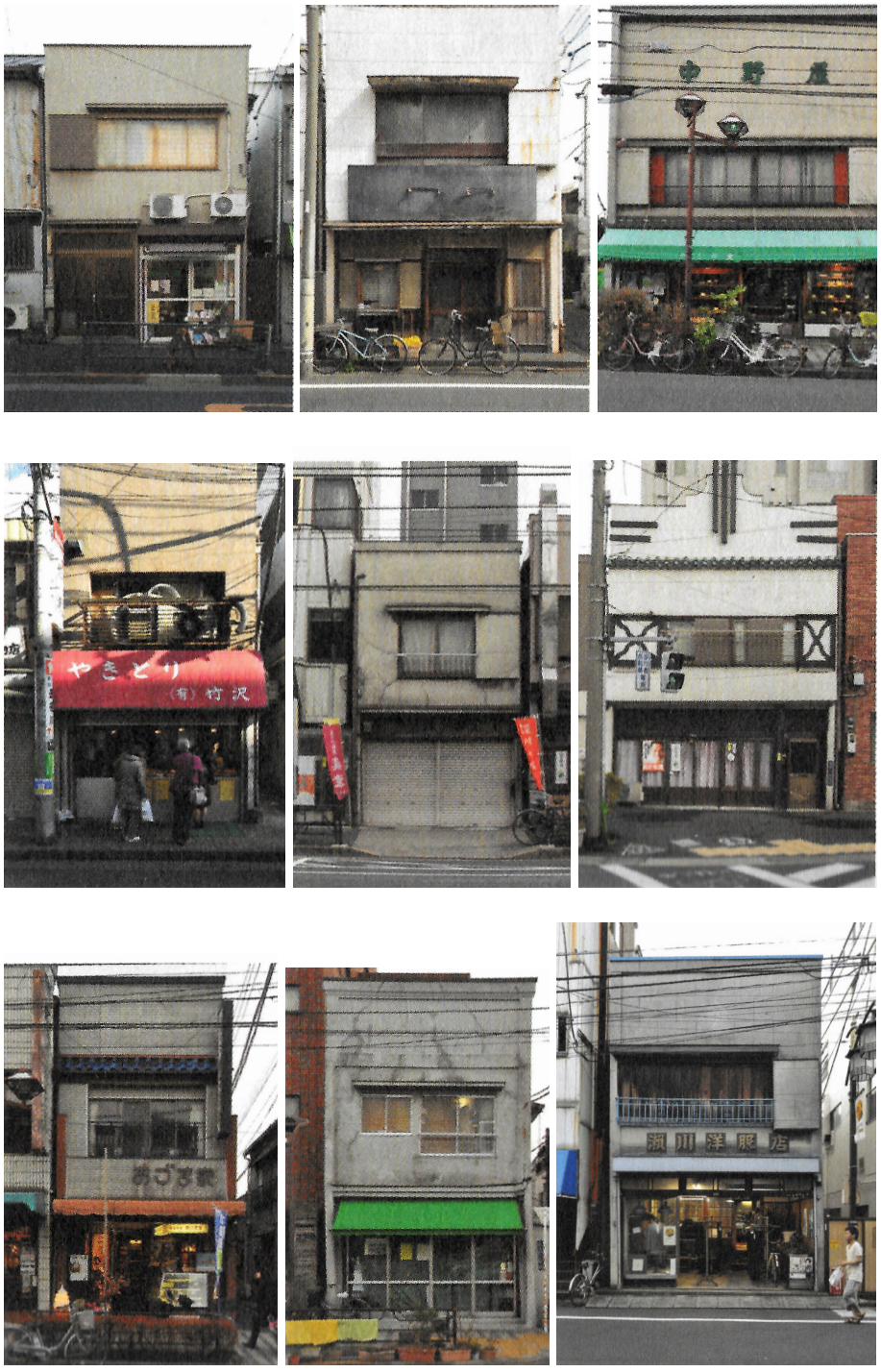


Outra importante mudança que influenciou as machiya foi a reforma agrária em 1970. A terra tornou-se pela primeira vez num bem material, podendo ser vendida e comprada. Com o aumento da população no século XX, o valor da terra surgiu e influenciou a dimensão das parcelas de terra. Muitos lotes constituídos por machiyas foram subdivididos ao longos dos anos, característica da paisagem urbana contemporânea.

Depois do terramoto de Kanto em 1923, de acordo com o novo código de proteção de edifícios contra incêndios, muitas casas com estrutura em madeira foram revestidas com fachadas de cobre e outros revestimentos que escondem a identidade da arquitetura orgânica japonesa. O novo "estilo" tornou-se popular entre diversas machiyas entre as décadas de 20 e 30. O arquiteto e historiador japonês, Fujimori Terunobu, nomeou a nova aparência das machiya como **Kanban Kenchiku**, caracterizadas pelas placas de sinalização acrescentadas nas fachadas principais para serem usadas como lugar de propaganda. Com o tempo, a relação entre casa e espaço comercial distanciou-se e a entrada para cada piso tornou-se independente. Contudo, ainda é possível encontrar algumas habitações com espaço dedicado ao comércio em bairros mais tradicionais da cidade de Tóquio.

69 Edo/*Tokyo Open Air Architectural Museum*, Tóquio

70 *Kanban Kenchiku,* conhecida também como "Signboard Architecture"



06 O CARÁCTER HÍBRIDO NA HABITAÇÃO

A palavra híbrido, segundo o dicionário, pode significar "o cruzamento de indivíduos de espécies distintas" ou "contrário às leis da natureza". No entanto, também remete para "o que participa de dois ou mais conjuntos, géneros ou estilos."[68] Assim sendo, o termo híbrido enquanto ideia remonta ao início das civilizações. Há muito tempo, e não apenas na mitologia clássica, o Homem manifesta o seu fascínio por seres híbridos, revelando que o imaginário do Homem está ilustrado nas espécies ou criaturas, como por exemplo, o Pégaso, as sereias; até mesmo na atualidade, com as grandes figuras da Marvel. Apesar da noção de híbrido remontar à Grécia Antiga, foi apenas entre meados dos séculos XVIII e XIX, que foram formuladas bases para o estudo. Joseph Gottlieb Kölreuter, botânico e autor do conceito de Vigor Híbrido ou Heterose, descreveu a propensão de um cruzamento de espécies diferentes para gerar um ser com maior habilidade de resistência e potencial desenvolvimento do que dos seus progenitores.[69] Posto isto, o conceito híbrido revela-se fundamental para a compreensão do mesmo conceito na arquitetura, assentando como princípio basilar na combinação de diferentes usos e funções programáticas.

[68] RICARDO, Ana. Tipologia Híbrida na Cidade Compacta: Caso de Estudo de Entrecampos – Rego. Tese Final de Mestrado em Arquitetura. p. 22.

[69] FENTON, Joseph – Pamphlet Architecture 11: Hybrid Buildings. p. 4.

Na arquitetura, os espaços de carácter híbrido ou espaços de fusão resultam da conjugação de diferentes intenções no mesmo espaço, sendo desta forma nutridos de múltiplos tipos de uso, remetendo-nos para uma nova unidade morfológica que responde a diferentes questões levantadas pelo contexto e desenvolvimento urbano. A partir da análise do modelo machiya, uma tipologia híbrida, o seguinte capítulo procura compreender as noções de carácter híbrido na habitação, evidenciado a potencialidade das suas características como forma de estratégia urbana no presente.

Com base numa breve análise histórica, a ideia de incorporar múltiplos usos não é recente, no entanto, é difícil de determinar a sua origem. A casa por cima de uma loja representa um dos muitos exemplos que ocorreram ao longo da História - uma estrutura habitacional que alberga as atividades domésticas assim como atividades comerciais; os residentes ocupam e gerem os dois espaços; e a estrutura é intencionalmente projetada para incorporar ambos os momentos espaciais -, havendo outro tipo de combinações, como é o caso da Ponte Vecchio em Florença onde coabitavam espaços de comércio e habitação, ao mesmo tempo que servia de função de ponte.

No final do século XIX, consequência de novas condicionantes urbanas e de pressões económicas, surge uma necessidade de densificar o espaço urbano, nomeadamente nas grandes cidades do Estados Unidos da América. Como resposta aos constrangimentos da malha urbana, limitou-se o desenvolvimento da mesma, e procurou-se novas soluções para rentabilizar o custo elevado do solo. Aliado aos novos materiais e às novas inovações construtivas e tecnológicas (como a estrutura metálica e o elevador) emerge uma nova expansão vertical, maximizando o volume construído com diferentes ocupações programáticas, dando origem ao primeiro edificado híbrido. Apesar destes modelos serem caracterizados pela sua grade escala e dimensão, os princípios basilares que deles ocorreram são os mesmos da habitação de uso misto, uma vez que ambos surgem em planos urbanos e onde existe a necessidade de rentabilizar as áreas onde se inserem. É nesta linha de pensamento que surgem os modelos Híbridos, como efeito da sua compreensão enquanto modelos que valorizam o espaço urbano e o ampliam. Steven Holl,[70] impulsionador do Edifício Híbrido[71], evoca as capacidades e potencialidades de maneira a enfrentar as novas condicionantes, referindo-se nomeadamente às megacidades densamente ocupadas, sugerindo a capacidade destes modelos se tornarem geradores de novos conceitos arquitectónicos, na formação de espaço público e representantes da arquitetura sustentável.

[70] HOLL, Steven – Hybrid Buildings in This is Hybrid: An analysis of Mixed-Use Buildings. p. 6-9

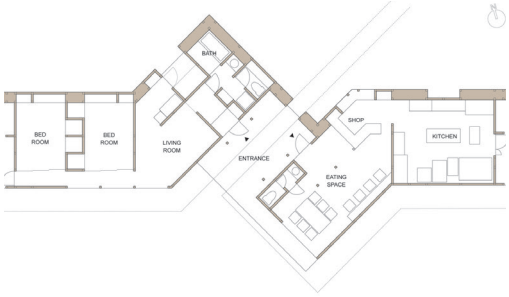
[71] O Edifício Híbrido é um objeto de grande estudo por diversos arquitetos como Martin Musiatowicz, Javier Mozas, Steven Holl, Rem Koolhaas e ainda o agente imboliário Joseph Fenton.

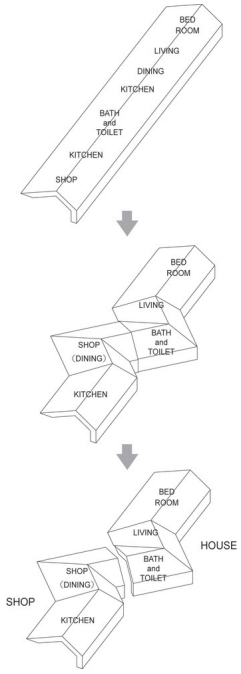
O edificado híbrido é caracterizado por promover relações inerentes ao confronto das esferas pública e privada. A privacidade e intimidade, característica da vida doméstica, contrapõem-se aqui, com a sociabilidade à vida pública, viabilizando assim a mistura da experiência subjetiva associada à esfera íntima com a experiência empírica associada ao mundo exterior. Separando a barreira entre espaço público e privado, estes estabelecem uma maior continuidade entre si e a cidade, assumindo-se assim, como a extensão natural do espaço urbano, como poderá ser associado à compreensão da relação entre a habitação e o espaço público, no sentido em que esta articula dois universos distintos, como vemos no caso da machiya: o interior e o exterior através do espaço de trabalho.

Musiatowicz[72] defende que o carácter híbrido é cada vez mais entendido como meio de ativação, não só de um edifício, como dos seus programas individuais e do tecido urbano envolvente. Nesta lógica, pretende-se compreender os mecanismos capazes de provocar transformações dinâmicas e, influenciá-los e refleti-los no projeto do Quarteirão. O edificado de cariz híbrido regista um conjunto de características capazes de intervir no tecido urbano para além de edifícios monofuncionais, ou seja, características que lhes acrescentam a capacidade de gerar relações mais profundas com o tecido no qual se enquadram, manipulando-o e transformando-se indissociáveis do mesmo. É nesta linha de pensamento que se pretende propor um conjunto habitacional híbrido, aliado à memória da antiga tipologia japonesa - a machiya -, capaz de integrar uma diversidade programática, e, assim revitalizar e dinamizar de novo o lugar.

71 Exemplos registados em Odawara, perto de Tóquio, de uma habitação híbrida (restaurante e habitação)

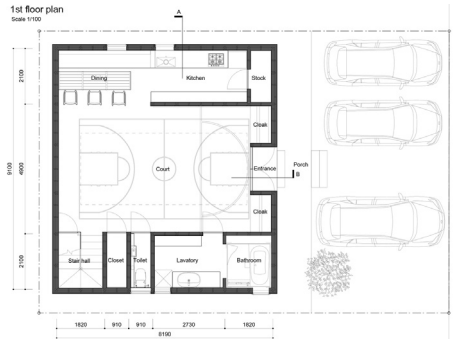
[72] MUSIATOWICZ, Martin – Hybrid Vigour and the Art of Mixing in This is Hybrid: An analysis of mixed-use buildings. p. 12-19





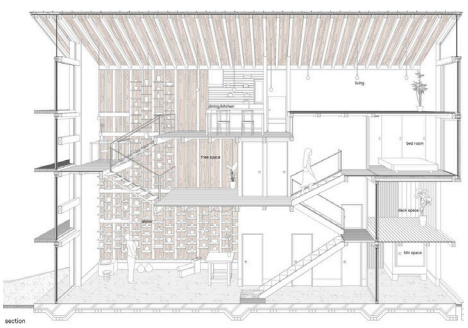
72 Exemplos de habitação híbrida (habitação + café), Tateyama, Japão

Arq. Uchida Architect Design Office



73 Exemplos de habitação híbrida (habitação + área desportiva), Shizuoka, Japão

Arq. KOIZUMISEKKEI

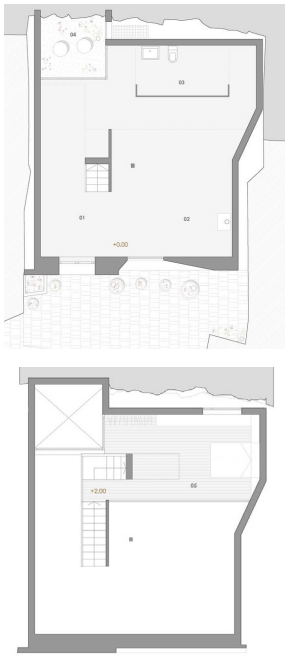


74 Exemplos de habitação híbrida (habitação + oficina), Osaka, Japão

Arq. Office for Environment Architecture

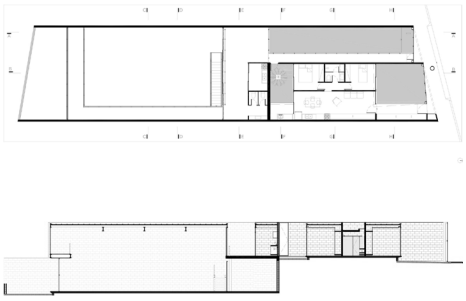
75 Exemplos de habitação híbrida (habitação + estúdio), Gaucín, Espanha

Arq. DTR Studio Architects



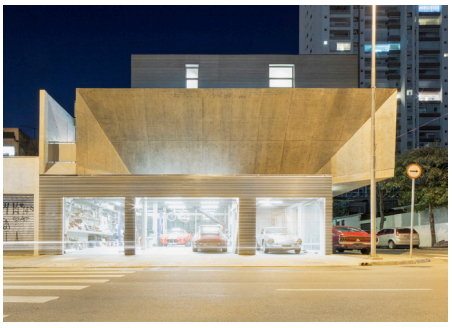
76 Exemplos de habitação híbrida (habitação + estúdio), São Paulo, Brasil

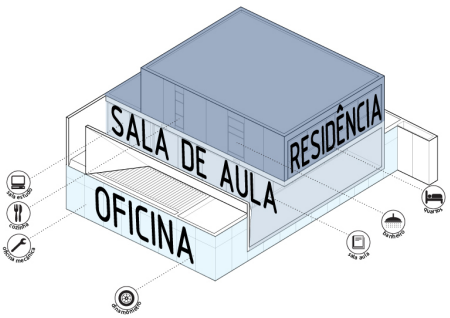
Arq. Terra e Tuma Arquitetos Associados



77 Exemplos de habitação híbrida (habitação + oficina), São Paulo, Brasil

Arq. PAX.ARQ



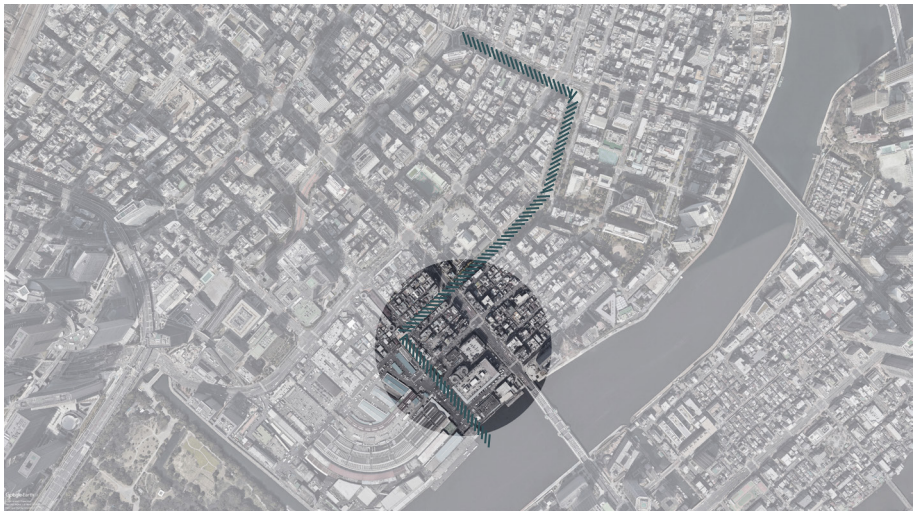


07 O PROJETO

07.1 PROPOSTA PARA O QUARTEIRÃO DE TSUKIJI

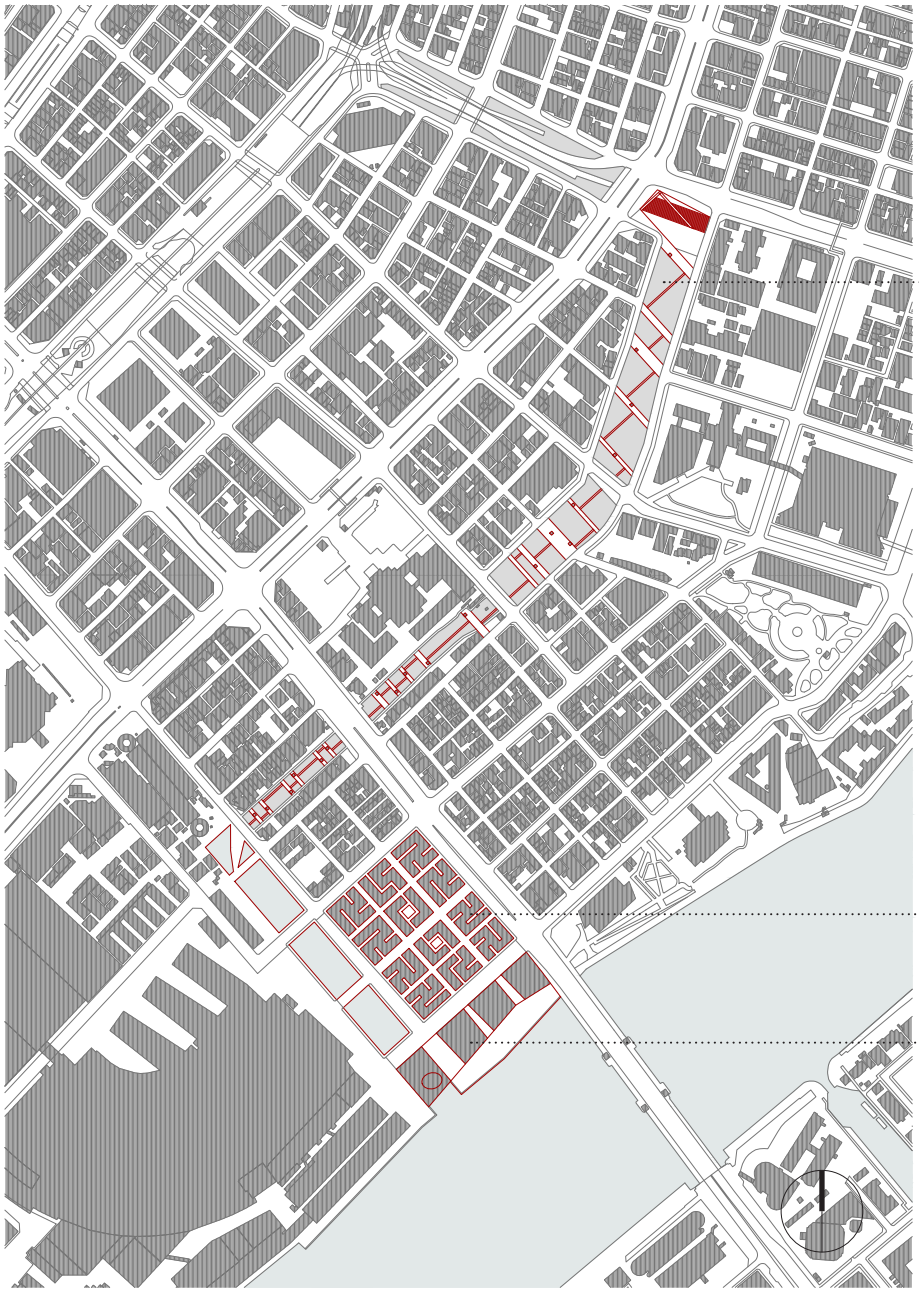
Tal como é caracterizado no capítulo “O Lugar”, a área de intervenção para o seguinte projeto localiza-se no bairro de Tsukiji, na zona Sul da cidade de Tóquio. A área de intervenção distribui-se num quarteirão retangular e delimita-se a nascente pelo rio Sumida, a poente pelo Mercado Externo e a Sul pelo Mercado Interno. Lugar com cariz comercial e administrativo, revela alguns pontos de referência importantes próximos do quarteirão em estudo, como já foi referido anteriormente: o antigo canal de Tsukiji - se hoje existisse atravessaria do lado direito do quarteirão -, o rio Sumida pela sua importância comercial e cultural desde do período Edo, e por último, o Mercado de Tsukiji, elemento narrativo para a proposta deste lugar.

O projeto apresentado é implantado num quarteirão e aborda três temáticas diferentes - no entanto, complementares entre si - distribuídas em três momentos conseguintes. O quarteirão, atualmente, apresenta dois blocos de estacionamento e três edifícios com diferentes funções, de apoio ao Mercado Interno de Tsukiji. Cada uma das intervenções localiza-se distribuída pelo quarteirão e a proposta visa aglutinar, numa só solução, os três momentos fulcrais, através de uma sequência de serviços e espaços públicos que providenciem uma nova dinâmica socio-espacial.



78 Local de Intervenção

Antigo canal de Tsukiji + Quarteirão



79 Planta de Implantação

07.2 INTENÇÕES PROGRÁMÁTICAS

Cada um dos três momentos do projeto tem a sua própria identidade e cada um conta a sua história. Logo, a descrição das intenções programáticas acompanha a escala de desenvolvimento de cada um. Desde a proposta com carácter mais urbano, à proposta com maior enfoque e desenvolvimento deste trabalho.

O primeiro – o antigo **Canal de Tsukiji** – é um percurso com cerca de um quilómetro e meio e que pode chegar aos 40 metros de largura, atravessa o bairro de Tsukiji e liga ao bairro de Ginza. Atualmente, é utilizado como parque de estacionamento, ou até mesmo como parque urbano. No entanto, encontra-se descaracterizado, desaproveitado e desenquadrado da sua envolvente urbana. Este percurso, hoje fragmentado, está entregue às atividades quotidianas de um bairro com cariz administrativo. É utilizado nas pausas de almoço pelos ocupantes dos vários escritórios e empresas, e à noite torna-se num percurso escuro e deserto. A falta de carácter por uma área desta dimensão no meio de uma zona urbana consolidada como o distrito de Chuo, abre portas para uma intervenção que transforme uma zona desintegrada e sem identidade, num percurso promotor de uma vivência positiva. Este percurso linear, outrora um dos canais que serviu a cidade de Edo, foi a inspiração inicial para a concepção de um programa que revitalize este lugar.

Propõe-se assim, a criação de um percurso público ajardinado que articule o tecido existente e que garanta a sustentabilidade e qualidade urbana, onde decorrem várias atividades e serviços quer por parte da população residente, como da não-residente. À semelhança do High Line em Nova Iorque,[73] pretende-se associar a uma antiga instalação, um novo conceito de espaço público, um refúgio da cidade que albergue espaços verdes, de passagem, de permanência e de lazer.

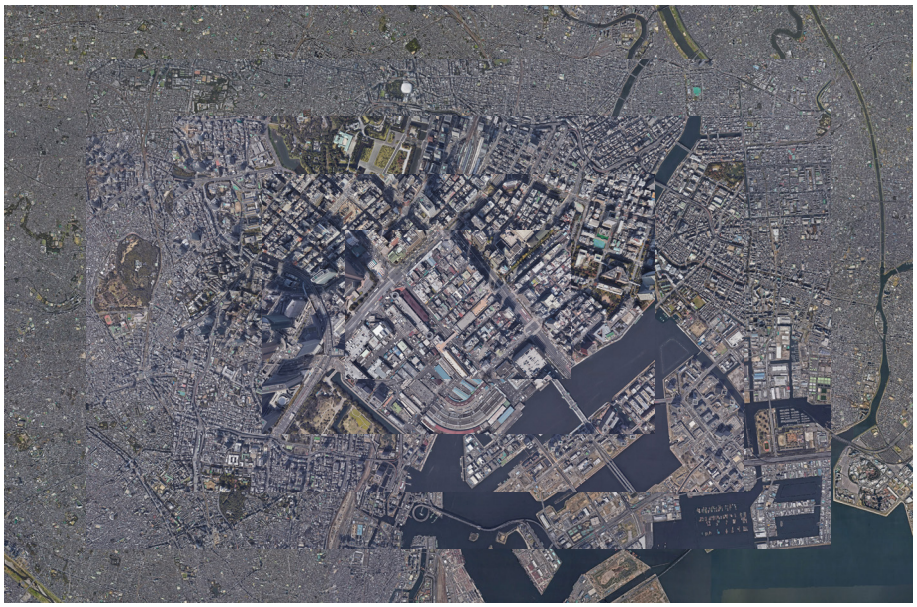
O segundo momento deste projeto, a frente ribeirinha do quarteirão com o **rio Sumida**, no qual nos deparamos com quatro armazéns industriais de pequena dimensão, que nos bloqueiam imediatamente a visão para o rio. Os armazéns correspondem a edifícios com funções de apoio ao Mercado Interno de Tsukiji. O projeto que se propõe visa a criação de um equipamento que articule a frente ribeirinha e as vivências comerciais do quarteirão em que se insere. Na vertente conceptual, propõe-se um edifício integrado na frente de água, respondendo ao desejo de libertar a área circundante para o público em geral, e através de um percurso/passeio por cima de uma pala que sobe gradualmente, permite a lenta descoberta do ambiente e das vistas, assim como cria o espaço necessário em baixo para as funções do equipamento público. Este será composto por dois espaços amplos que albergam uma diversidade funções, como a bilheteira para os barcos turísticos vindos do rio Sumida, restaurantes e espaços expositivos. Paralelamente a isto, propõe-se a abertura de um troço do antigo canal de maneira a revitalizar este lugar a partir da memória de uma cidade canal, uma vez que as vivências articuladas com os planos de água, foram um dia caracterizadas por diversas vivências públicas e pelas trocas comerciais entre a população residente desta área e da restante cidade.

Por último, o **Quarteirão**, o qual se singulariza por estar localizado entre as margens do rio Sumida e o Mercado Externo de Tsukiji, um denso labirinto de ruas e vielas ladeado por minúsculas lojas de alimentos, fornecedores de restaurantes que vendem pauzinhos, cerâmica e talheres; peixarias, sushi-bares e outros estabelecimentos de retalho. A topografia praticamente plana desta área, constitui uma vantagem por conseguir potenciar uma horizontalidade e permeabilidade ao nível do piso térreo para a proposta deste lugar, uma vez que a proposta visa “estender” as vivências carismáticas presentes no Mercado Externo, até ao plano de água. Propõe-se, assim, a criação de um conjunto habitacional híbrido (objeto de maior enfoque a nível projetual), onde se aprofundam questões desde a sua implementação urbana até à elaboração de cada habitação, segundo os princípios do uso misto, flexibilidade e adaptabilidade. Em relação à envolvente deste lugar, procurou-se olhar para os quarteirões circundantes e compreender a lógica dos mesmos numa estrutura urbana aparentemente caótica e difícil de ler. De maneira a que o quarteirão proposto se enquadre na morfologia deste lugar.

[73] O “High Line” em Nova Iorque, é um parque linear com aproximadamente dois quilómetros e meio, construído sobre uma antiga linha férrea.

07.2.1 O QUARTEIRÃO NIPÓNICO

80 Quarteirão Nipónico
Area: Tsukiji, Tóquio



Nas cidades ocidentais, a morada de nossa casa é representada pela localização através do nome da rua e de um número. A rua é um elemento linear, ao longo da qual estão dispostos edifícios de ambos os lados numa sequência numérica. As ruas cruzam-se e formam uma rede que constituí a estrutura organizacional da cidade. No entanto, no Japão é muito diferente. Os distritos, ku, são divididos em quarteirões, chome, reagrupando várias casas e formando um bloco, machi. As casas são enumeradas segundo o bloco a que pertencem e não em função da rua. A localização é indicada por uma sinalização vertical, colocada no cruzamento de duas ruas anónimas, e indica o número do chome e a machi. Estas unidades, formam o "mosaico" que constitui a estrutura organizacional das cidades. As moradas confirmam esta ordem, notificando em primeiro lugar o nome da cidade, de seguida o nome do distrito (ku), este é constituído por um conjunto de bairros (machi), por sua vez, cada machi é composta pelo chome (cho), que corresponde a um conjunto de ban. Os ban estão divididos em lotes (go).[74]

A cidade de Tóquio é compreendida como uma "cidade mosaico", composta por pequenas e variadas partes. Foi concebida pela sobreposição de acrescentos parciais e revisões durante muitos anos de modernização, num complexo padrão

[74] Kisho Kurokawa salienta que, durante muitos séculos, as cidades japonesas foram, de fato, organizadas por um sistema de ruas. Ele observa (por referência a Kazuhiko Yamori em "Toshizu no Rekishi") que uma mudança ocorreu no final do século IX e X: um sistema no qual as ruas eram "como rios que separam ou circundavam comunidades". Um sistema em que eles se tornaram o foco comum, para pessoas de ambos os lados da rua que estavam empregadas em ofícios comuns. Foi apenas nos últimos tempos, de acordo com Kurokawa, esse suposto sistema de rua foi perdido - com as novas leis de 1962 que introduziram um sistema de distritos e alas. In SHELTON, Barrie – Learning from the Japanese City: Looking East in Urban Design. p. 26.

baseado, particularmente, na sua topografia. Historicamente, no fim dos privilégios feudais, provenientes do regime de Tokugawa, e o declínio de fortunas de muitos senhores feudais fez com que muitos deles vendessem as suas propriedades aos poucos. As grandes propriedades foram divididas ao longo do tempo em lotes cada vez menores. Embora o processo de subdivisão frequentemente introduzisse uma malha regular, não houve propriamente um processo de articular as diferentes malhas, tendo o plano da cidade resultado numa mistura fragmentada de malhas e outros padrões urbanos. A destruição deixada pela Segunda Guerra Mundial criou a oportunidade da reconstrução da cidade com uma infraestrutura mais forte. E assim, novas autoestradas e linhas ferroviárias foram sobrepostas ao plano antigo. Contudo, a mistura de malhas regulares, espiraladas, radiais e outro tipo de formas orgânicas permaneceram impressas no plano urbano atual. A sua sobreposição e o fato de que nenhum deles pode ser lido como dominante, concede à cidade um carácter indescritível e aparentemente caótico. No entanto, apesar dos diferentes padrões, vários princípios espaciais e morfológicos identificáveis desenvolveram-se continuamente ao longo de muitos séculos e a familiaridade com esses princípios permite-nos ver Tóquio com mais clareza.[75]

Os chome são um importante agente que moldam o cenário da cidade, uma vez que estes são sujeitos a uma ordem particular resultante da estratégia de prevenção de incêndios. Os limites das ruas principais e mais movimentadas, que funcionam paralelamente como vias corta-fogo, são constituídas por edifícios “high” ou “medium-rise”, construídos em betão. O interior do chome é ocupado por uma densa massa edificada de pequenos edifícios de habitação “low-rise”. Este fenómeno caracteriza-se pelas mais variadas metáforas: “hard shell e soft yolk”[76] ou “crust and filling.”[77]

81 Representação do *Chome* e respetivos *Machi* (Local de Intervenção)

[75] MAKI, Fumihiko – Nurturing Dreams: Collected Essays on Architecture and the City. p. 151.
[76] SHELTON, Barrie – Learning from the Japanese City: Looking East in Urban Design. p. 5
[77] KITAYAMA, Koh; NISHIZAWA, Ryue; TSUKAMOTO, Yoshiharu – Tokyo Metabolizing. p. 33

82 Fenómeno "hard shell and soft yolk", Bairro de Tsukishima, com vista para Tsukiji

07.3 CONJUNTO HABITACIONAL HÍBRIDO

07.3.1 CONCEITO E DESENHO

Como foi referido anteriormente, o quarteirão habitacional híbrido será o objeto de estudo com maior importância projetual, no presente trabalho. Assente numa área urbana totalmente plana a uma cota muito próxima do nível da água (3 metros), ocupa uma área aproximada de 17.000m^2.

A disposição do conjunto habitacional no terreno recaiu em dois aspetos importantes: em primeiro lugar, a distribuição do volume edificado pressupunha uma dispersão dos módulos habitacionais ao longo do terreno e que esta se desenvolvesse mais na horizontalidade do que na verticalidade, contrariando a sensação de limitação e barreira por entre os vários quarteirões; em segundo lugar, por ser uma zona já densamente edificada devido ao seu historial, a nova proposta deveria quebrar com o carácter industrial deste lado do Bairro de Tsukiji, e investir numa solução que privilegie uma natureza mais residencial e bairrista, para que se aproxime de uma equilíbrio no panorama urbano.

As unidades de habitação foram então pensadas para se desenvolveram na horizontalidade, no qual o conjunto de lotes acompanhasse a morfologia da envolvente. Nesta conformidade, cada lote nasceu dos alinhamentos e arruamentos pré-existentes, dos quais surgiram 12, que em conjunto, formam o Quarteirão proposto. Cada um deles, assume-se como elemento estruturante na definição da malha urbana, determinando o acesso pedonal e automóvel, que surge assim nos espaços intersticiais, e permitem o acesso a cada habitação.

83 Alinhamentos e arruamentos para o Quarteirão proposto

Os dois atravessamentos norte-sul e os três este-oeste, permite aos usuários desfrutarem de todo o complexo habitacional e/ou comercial, e experienciar os momentos arquitetónicos concebidos intencionalmente para o mesmo explorar. Conceptualmente, a ideia dos vários quarteirões e reentrâncias de cada um, ocorre do “espírito labiríntico” que toda a cidade de Tóquio transmite. Desde as ruas que delimitam o Quarteirão, ao canal qualificado ou ao equipamento, o labirinto reativa e promove a interação socio-espacial da esfera exterior e interior do Quarteirão.

Para além da malha que constitui cada lote, existe outra igualmente importante: a malha que organiza as reentrâncias e define a estrutura fixa de cada unidade habitacional/comercial, ou seja, aquela que alberga as infraestruturas e será o "suporte" para as áreas flexíveis. As seis bandas verticais e 8 horizontais são definidas sempre com a mesma largura, 3 metros, e organizam as entradas privadas de cada unidade. Uma vez que o conceito descrito neste projeto é a habitação híbrida, é importante também pensar na privacidade e segurança de cada proprietário, daí existir sempre uma entrada privada para qualquer unidade do quarteirão.

Outra questão que importa referir, é a de que se optou por propor para todos os lotes habitacionais, coberturas ajardinadas, pelas suas vantagens no desempenho térmico, acústico e por de facto serem uma solução ecológica. Esta solução acaba por contribuir, também, para a criação de espaços verdes, tão escassos no distrito de Chuo e, ainda, serem uma extensão do percurso ajardinado proposto no lugar do antigo canal de Tsukiji.

O Quarteirão afirma-se assim, como sendo um projeto programaticamente híbrido, por se tratar de um complexo em que cada espaço acolhe funções de uma casa, juntamente com a possibilidade de tornaram-se espaços comerciais ou de trabalho, ou mesmo, tudo em simultâneo. Esta solução procura atender às falhas e carências programáticas de Tsukiji, de modo a servir os cidadãos que vivem, ou que poderiam gostar de viver e trabalhar no centro da cidade, de modo a dinamizar as vivências e relações entre indivíduo-indivíduo e indivíduo-cidade.

07.3.2 HABITAÇÃO COM CARÁCTER HÍBRIDO

A volumetria deste projeto nasceu de uma malha pré-existente, resultando num "jogo" de volumes soltos e independentes e numa conjugação de "cheios e vazios", sujeitos a uma estrutura de acessos e percursos em todo área de intervenção. As unidades de habitação são distribuídas sempre numa forma retangular e em grupos de nove, à exceção de quatro lotes. A dois deles, foi retirado uma unidade, de forma a representar as "portas de entrada" do Quarteirão; e outros dois, no centro, de modo a criar pátios coletivos.

O conceito aplicado no desenho das habitações, já abordado anteriormente, consiste no uso misto na disposição interior do espaço. Nesse sentido, o projeto foi concebido de forma ao utilizador poder optar pela função que mais lhe convém. Primeiro, é importante esclarecer que a malha (designada pela autora deste trabalho, como malha secundária) que organiza as reentrâncias de cada lote, alberga também as infraestruturas, associadas a cada unidade habitacional/comercial, de modo a permitir o máximo de espaço livre para a introdução do espaço de trabalho ou comercial. De seguida, desenvolveu-se a ideia de recorrer à "engawa" como espaço de transição nas fachadas voltadas para as ruas com carácter mais público, e também a introdução de painéis móveis ripados em madeira, que possibilitem ao utilizador movê-los consoante a necessidade; e, ao mesmo tempo, conservar a ideia conceptual de "caixa", de cada lote.

Os vãos no piso térreo variam consoante a rua para os quais estão voltados, e variam também no caso de existir a engawa, ou se estão contíguos à fachada. De um modo ou de outro, a ideia é que os vãos permitam a permeabilidade dos espaços, mas que, ao mesmo tempo, se subdividam de uma forma leve, mínima e indireta. Assim, como na machiya, o objetivo é criar um elemento extrovertido e convidativo que se abre para a rua e que atrai por quem lá passa; que se expõe e deixa espreitar a vida doméstica e que se define como elemento catalisador da vida pública no ambiente urbano. À noite, quando as grelhas de madeira e as cortinas interiores se fecham, integra um sentido mais introvertido que se relaciona com o ato de habitar.

Outro aspeto importante a referir, é que a malha secundária, para além de definir as reentrâncias, define também aquilo que neste projeto foi inspirado nas "paredes habitáveis". Atualmente existem dois aspetos que se destacam na maioria dos projetos de arquitetura de habitação. Em primeiro lugar, uma organização específica das funções essenciais ao habitar em espaços definidos, habitualmente unidos a paredes ou dispostos em núcleos independentes; em segundo, e relacionado com o anterior, existe uma importância crescente na determinação de espaço vazio, ou seja, na imagem e estrutura dos espaços, em que se recorre a um "disfarce" de todos os elementos essenciais do habitar, resultando numa organização espacial em que o vazio genérico se encontra delimitado por espaços possuidores de profundidade, no qual o seu interior está escondido ou à vista. Esta ideia de espessura é geralmente

associada a exemplos históricos em que a condição tectónica da parede e o aproveitamento espacial geram esta organização, entendida como ideia de "massa" e escavação. Hoje representa particularidades sensoriais que alguns arquitetos procuram, estando elas enraizadas na cultura arquitetónica, desde o momento do primeiro abrigo.

Na arquitetura da antiguidade, rudimentar e vernacular, tendo as suas paredes uma espessura considerável e em casos aproveitando o volume por necessidade, criaram-se assim os primeiros exemplos de paredes habitadas. A sua massa, existente por necessidade construtiva, é escavada pela necessidade espacial. Muitas casas antigas têm reminiscências deste tipo, como por exemplo, os nichos de adoração religiosa, as pequenas cavidades para os arrumos de utensílios de cozinha, os bancos junto às janelas, ou ainda as alcovas. No entanto, não se consideram sempre paredes habitáveis, uma vez que se tratam de espaços pequenos e pontuais, de acesso e não no sentido de habitabilidade.

Segundo Christopher Alexander, os espaços verdadeiramente habitáveis são essenciais à arquitetura. *"Many large rooms are not complete unless they have smaller rooms and alcoves opening of them (…) No homogeneous room, of homogeneous height, can serve a group of people well. To give a group a chance to be together, as a group, a room must also give them the chance to be alone, in one's and two's in the same place. This problem is felt most acutely in common rooms of a house (…) In fact, it is so critical there, that the house can drive the family apart when it remains unresolved."* [78] Eventualmente, a construção evoluiu no sentido da uniformização dos métodos e materiais, impulsionado em parte pela revolução industrial. A parede sofre um processo de estandardização e transforma-se num simples elemento de limite ou distribuição. A espessura diminui consideravelmente, perdendo esta ideia de "massa" sensorial. A obra de Capela de Ronchamp por Le Corbusier (1955), representa um regresso ao uso da massa, à reintrodução das paredes espessas. A própria controvérsia do público em relação ao projeto, expõe o carácter aparentemente contraditório da proposta do arquiteto, na qual a planta revela um confronto com os projetos anteriores: a forma orgânica em lugar da geométrica, paredes densas em vez de finas e as aberturas pontuais e dinâmicas, em vez da "fenêtre a longuer."

A transformação da parede num determinado espaço, nasce geralmente de um motivo. Num contexto histórico, a arquitetura das paredes habitáveis, o motivo advém de uma necessidade (espacial, estrutural, de linguagem, etc.). Nos anos 80 e 90 há uma diversidade de experiências na vertente da habitação coletiva, focadas na redução do espaço através da procura da flexibilidade e versatilidade ao nível da planta. A concentração dos elementos fixos em forma de núcleos, associados ou não, às paredes, aparenta ser o princípio de projeto para várias soluções. A diversidade encontra-se na localização estratégica dos núcleos de

[78] ALEXANDER, Christopher – A Pattern Language: Towns, Buldings, Constrcution. p. 829.

serviço, que permite a modulação de um espaço fluído e livre, existindo uma clara preferência pela organização de funções concentradas e na criação de espaços vazios indeterminados. Em "Paredes Habitáveis: Arquitectura e Espaço a Propósito da Análise da Habitação Contemporânea"[79] a autora cita o arquiteto Manuel Gausa que consta que a "habitação deixa de ser um conjunto de espaços meticulosamente distribuídos e transforma-se num espaço destinado a uma habilitação, um espaço definido através de uma periferia funcional e expresso como um vazio a ser apropriado."[80] A autora descreve também o modelo habitacional de S.Gansell de 1994, o projeto "House for Nomads", que se baseia na "indeterminação espacial contemporânea."[81] O projeto, composto por apenas uma planta, de forma quadrada e possuidor de um núcleo central que alberga as funções de cozinhar, lavar, chuveiro e sanitários, enquanto que a pele da casa é composta por paredes designadas como arrumos.

Na atualidade, os ateliers Aires Mateus e Pezo von Ellrichshausen, são alguns dos autores que exploram este conceito de "paredes habitáveis" na maioria dos seus projetos. O atelier português, usa paredes habitáveis como ideia de memória ligada à arquitetura tradicional alentejana de paredes grossas, assim como referenciam ao trabalho deles a "arquétipos clássicos e antigos: porque queremos aproximar-nos do reino de experiências e conteúdos profundos"[82], pela razão que "se a arquitetura pode estabelecer afinidades com a memória e os sentimentos, das pessoas que vão habitar, o potencial de vida nesses espaços aumenta."[83] Nos seus projetos, facilmente se identifica o espaço vazio, desenhado por escavação e a relação com a forma.

Com base nestas premissas, aliado às "paredes habitáveis", o seguinte projeto propõe as funções básicas do habitar incorporadas nas paredes, podendo estar escondidas ou visíveis através de portas deslizantes em madeira. Para além disto, propõe também um módulo cúbico amovível e com o chão revestido a tatami, adaptável a qualquer função necessária: dormir, lazer, descansar, trabalhar. Inspirado na Naked House de Shigeru Ban, cada unidade habitacional ou comercial, consiste num único grande espaço, e no qual os cubos podem ser movimentados. livremente. De modo a otimizar a mobilidade, os cubos não são muito grandes (2,8m x 2,8m), podendo ser movimentados consoante a necessidade e uso.

[79] EENBERGEN, Dominika. Paredes Habitáveis: Arquitectura e Espaço, A Propósito da Análise da Habitação Contemporânea. Tese Final de Mestrado em Arquitetura, 2016.

[80] GAUSA, Manuel - Housing: New Alternatives, New Systems, (2002) p.23. Cit. por EENBERGEN, Dominika. Paredes Habitáveis: Arquitectura e Espaço, A Propósito da Análise da Habitação Contemporânea. Tese Final de Mestrado em Arquitetura. p. 39.

[81] GAUSA, Manuel - Housing: New Alternatives, New Systems, (2002) p.23. Cit. por EENBERGEN, Dominika. Paredes Habitáveis: Arquitectura e Espaço, A Propósito da Análise da Habitação Contemporânea. Tese Final de Mestrado em Arquitetura. p. 39.

[82] Aires Mateus In CECILIA, Fernandez Marquez; LEVENE, Richard – Aires Mateus: Construir el Molde del Spaco. El Croquis. Nº 154 (2011). p. 12. Trad. Livre da autora do texto original em inglês.

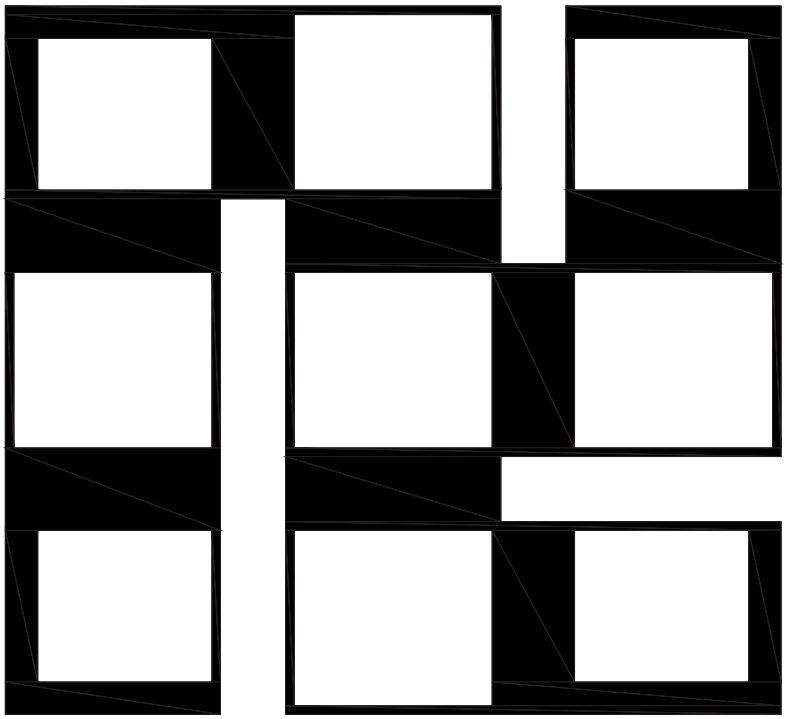
[83] Aires Mateus In CECILIA, Fernandez Marquez; LEVENE, Richard – Aires Mateus: Construir el Molde del Spaco. El Croquis. Nº 154 (2011). p. 12. Trad. Livre da autora do texto original em inglês.

Neste sentido, o projeto que se propõe procura responder a uma série destas questões - espaço livre, privacidade, uso misto, flexibilidade, relações intersociais, etc. - da melhor forma possível e atender a todas estas temáticas num objeto habitacional inovador.

84 Protótipo (conceito projetual)

Espaços fixos

Espaços flexíveis



85 Protótipo (planta do piso 0)

Espaços fixos

Espaços livres

07.3.3 MATERIALIDADE

A seleção cromática que se procurou, adaptada ao conceito do projeto, foi uma mistura que de cores escuras e claras, que retenha a "crueza" da construção, mas que englobe um acabamento completo e uma sensação de conforto, no sentido de aludir, ao olhar do observador, uma sensação de desafogo, luz e abertura, mas ao mesmo tempo ir ao encontro da envolvente urbana. As diferentes materialidades foram escolhidas com o intuito de misturar materiais como o betão e a madeira, assim como, integrar a inserção de vegetação, que atenuará as cores escuras e densas.

Em relação aos lotes (em conjunto compõem o Quarteirão), o betão é o elemento principal na escolha do material, tanto na sua estrutura como no revestimento. A estrutura em betão representa a envolvente urbana, pretendendo-se relacionar com a materialidade da mesma, contudo de uma forma contemporânea. Posto isso, optou-se por usar betão aparente. Propõe-se para o betão das fachadas exteriores, uma textura ripada e laminada, em paralelo com os painéis ripados em madeira, deslizantes na fachada, que acabarão por criar a dinâmica e a verticalidade necessária.

A caixilharia é em madeira, as janelas estão à face da linha da parede interior, uma vez que os painéis ripados irão estar à face da fachada, de modo a enfatizar a ideia de "caixa" de cada volumetria, e ao mesmo tempo criar contrastes e dinâmicas.

Na esfera interior da habitação, todas as paredes interiores referentes à estrutura e à fachada serão em betão aparente, também sem qualquer textura. O pavimento interior é revestido a betão polido e a sua escolha foi condicionada pela opção projetual que se tomou desde sempre, oferecer versatilidade e facilidade na mutabilidade de espaços (dependendo no uso residencial, comercial ou ambos). Deste modo, o material que revestiria o pavimento teria que ser versátil e resistente em qualquer parte da unidade. Em relação aos elementos de suporte, como os móveis, as portas deslizantes, os cubos móveis e alguns apontamentos de revestimentos de paredes, será em madeira de pinho, em que as tábuas estão alinhadas na vertical, de modo a contrastar com a natureza horizontal do projeto.

86 Inspiração da expressão plástica para o exterior

Sky House, Arq. Kiyonori Kikutake

87 Inspiração da expressão plástica para o interior

Penthouse C, Arq. Vincent Van Duysen

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do último século, desde o período da industrialização, os canais em Tóquio têm vindo a sofrer um processo de gradual afastamento da cidade. Caracterizados por uma segregação social e espacial, muitos encontram-se degradados, mas maioritariamente revelam-se desenquadrados e descaracterizados do lugar onde se inserem.

Através deste trabalho, registamos a evolução e a importância das linhas de água desde o período Edo até aos dias de hoje, e em como estes se fragmentaram com o evoluir do tempo. Registamos o valor de um elemento estrutural e fundamental da cidade de Edo – de facto, as linhas de água foram expressamente modificadas, a até repetitivamente, para acompanhar o desenvolvimento da cidade. Os canais não perderam apenas a presença na cidade, mas também na mente da população. Escondidos entre prédios, preenchidos para dar lugar a ruas e estações, ocultados por infraestruturas de comunicação, os canais são dificilmente distinguidos como parte integradora da cidade. Podemos dizer que os canais se tornaram num elemento cego da metrópole.

Tem-se registado, nas últimas décadas, uma atenção acrescida sobre esta problemática, através da instalação de passadiços e na tentativa de criar pequenos

parques urbanos ao longo de rios e canais. No entanto, em muitos casos a acessibilidade a estes elementos não permite a reintegração dos mesmos na vida dos Tokyoites. É fundamental despertar a sua consciência com um sistema de comunicação no imaginário de Tóquio.

Como é registado em outras cidades de mundo, e até mesmo em Tóquio, acreditamos, acreditamos que a relação entre as cidades e a água é estabelecida assim que as pessoas se apropriam das suas margens. Essa apropriação é potenciada com a construção de espaços multifuncionais adaptados às necessidades da sociedade atual, permitindo uma regeneração da frente de água. O conciliar das necessidades públicas, entre elas comércio, trabalho, serviços ou lazer, com as necessidades privadas - habitação -, permite às frentes de água combater o ambiente industrial que lhes foi imposto ao longo tempo, transformando-as em espaços essenciais ao contexto urbano. Sendo as margens do rio Sumida uma destas situações, o bairro de Tsukiji insere-se em duas das problemáticas aqui expostas: a memória de um lugar construído pelo Homem delimitado por canais; e, atualmente uma frente ribeirinha.

A revitalização e recuperação das frentes de água, não passa apenas por dar diferentes usos, mas sim adaptá-los à realidade contemporânea. Se as necessidades da sociedade atual tendem a ser cada vez mais diversas, justifica-se a criação de espaços públicos e privados que se ajustem aos diferentes utilizadores e modos de viver. Neste sentido, a proposta procura misturar duas possibilidades: manter o carácter comercial de Tsukiji; e explorar a oportunidade de o bairro voltar a ter uma dinâmica residencial e bairrista. E, assim, combater a discrepância da população noturna e diurna, que é consideravelmente significativa. Uma intervenção adequada torna-se assim crucial na procura da estruturação de um centro urbano atrativo, capaz de dinamizar e promover o desenvolvimento deste lugar.

O lugar de Tsukiji, como memória de uma cidade canal, afirma a ligação entre os diferentes tempos que definem o lugar, reintegrando o lugar vivido e edificado como elemento primário na definição da vivência do lugar. A memória revela-se assim transposta por usos e materialidades, desenvolvendo vivências capazes de afirmar o retomar do gesto inicial.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

| DAN, Norihiko – ***Architecture and Urbanism of Tokyo***. Tóquio: Garden City Publishers, 2008

| HOLL, Steven – ***Hybrid Buildings in This is Hybrid: An analysis of Mixed-Use Buildings***. 2ª Edição. Vitoria-Gasteiz: A+T Architecture Publishers, 2014

| JODIDIO, Philip – ***Shigeru Ban 1957: Arquitectura sorprendente***. Colónia: Taschen GmbH, 2012

| JODIDIO, Philip – ***The Japanese House: Reinvented***. Londres: Thames & Hudson, 2015

| KEANE, Marc – ***Japanese Garden Design***. Tóquio: Tuttle Publishing, 1996

| NAITO, Akira; HOZUMI, Kazuo – ***Edo, the City that Became Tokyo: An Illustrated History***. Tóquio: Kodansha International, 2003

| TANIZAKI, Junichiro – **Elogio da Sombra**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2016

| TAUT, Bruno – ***La casa y la vida japonesas***. Berlim: Gebr. Mann Verlag, 2007

BIBLIOGRAFIA REFERENCIADA

| BARTHES, Roland – ***Empire of Signs***. Nova Iorque: Bantam Doubleday Dell Publishing Group Inc, 1983

| BESTOR, Theodore C. – ***Tsukiji: The fish market at the center of the world***. Califórnia: University of California Press, 2004

| CARVALHO, Eduardo Kol – **O Império da Imagem: Luzes e sombras do Japão**. Lisboa: Editorial Tágide, 2010

| FENTON, Joseph – ***Pamphlet Architecture 11: Hybrid Buildings***. Nova Iorque: Princeton Architectural Press, 1985

| GRAAF, Rutger de; HOOIMEIJER, Fransje – ***Urban Water in Japan***. Boca Ratón: CRC Press, 2008

| HALL, Edward – **A Dimensão Oculta**. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água, 1986

| HIDENOBU, Jinnai – ***Tokyo: A Spatial Anthropology***. Berkeley: University of California Press, 1995

| JONAS, Marieluise; RAHMANN, Heike – ***Tokyo Void: Possibilities in Absence***. Berlim: Jovis Verlag GmbH, 2014

| KITAYAMA, Koh; NISHIZAWA, Ryue; TSUKAMOTO, Yoshiharu – ***Tokyo Metabolizing***. Tóquio: Toto, 2010

| KOOLHAAS, Rem; OBRIST, Hans Ulrich – ***Project Japan: Metabolism Talks…***. Colónia: Taschen, 2011

| NITSCHKE, Günter – ***From Shinto to Ando: Studies in Architectural Anthropology in Japan***. Londres: Academy, 1993

| MAKI, Fumihiko – ***Nurturing Dreams: Collected Essays on Architecture and the City***. Cambridge: The MIT Press, 2008

| MUSIATOWICZ, Martin – ***Hybrid Vigour and the Art of Mixing in This is Hybrid: An analysis of mixed-use buildings***. 2ª Edição. Vitoria-Gasteiz: A+T Architecture Publishers, 2014

| SEIDENSTICKER, Edward – ***Tokyo: from Edo to Showa 1867 - 1989***. Tóquio: Tuttle Publishing, 2010

| SHELTON, Barrie – ***Learning from the Japanese City: Looking East in Urban Design***. Londres: E & FN Spon, 1999

| SORENSEN, André – ***The Making of Urban Japan: Cities and Planning from Edo to the twenty-first century***. Londres: Routledge, 2002

| TAUT, Bruno – ***Houses and People of Japan***. Tóquio: Sanseido Press, 19377

| ALEXANDER, Christopher – ***A Pattern Language: Towns, Buldings, Constrcution***. Nova Iorque: Oxford Univeristy Press Inc, 1977

PARTES OU VOLUMES DE LIVROS IMPRESSOS

| PECAR, Marina – *Kyoto Machiya: Ideas of Spatial Layering, Ritual Disclosure and Portability in the Form of Japanese Traditional City Dwelling*. *In* ***Transportable Environments: Theory, Context, Design and Technology***. Londres: E & FN Spon, 1998. P. 7581

PERIÓDICOS

| AA. VV. – *Tokyo 150 Projects: Urban Diversity Management*. **Shinkenchiku-Sha**. Edição Especial (Junho 2015)

| YOSHIDA, Nobuyuki [et. al.] – *Beginning of the town*. **The Japan Architect**. Vol. 103 (Outono 2016)

| TINGEY, William – T*he Principal Elements of Machyia Design*. **Process Architecture – Japan: Climate, Space, and Concept**. Nº 25 (1981). p. 83-102

| CECILIA, Fernandez Marquez; LEVENE, Richard – *Aires Mateus: Construir el Molde del Espacio*. **El Croquis**. Nº 154 (2011)

ARTIGOS ELETRÓNICOS

| NEIVA, Simone; RIGHI, Roberto - A Cultura e o Espaço Urbano no Japão. **Arquitextos**. [Em linha]. 099.04. [Consult. Fevereiro 2018]. Disponível na internet: <URL: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.099/119>

| OKANO, Michiko – Ma: A estética do "entre". **Revista Universidade de São Paulo**. [Em linha]. Nº 100 (2014), p.150-164. [Consult. Novembro 2018]. Disponível na internet: <URL: http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/76178/79922>

| STATISTICAL BUREAU, MINISTRY OF INTERNAL AFFAIRS AND COMMUNICATION JAPAN. *Japan Statistical Yearbook*. **The Statistical Handbook of Japan 2015**. [Em linha]. [Consult. Janeiro 2018]. Disponível na internet: <URL:https://www.stat.go.jp/english/data/nenkan/back64/index.html>

| SORENSEN, Andre – *Liveable Cities in Japan: Population Ageing and Decline as Vectors of Change* in **International Planning Studies**. [Em linha]. Vol. 11, nº 3-4 (2006), p. 145-242. [Consult. Agosto 2018]. Disponível na internet: <URL: https://www.researchgate.net/publication/253869240_Liveable_Cities_in_Japan_Population_Ageing_and_Decline_as_Vectors_of_ Change>

| THE GOVERNMENT OF JAPAN. *Tokyo Aims to Realize "Hydrogen Society" by 2020: Metro Government Undertakes Pioneering Initiative*. **We are Tomodachi**. [Em linha]. Vol. 14, Primavera (2016), p. 24-25. [Consult. Março 2018]. Disponível na internet: <https://www.japan.go.jp/letters/ebook30/book.pdf>

PÁGINAS WEB

| FOREIGN PRESS CENTER JAPAN. Press Tours (Notices). ***Tokyo Super Eco Town Press Tour***. [Em linha]. Tóquio: Press Tours (Notices). [Consult. Março 2018]. Disponível na internet: <URL:http://fpcj.jp/en/assistance-en/tours_notice-en/p=8959>

| MAINICHI SHIBUM NEWS. City News Department. ***As relocated Toyosu fish market prepares to open, plans for old Tsukiji site in limbo***. [Em linha]. [Consult. Setembro 2018]. Disponível na internet: <URL:https://mainichi.jp/english/articles/20180903/p2a/00m/0na/024000c>

| NIKKEI ASIAN REVIEW. Business Trends. ***Tsukiji move delay clouds Tokyo waterfront plans Problems with new transport hub throw condo sales into doubt***. [Em linha]. [Consult. Março 2018]. Disponível na internet: <URL: https://asia.nikkei.com/Business/Business-Trends/Tsukiji-move-delay-clouds-Tokyo-waterfront-plans>

| THE ARCHITECTURAL LEAGUE NY – ***Tokyo's pantry: Tsukiji and the commodification of market culture***. [Em linha]. [Consult. Agosto 2018]. Disponível na internet: <URL:https://archleague.org/article/tokyos-pantry-tsukiji-and-the-commodification-of-marketculture>

| THE JAPAN TIMES. News. ***Tsukiji fish market's outer shopping area invites suggestions for new name***. [Em linha]. [Consult. Setembro 2018]. Disponível na internet: <URL:https://www.japantimes.co.jp/news/2018/08/28/national/tsukiji-fish-markets-outershopping-area-invites-suggestions-new-name/#.XESGyVz7SUk>

| TOKYO METROPOLITAN GOVERNMENT. About our City. ***Creating the Future: The Long-Term Vision for Tokyo***. [Em linha]. [Consult. Março 2018]. Disponível na internet: <URL:http://www.metro.tokyo.jp/english/about/vision/index.html>

TESES DE MESTRADO E DOUTORAMENTO

| BISIG, Fabian; KOSHIHARA, Mikio; PEETERS, Bruno – orient. *Tokyo Machiya: An Analysis of Efficiency in the Structural Design of Townhouses*. [Em linha]. Dissertação Final de Mestrado. Katholiek University Leuven, Faculty of Architecture. Bruxelas, 2016. [Consult. Julho 2018]. Disponível na internet: <URL:https://issuu.com/febe99/docs/bisig_ausmip2016>

| SANTOS, João Rafael. *Tracing Post'Networked Metropolis in the fast-changing East: Findings from Tokyo*. Relatório de Investigação de Pós-douturamento – Programa AUSMIP+. The Graduate School of Frontier Sciences, Utokyo, Tóquio, 2014

| MAIA, Hugo; PACHECO, Pedro – orient. *O Lugar da Memória na Estação mais movimentada do Mundo: Shinjuku – Cidade de Tóquio*. Tese Final de Mestrado em Arquitetura. Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2013

| LEITE, João; COELHO, Carlos – orient. *Ruas Emergentes: Interpretação Morfológica no Contexto Urbano Português*. Tese de Doutoramento em Urbanismo. Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2016

| RICARDO, Ana; MATEUS, Nuno – orient. *Tipologia Híbrida na Cidade Compacta: Caso de Estudo de Entrecampos – Rego*. Tese Final de Mestrado em Arquitetura. Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2010

| EENBERGEN, Dominika; ROSSA, Walter – orient. *Paredes Habitáveis: Arquitectura e Espaço, A Propósito da Análise da Habitação Contemporânea*. Tese Final de Mestrado em Arquitetura. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2016

| LILI, Gloria; BERWERT, Asako. *Tokyo River Fragments: An urban analysis on the role of the water network in the structure of Tokyo Metropolis*. [Em linha]. Tese Final de Mestrado em Arquitetura. Ecole Polytechnique Fédérale de Lausanne, Lausanne, 2010. [Consult. Dezembro 2017]. Disponível na internet: <https://archivesma.epfl.ch/2010/007/berwe_lili_enonce/berwert_lili_enonce.pdf/>

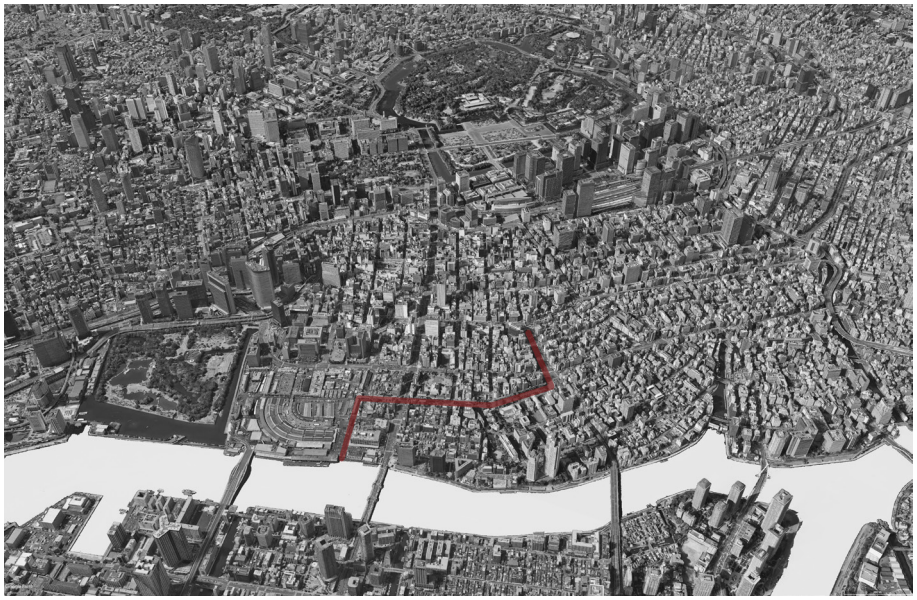
FILME

OZU, Yasujirō – ***Tōkyō Monogatari***. [Registo video]. Tóquio: Shochiku Production, 1953. Drama. (136 min.): preto e branco

ANEXOS

I CARTOGRAFIA

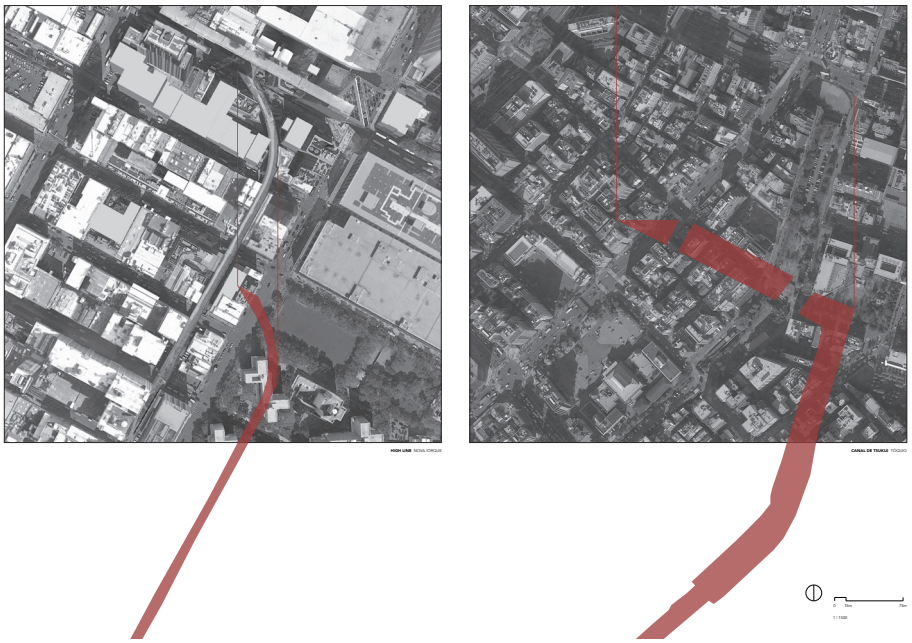
Ortofotomapas



Planta cheios e vazios

Jogo de Escalas

Fundação Gulbenkian vs
Templo Hongan-ji

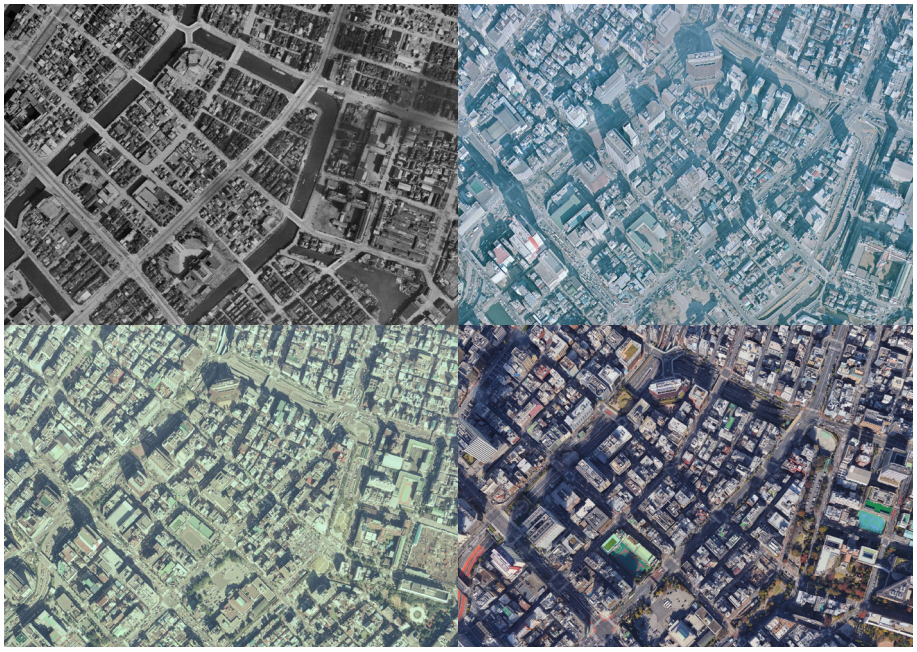


Jogo de Escalas

High Line e antigo canal de
Tsukiji

Evolução do canal de Tsukiji

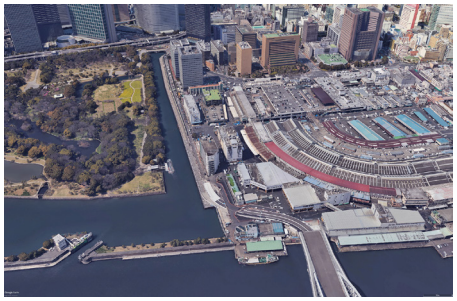
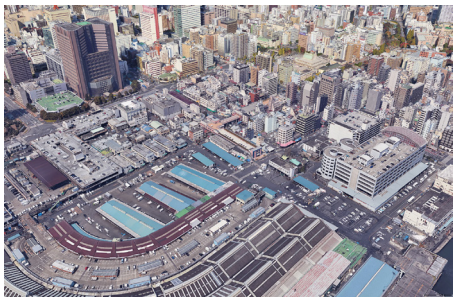
Ortofotomapa. Imagem da autora. Janeiro 2018

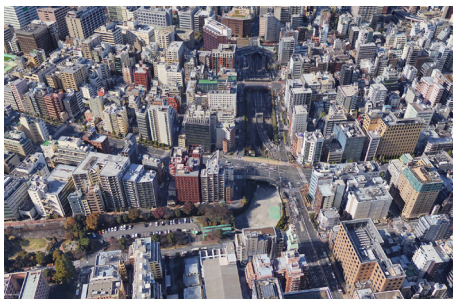


Evolução do Mercado de Tsukiji

Ortofotomapa. Imagem da autora. Janeiro 2018

"Bird View's" de Tsukiji

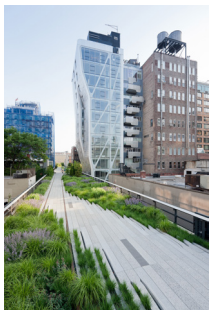



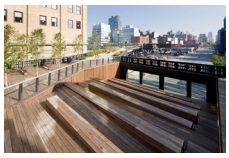


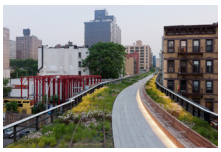
II REFERÊNCIAS PROJETUAIS

High Line, Nova Iorque

Registado em https://www.archdaily.com.br/br/627644/um-passeio-pelo-high-line-com-iwan-baan

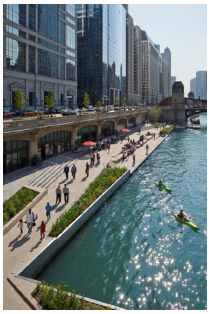


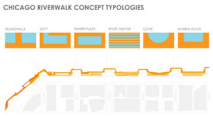




Chicago Riverwalk, Chicago

Registado em https://www.archdaily.com.br/br/794654/chicago-riverwalk-departamento-de-transporte-de-chicago



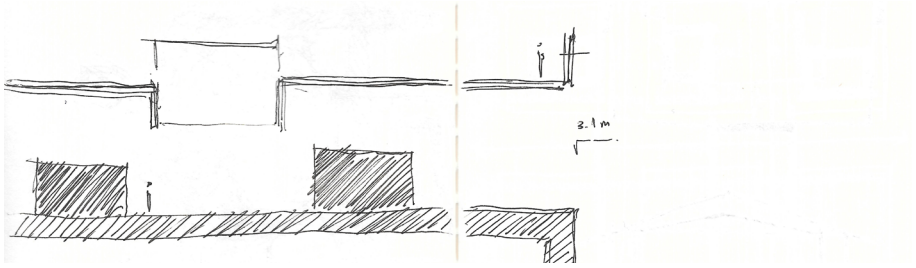


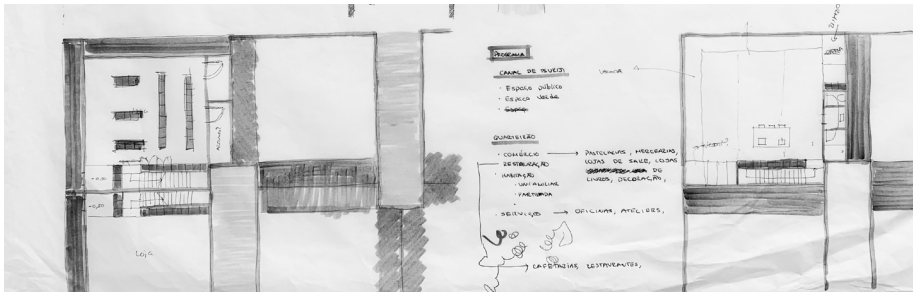
Seoullo 2017, Seoul

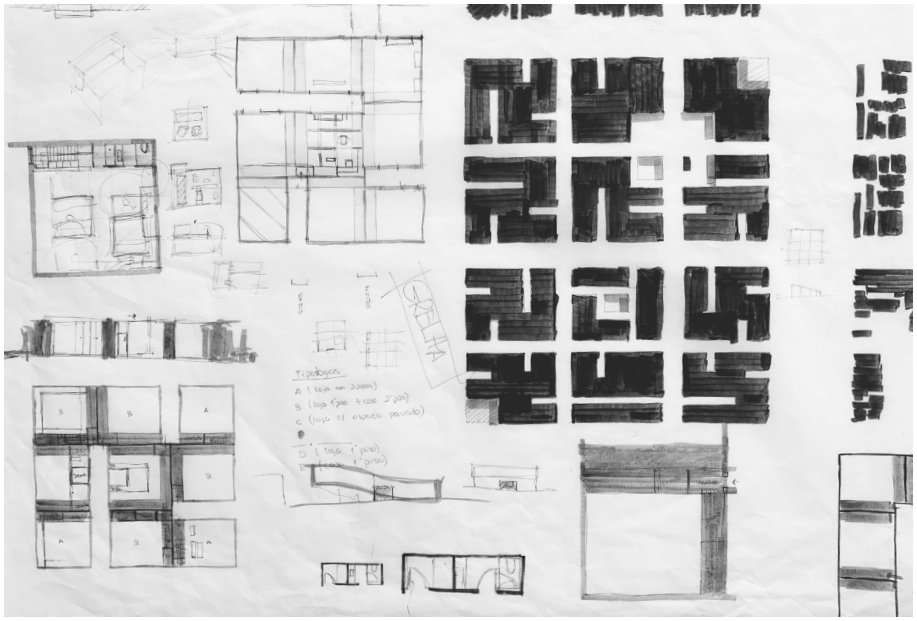
Registado em https://www.archdaily.com.br/br/888239/seoullo-skygarden-mvrdv

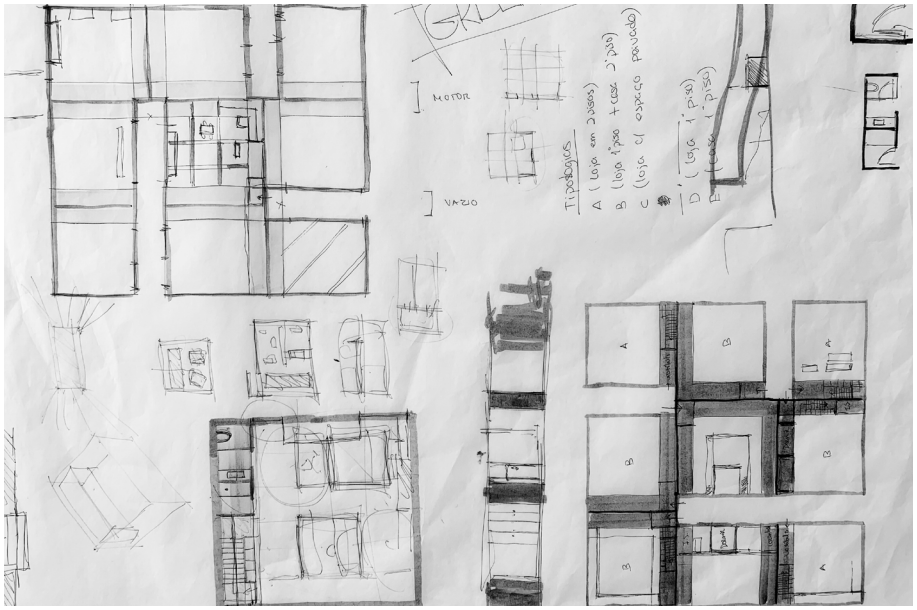
Valencia River Park

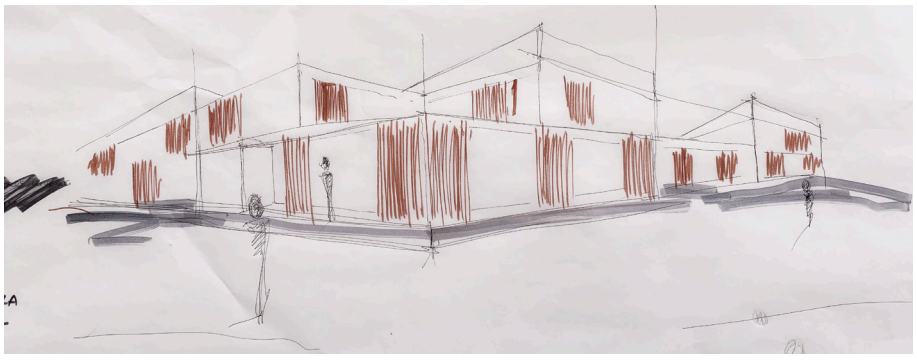
III ESQUISSOS

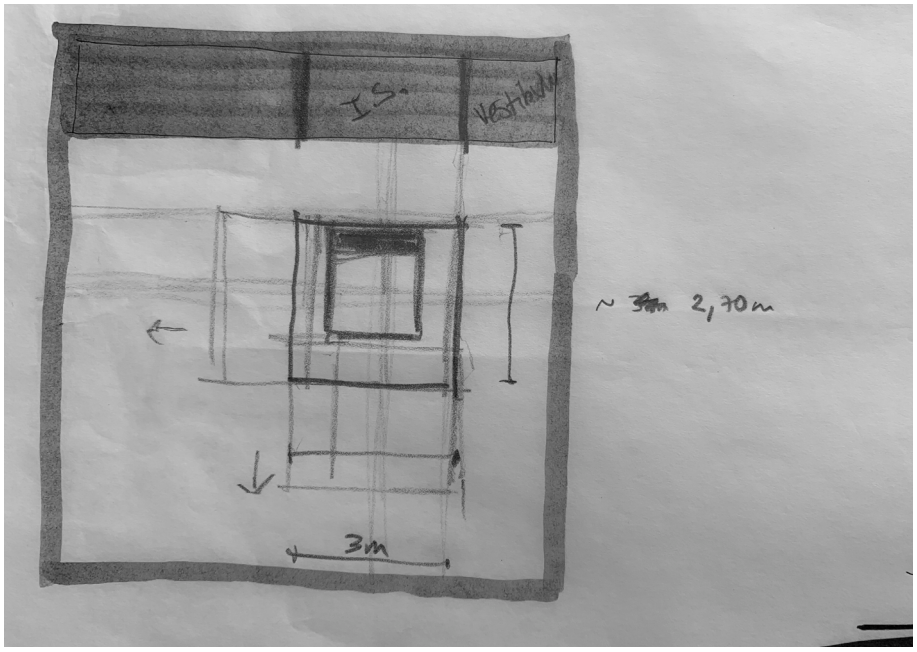


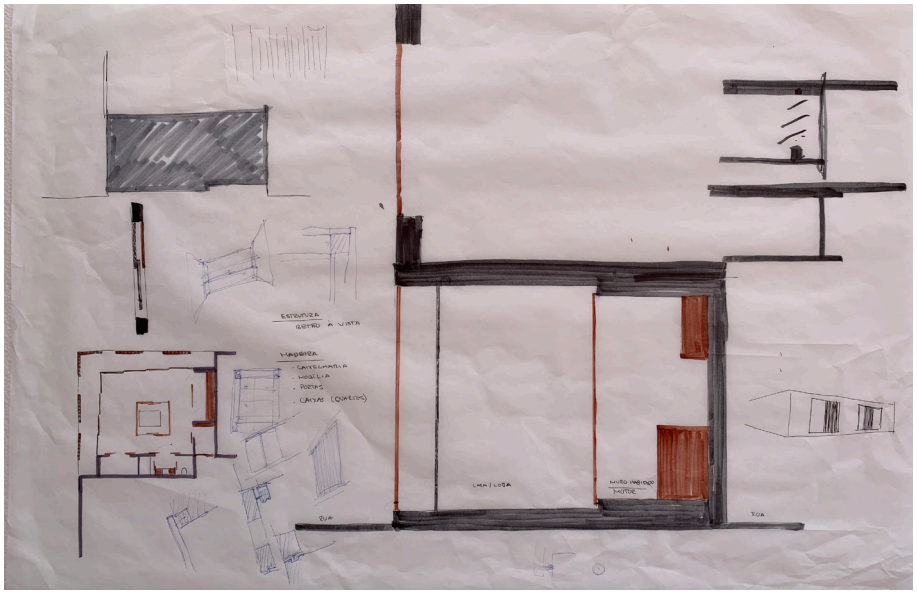

PROGRAMA
CANAL DE ISUCCI
· Espaço público
· Espaço verde
QUARTEIRÃO
· COMÉRCIO → PASTELARIAS, MERCEARIAS, LOJAS DE SAIRE, LOJAS DE LIVROS, DECORAÇÃO,
· RESTAURAÇÃO
· HABITAÇÃO
· VENTANILLAS
· PARTILHADA
· SERVIÇOS → OFICINAS, ATELIERS,
→ CAFETARIAS, RESTAURANTES,
Loja

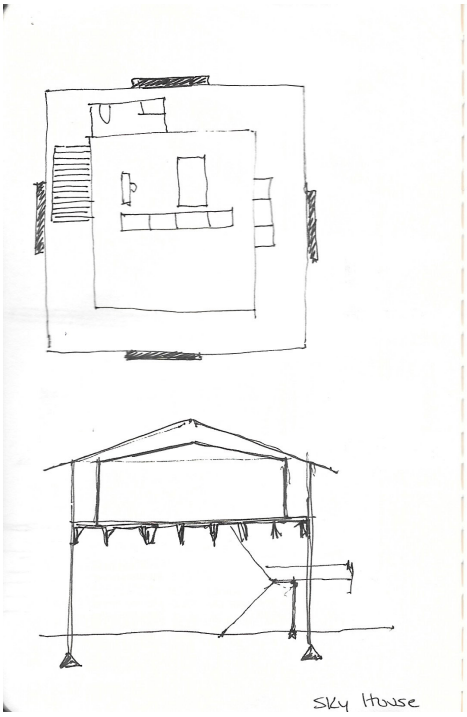

GRELHA
Tipologias
A (loja em 2 pisos)
B (loja 1º piso + casa 2º piso)
C (loja c/ espaço pavado)
D (loja 1º piso)
E (casa 1º piso)

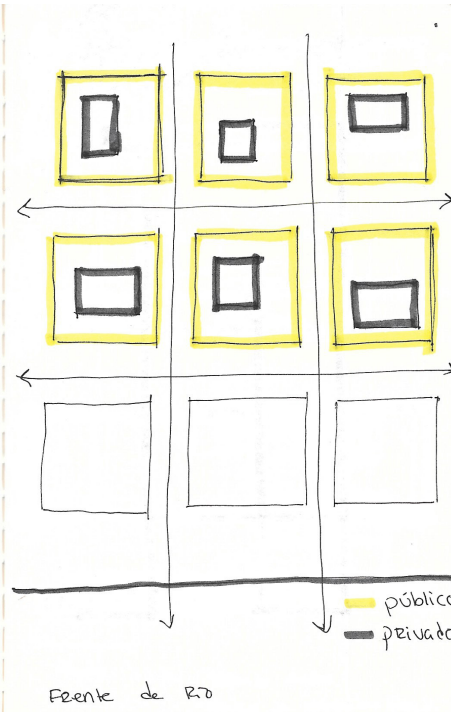

MOTOR
VAZIO
Tipologias
A (loja em 2 pisos)
B (loja 1º piso + casa 2º piso)
C (loja c/ espaço pavado)
D (loja 1º piso)
E (casa 1º piso)

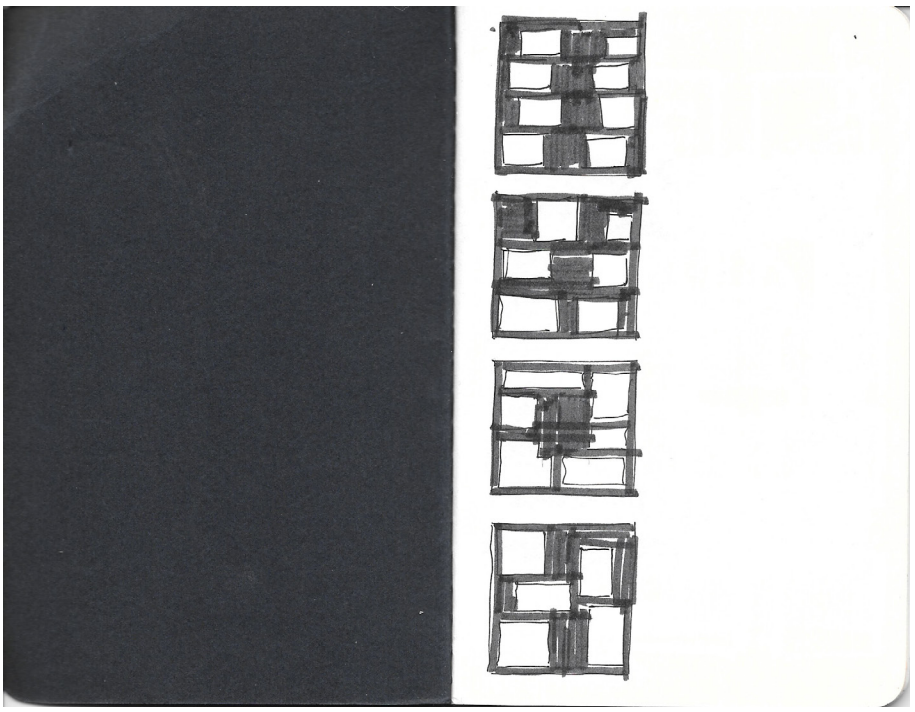


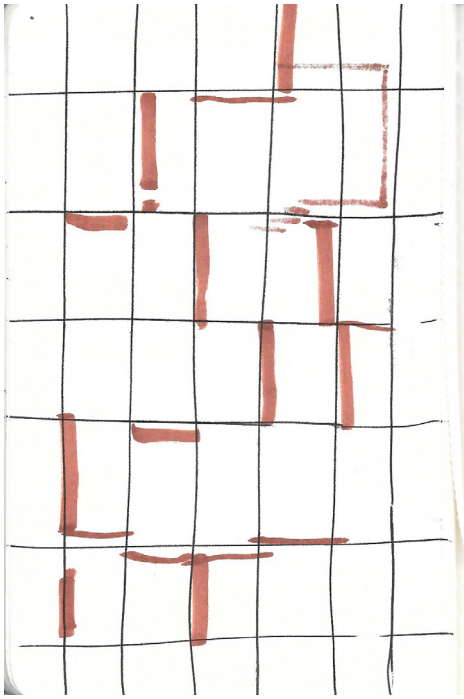

I.S.
Vestibulo
~ 2,70m
3m


ESTRUTURA
RETRO À VISTA
MADEIRA
. CAIXELHARIA
. MOBÍLIA
. PORTAS
. CAIXAS (QUARTOS)
RUA
LAJA / LOJA
MURO HABIDO
MUTUO
RUA


Sky House

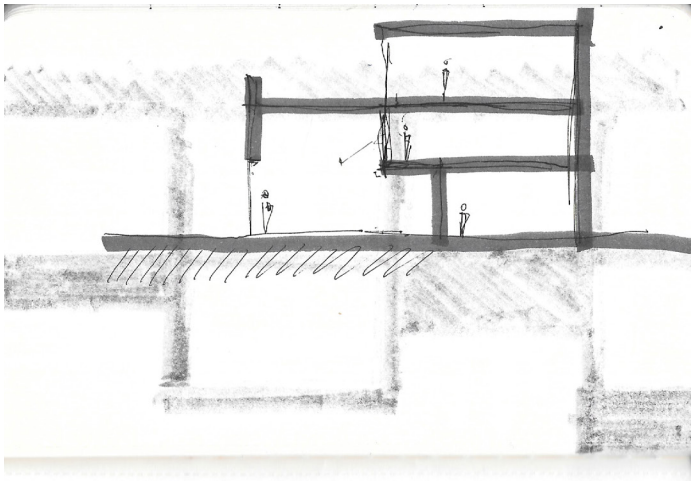

pública
privada
Frente de Rio

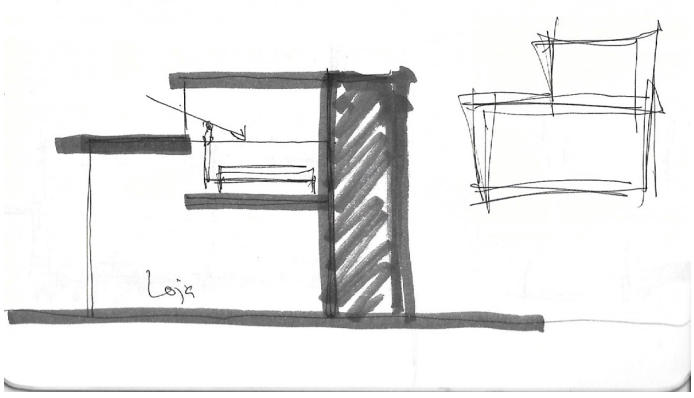


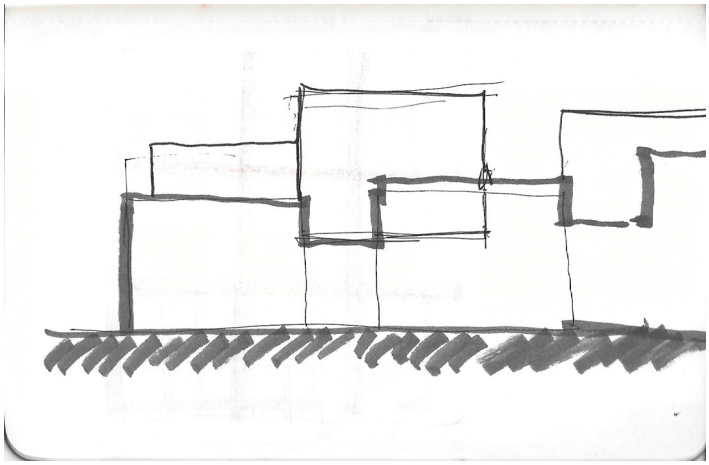


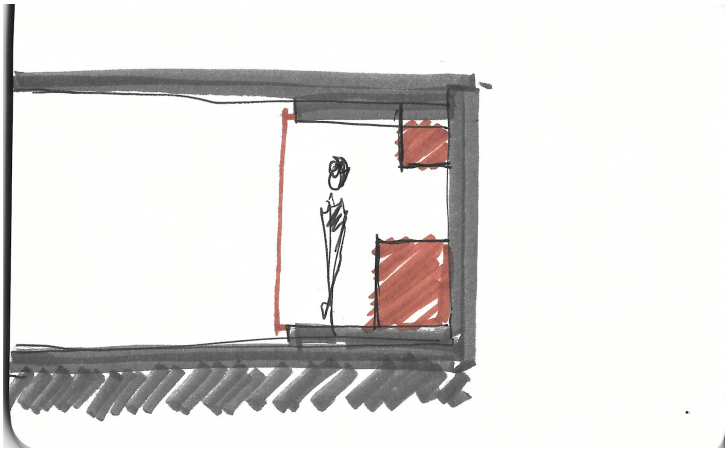
→ A malha / grelha representa a cidade/ & a selva urbana.
(em betão)

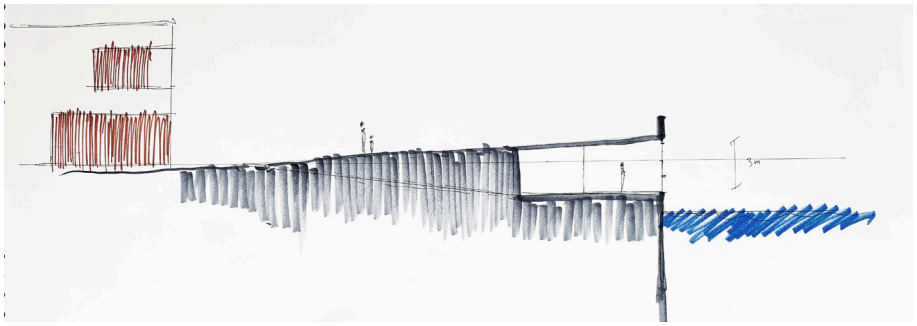
→ Os espaços a castanho dispersos, representam o carácter ~~&~~ flexível dos espaços íntimos e privados.
(em madeira)

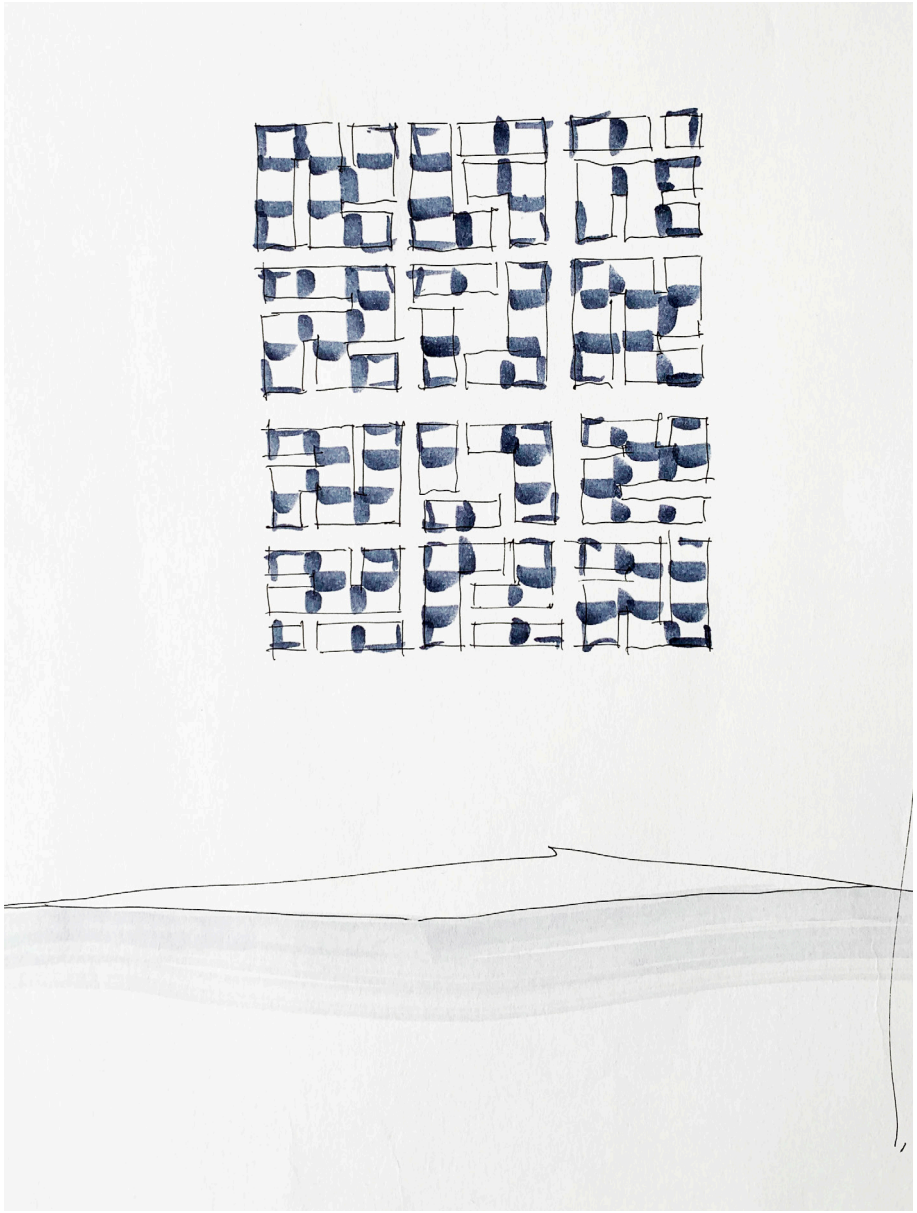


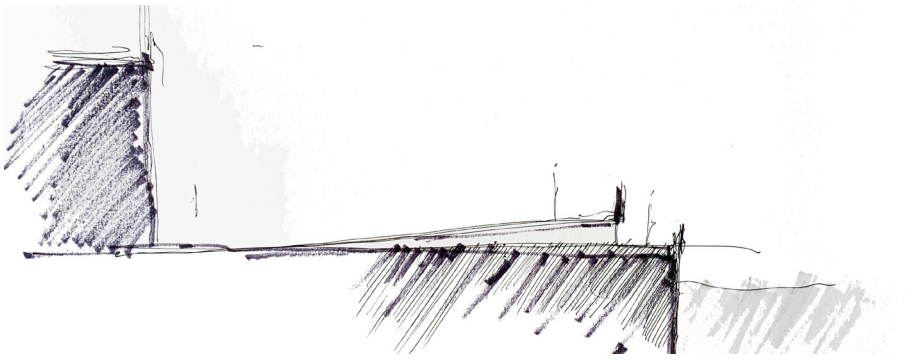






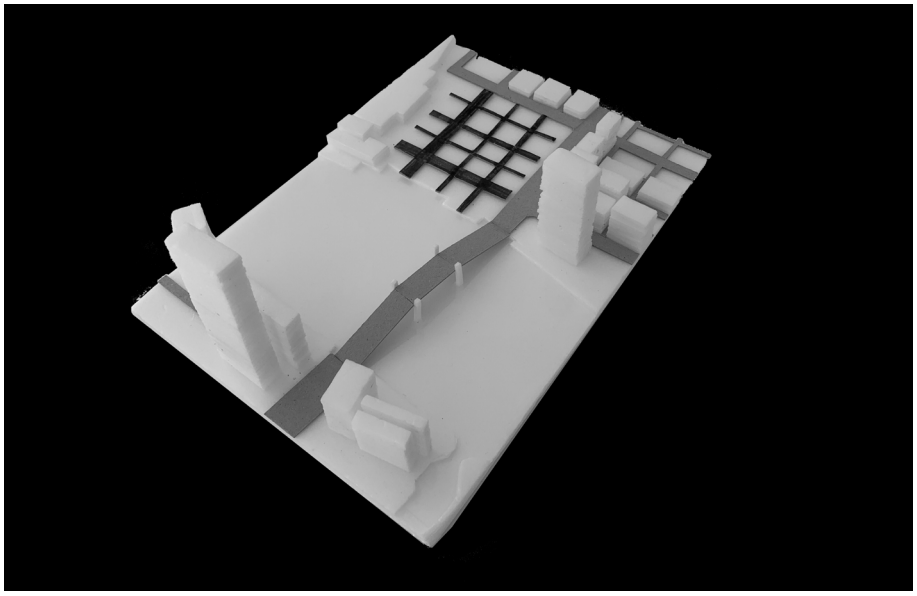


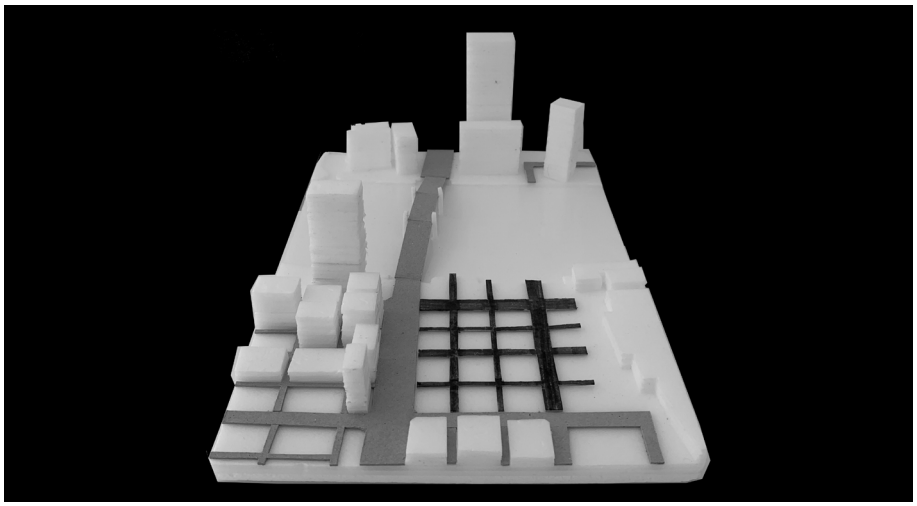


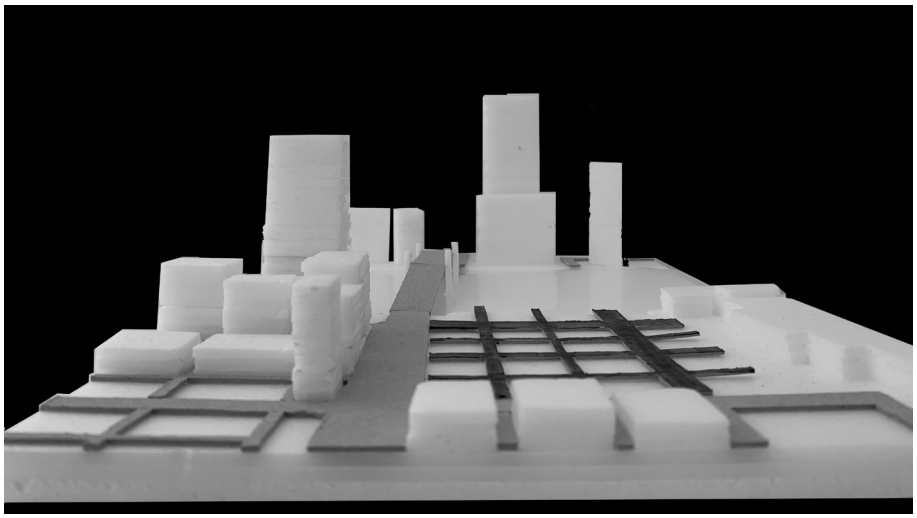


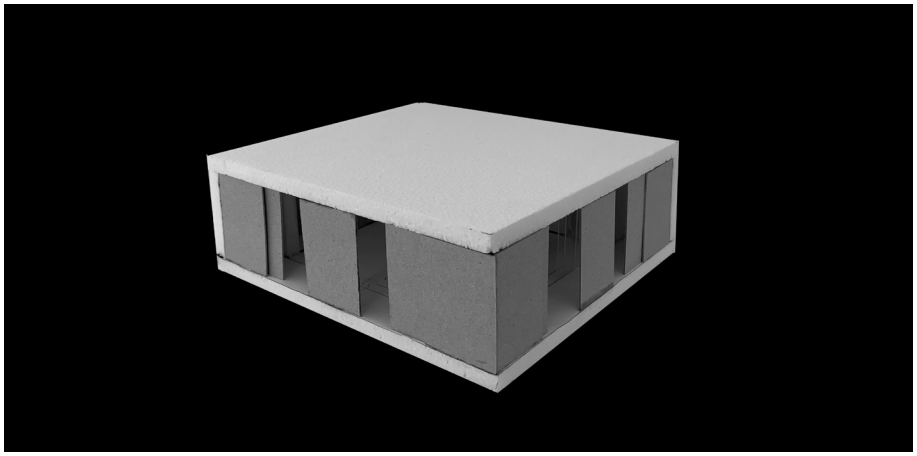
IV MAQUETES

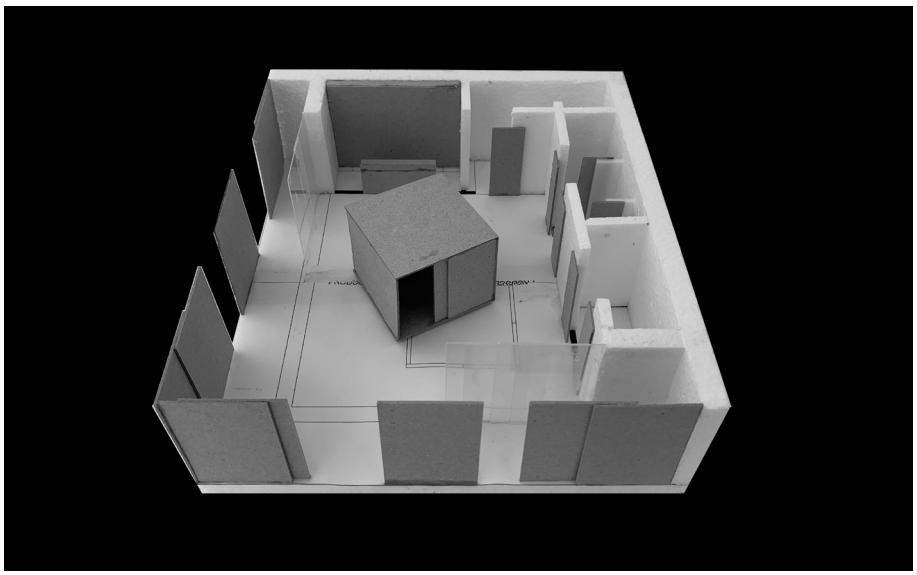
de estudo

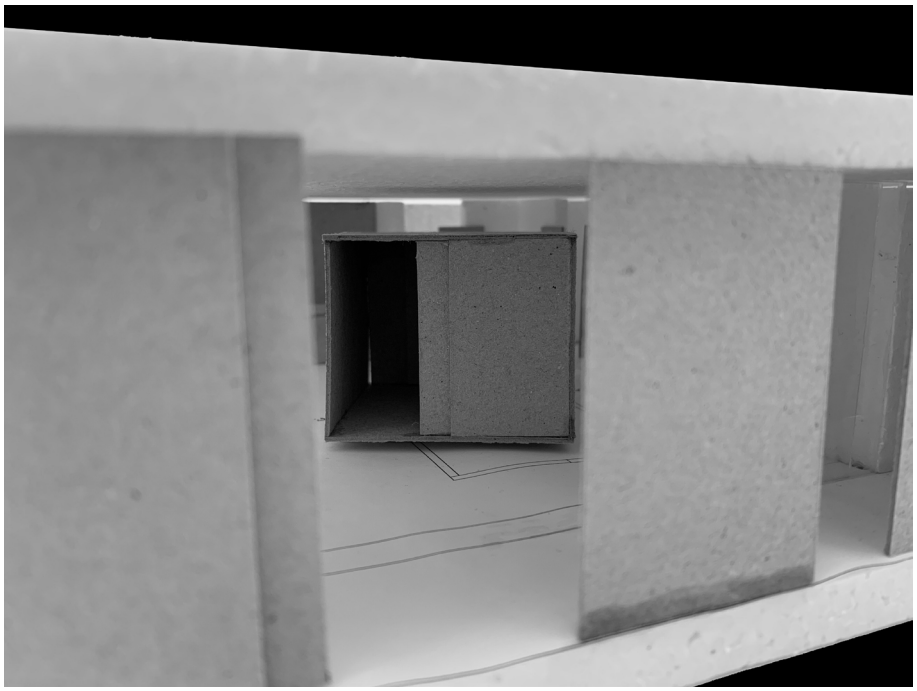








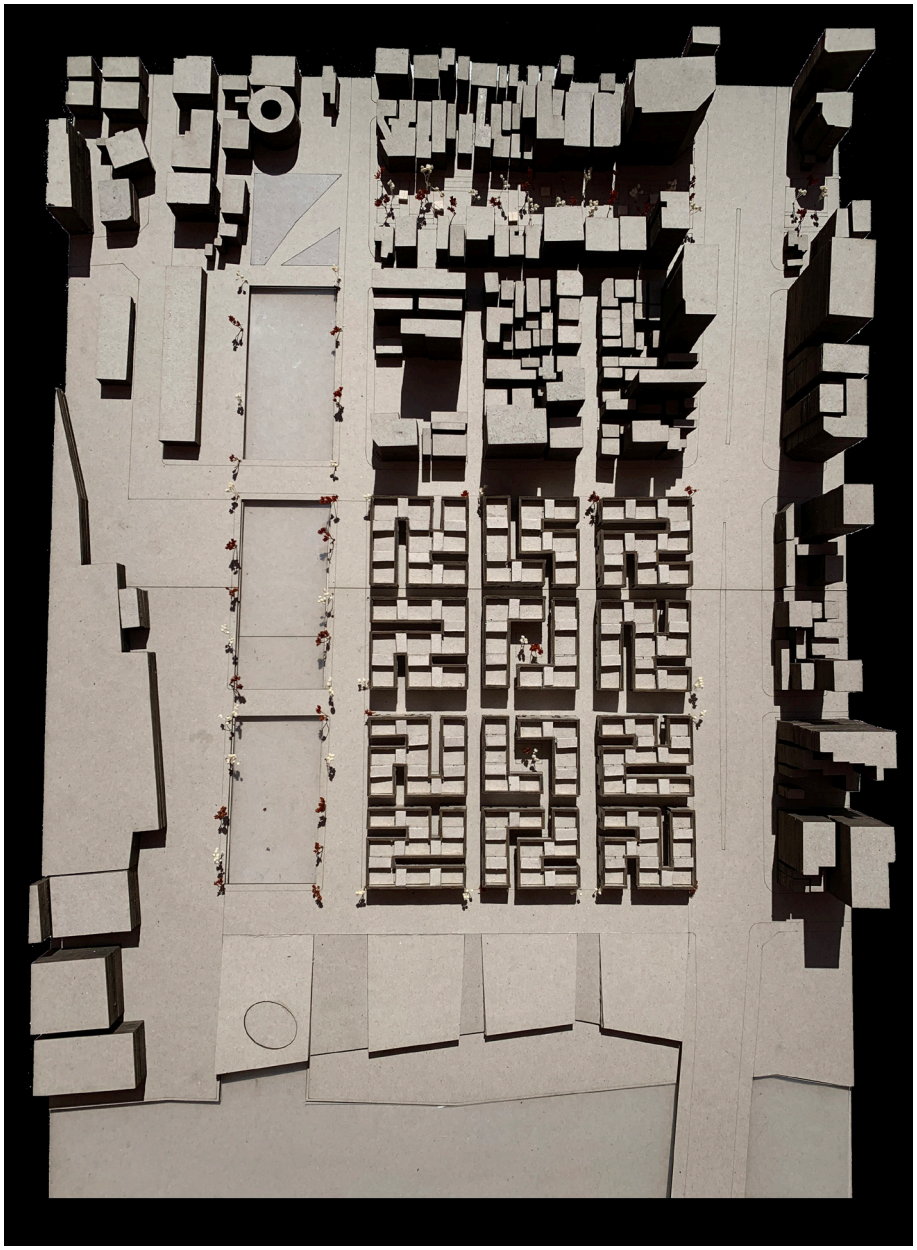


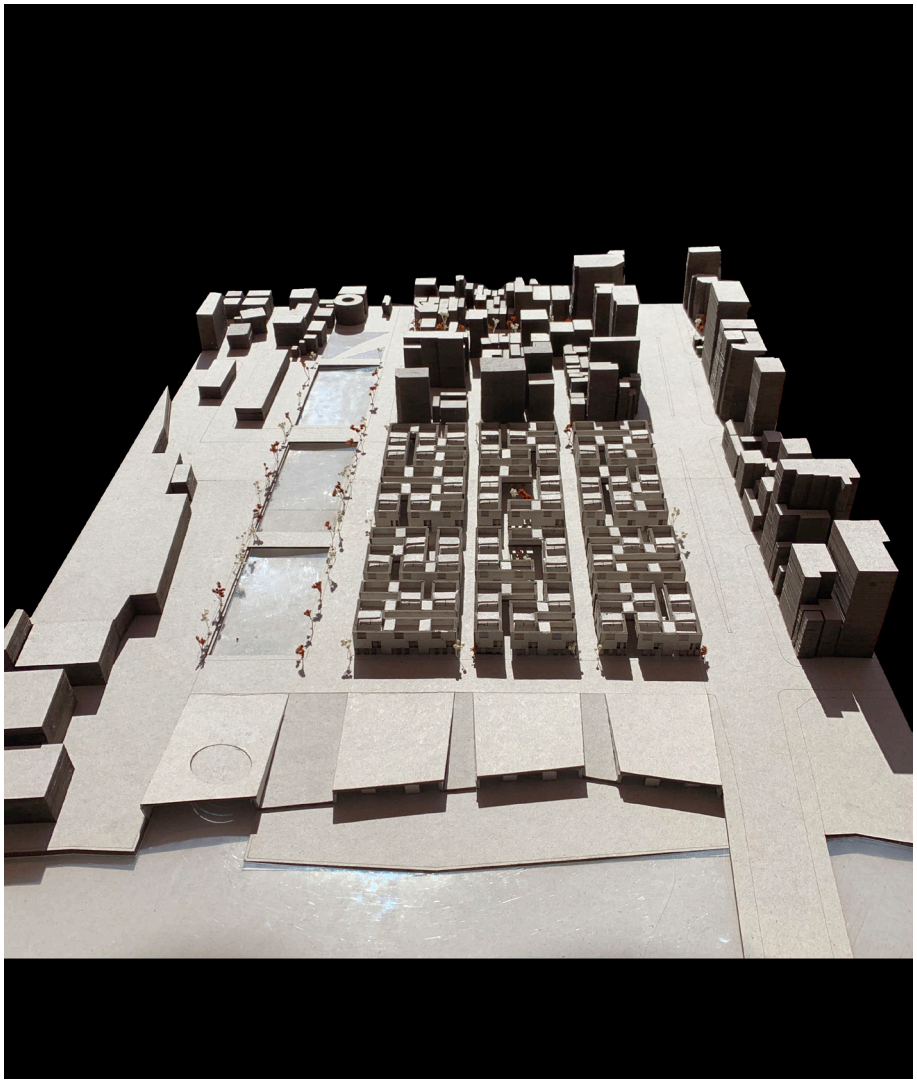


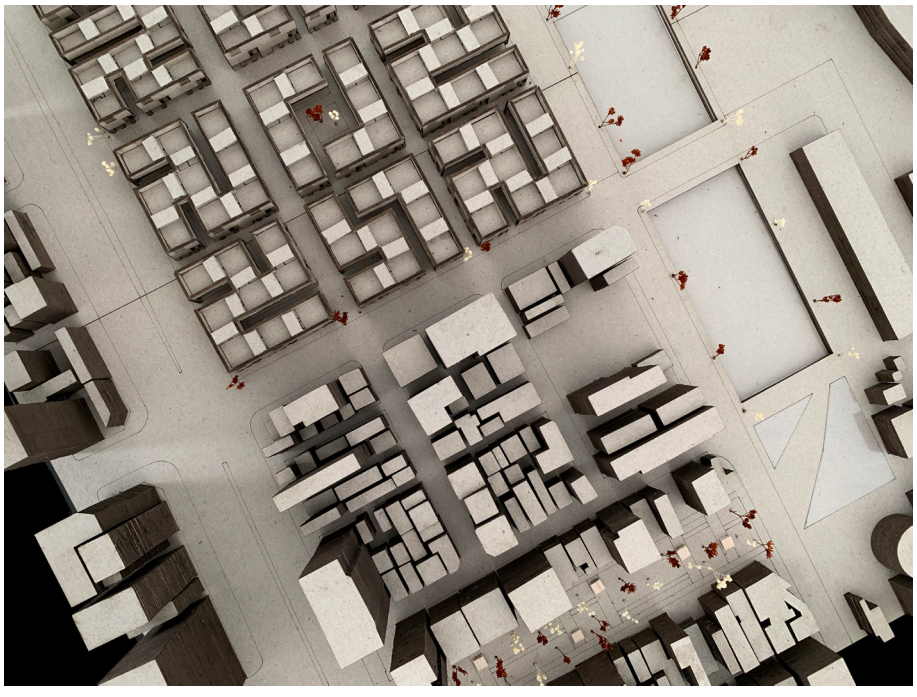
IV MAQUETES

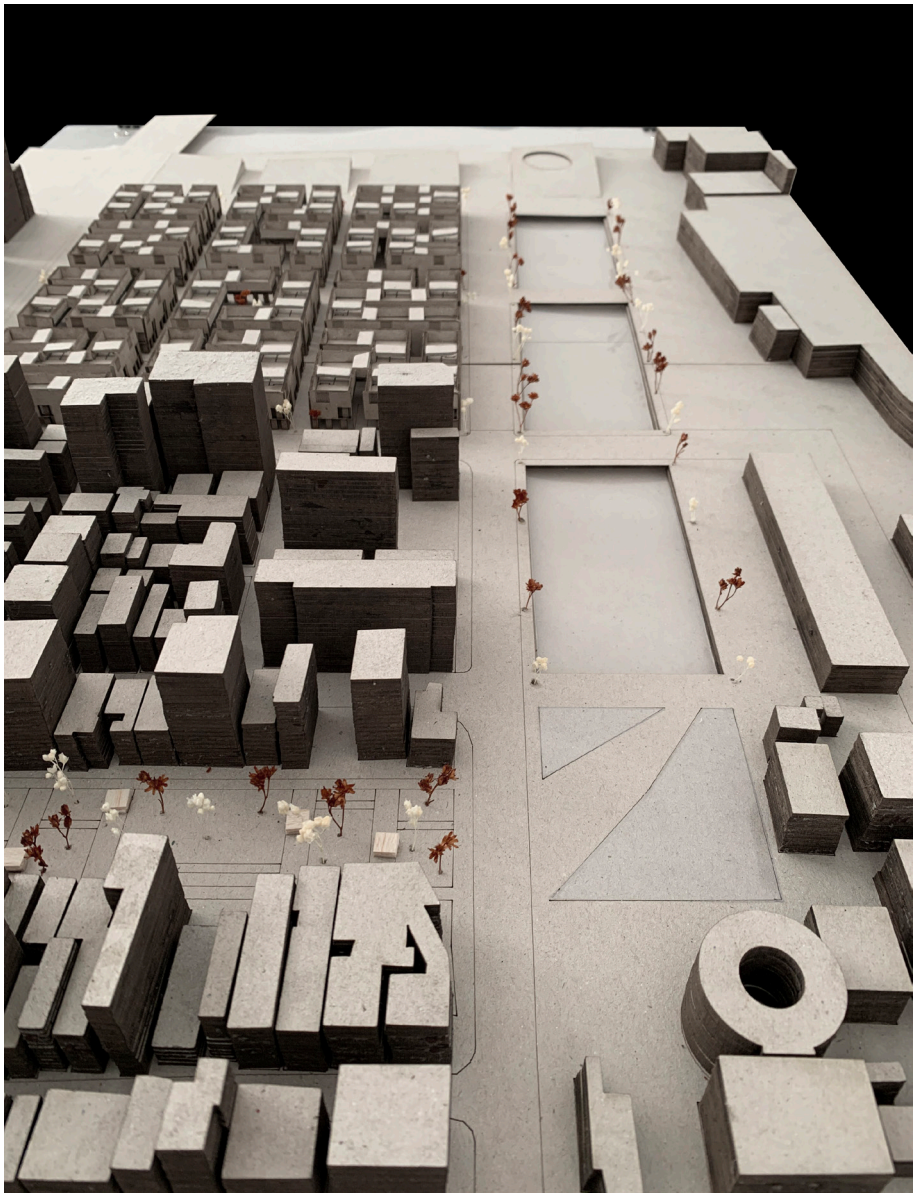
FINAIS

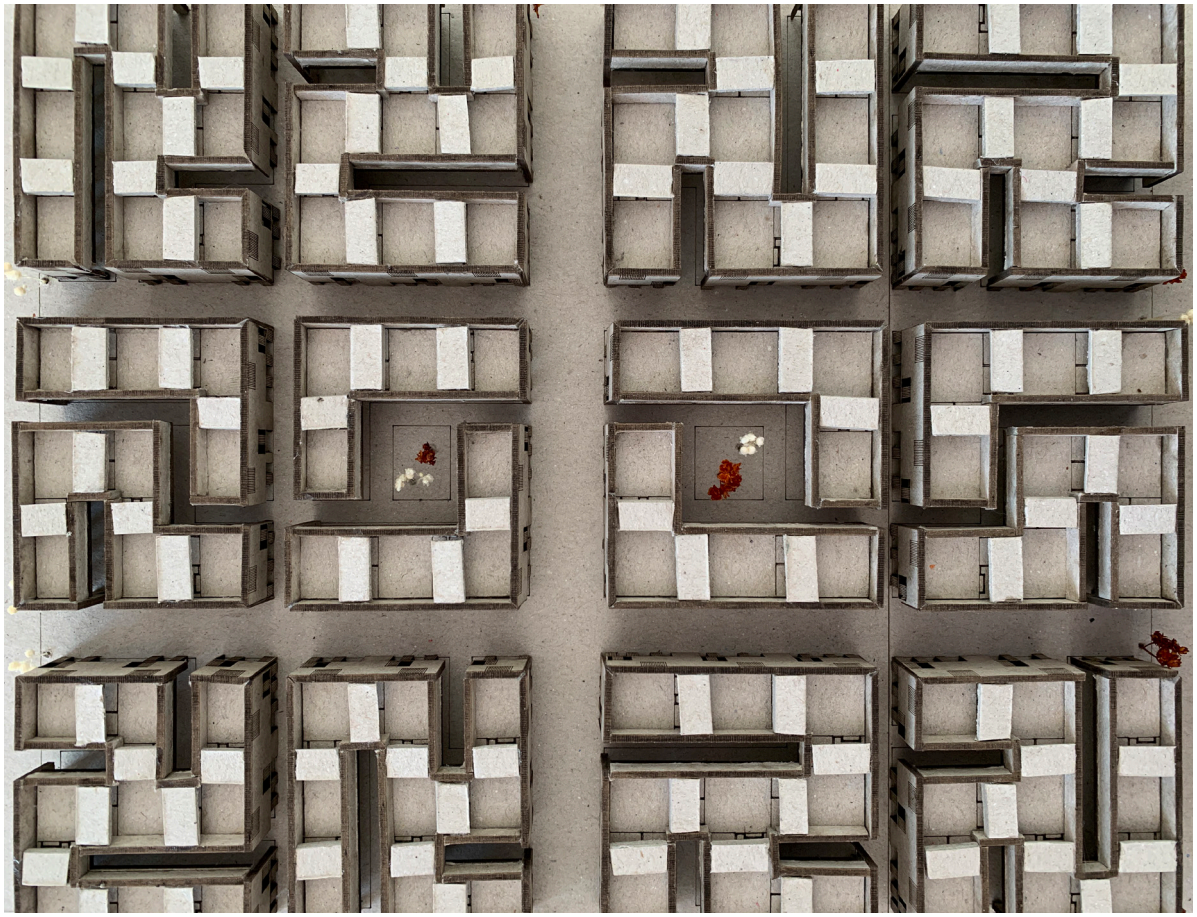
1/500







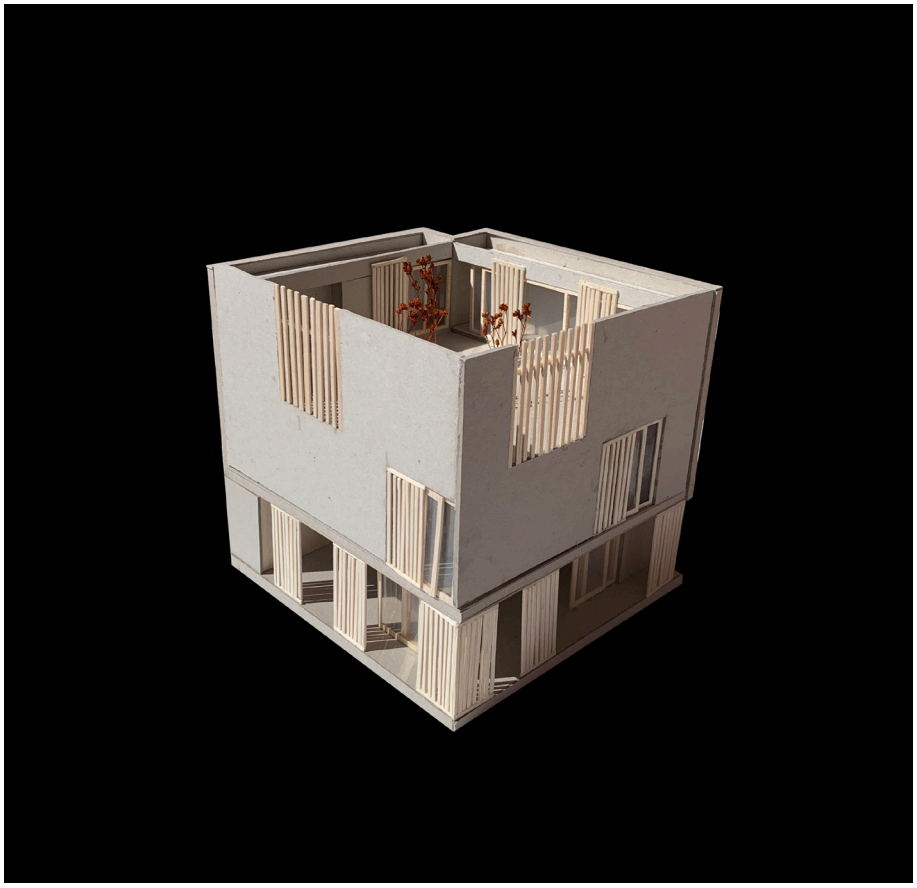




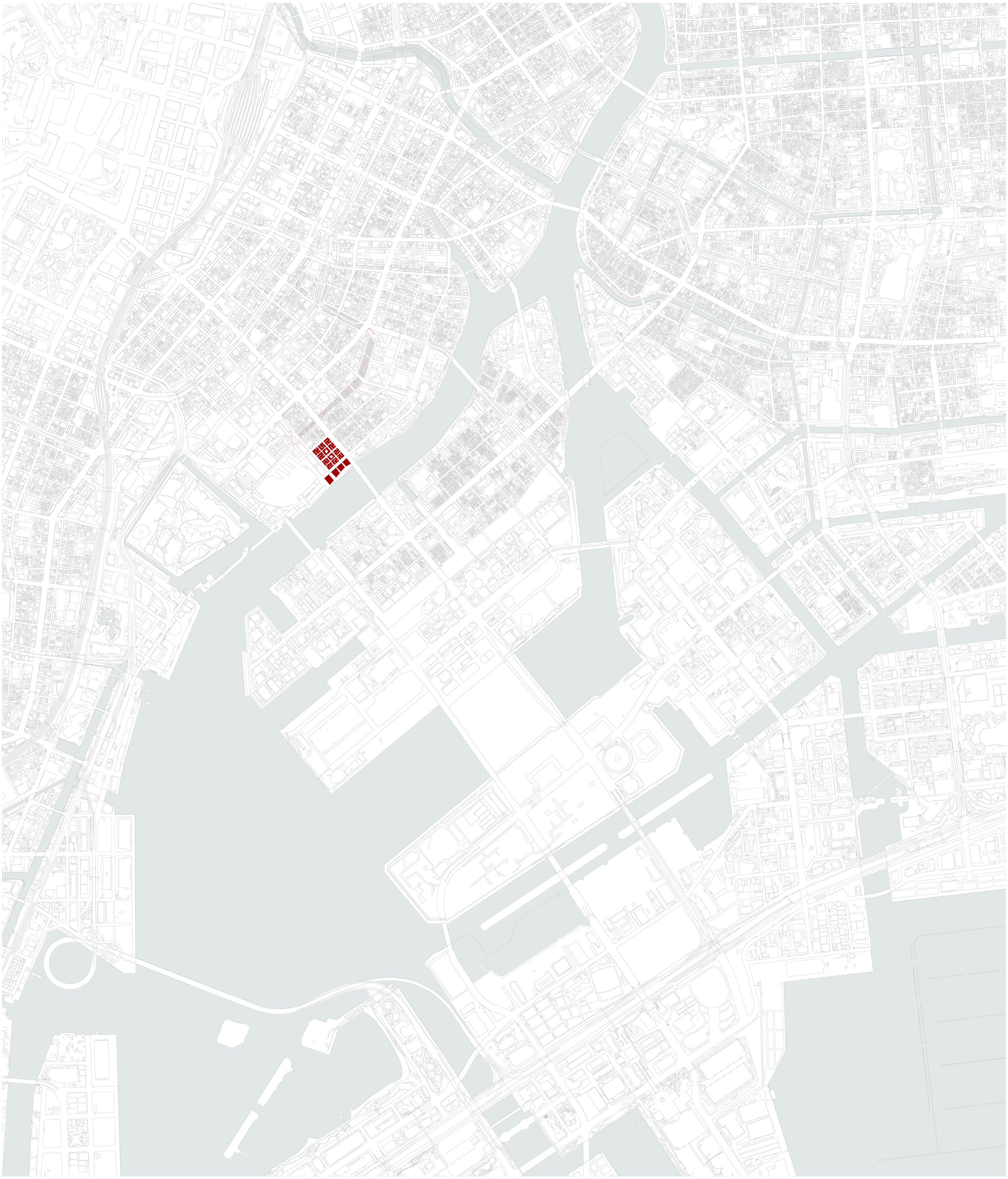
IV MAQUETES

FINAIS

1/50



V PEÇAS DESENHADAS



TÓQUIO **<1590**

TÓQUIO **1592**

TÓQUIO **1606**

TÓQUIO **1620**

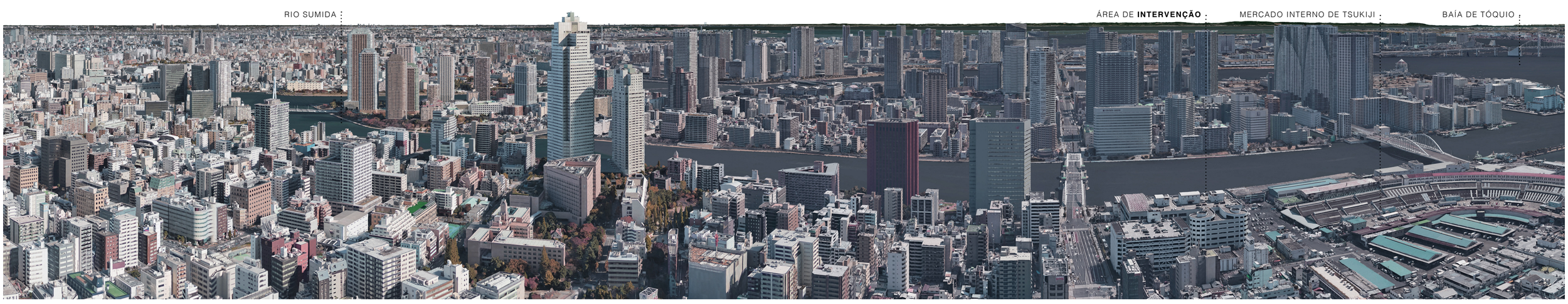
TÓQUIO **1636**

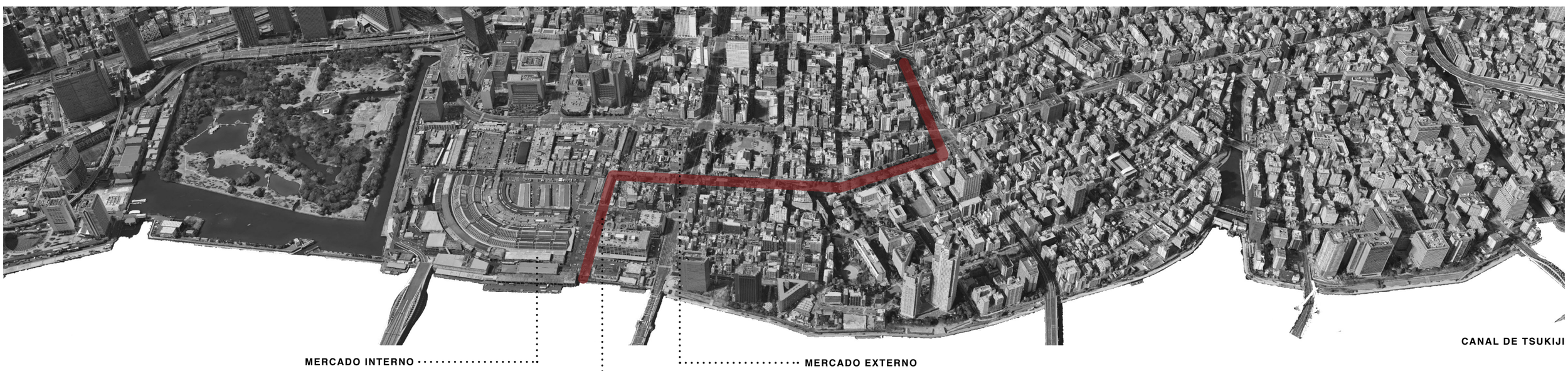
REVITALIZAR A PARTIR DA MEMÓRIA DE UMA CIDADE CANAL

PROPOSTA DE UM QUARTEIRÃO HABITACIONAL HÍBRIDO, NO BAIRRO DE **TSUKIJI**, EM **TÓQUIO**

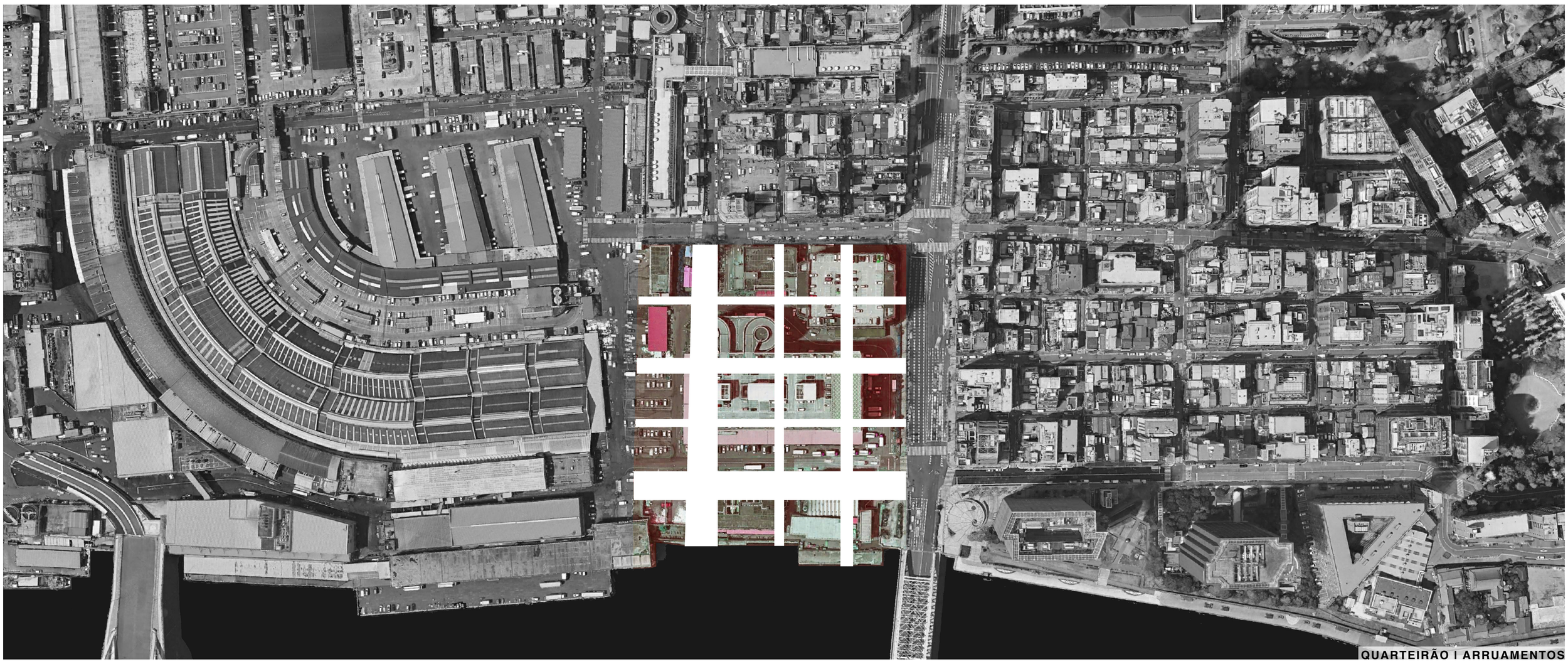
RAQUEL NASCIMENTO MONTEIRO
FA • ULISBOA • MARÇO • 2019
ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA • Professor Doutor Hugo José Abranches
Teixeira Lopes Farias • Professora Doutora Joana Bastos Malheiro

O LUGAR | **TSUKIJI** 築 地





CANAL DE TSUKIJI



REVITALIZAR A PARTIR DA MEMÓRIA DE UMA CIDADE CANAL

PROPOSTA DE UM QUARTEIRÃO HABITACIONAL HÍBRIDO, NO BAIRRO DE **TSUKIJI**, EM **TÓQUIO**

RAQUEL NASCIMENTO MONTEIRO
FA • ULISBOA • MARÇO • 2019
ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA • Professor Doutor Hugo José Abranches
Teixeira Lopes Farias • Professora Doutora Joana Bastos Malheiro

PERCURSO LINEAR VERDE

CANAL DE TSUKIJI

O QUARTEIRÃO

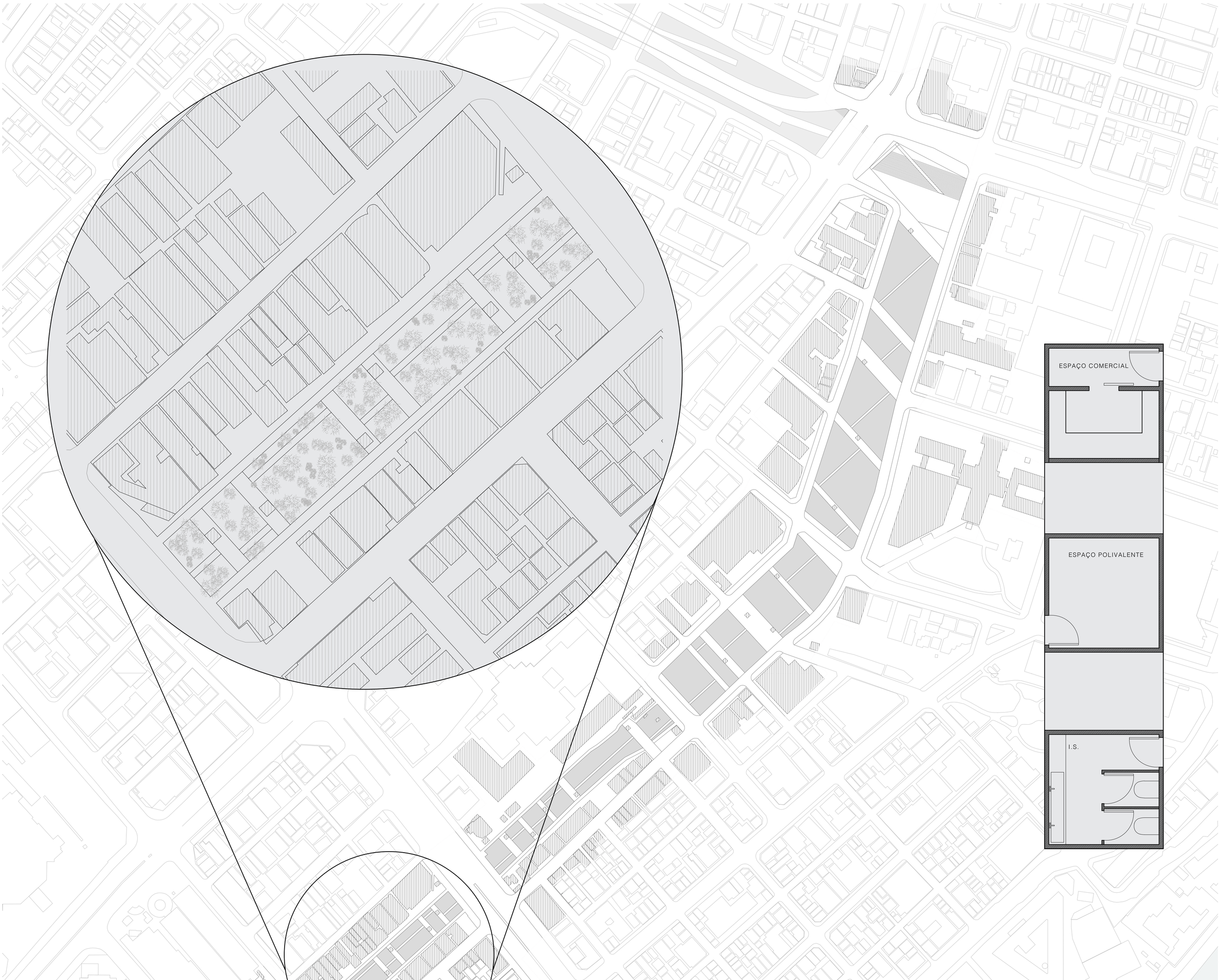
EQUIPAMENTO PÚBLICO

RIO SUMIDA

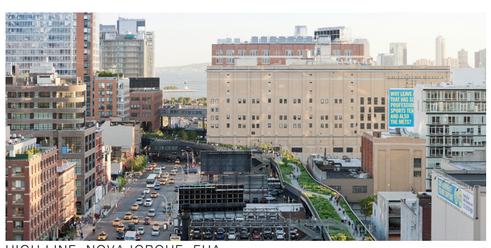
REVITALIZAR A PARTIR DA MEMÓRIA DE UMA CIDADE CANAL

PROPOSTA DE UM QUARTEIRÃO HABITACIONAL HÍBRIDO, NO BAIRRO DE **TSUKIJI**, EM **TÓQUIO**

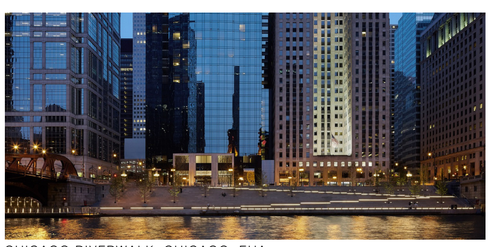
RAQUEL NASCIMENTO MONTEIRO
FA • ULISBOA • MARÇO • 2019
ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA • Professor Doutor Hugo José Abranches
Teixeira Lopes Farias • Professora Doutora Joana Bastos Malheiro



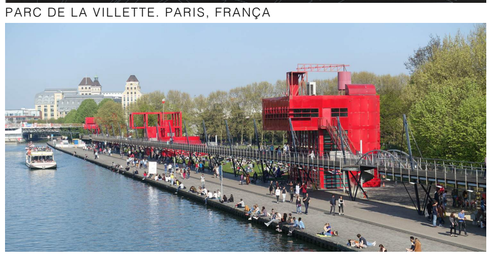
PARC DE LA VILLETTE. PARIS, FRANÇA


HIGH LINE. NOVA IORQUE, EUA

SEOULLO 7017 SKY GARDEN. SEOUL, COREIA DO SUL


CHICAGO RIVERWALK. CHICAGO, EUA

VALENCIA PARQUE CENTRAL. VALENCIA, ESPANHA



REVITALIZAR A PARTIR DA MEMÓRIA DE UMA CIDADE CANAL

PROPOSTA DE UM QUARTEIRÃO HABITACIONAL HÍBRIDO, NO BAIRRO DE **TSUKIJI**, EM **TÓQUIO**

RAQUEL NASCIMENTO MONTEIRO
FA • ULISBOA • MARÇO • 2019
ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA • Professor Doutor Hugo José Abranches
Teixeira Lopes Farias • Professora Doutora Joana Bastos Malheiro

REVITALIZAR A PARTIR DA MEMÓRIA DE UMA CIDADE CANAL

PROPOSTA DE UM QUARTEIRÃO HABITACIONAL HÍBRIDO, NO BAIRRO DE **TSUKIJI**, EM **TÓQUIO**

RAQUEL NASCIMENTO MONTEIRO
FA • ULISBOA • MARÇO • 2019
ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA • Professor Doutor Hugo José Abranches Teixeira Lopes Farias • Professora Doutora Joana Bastos Malheiro

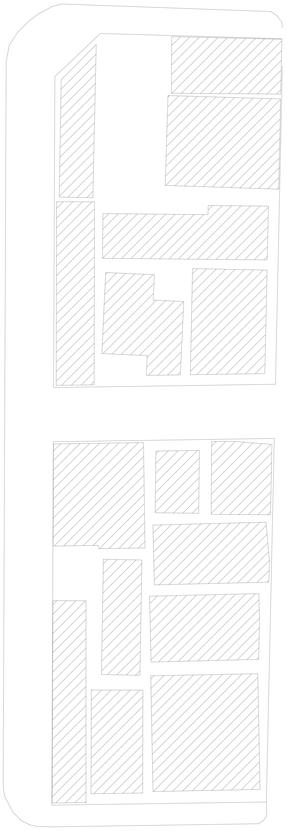
PLANTA IMPLANTAÇÃO 1/500
PERFIL AA' 1/500

REVITALIZAR A PARTIR DA MEMÓRIA DE UMA CIDADE CANAL

PROPOSTA DE UM QUARTEIRÃO HABITACIONAL HÍBRIDO, NO BAIRRO DE **TSUKIJI**, EM **TÓQUIO**

RAQUEL NASCIMENTO MONTEIRO
FA • ULISBOA • MARÇO • 2019
ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA • Professor Doutor Hugo José Abranches
Teixeira Lopes Farias • Professora Doutora Joana Bastos Malheiro

PLANTA DO PISO -1 1/200
ALÇADO BB' 1/200

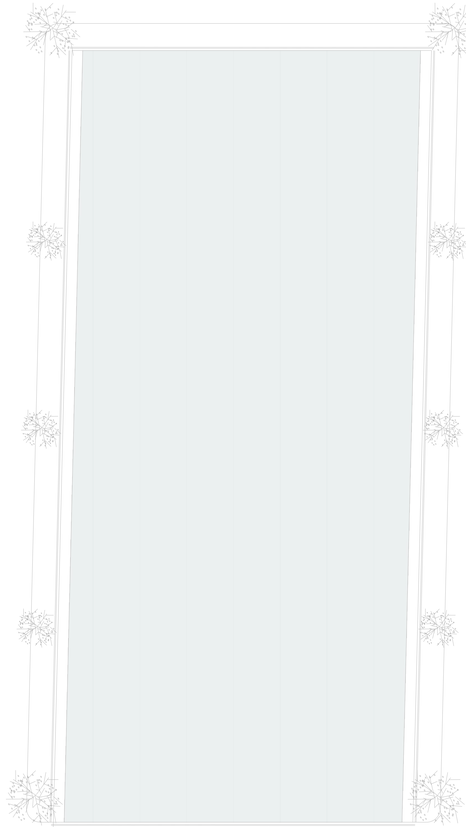


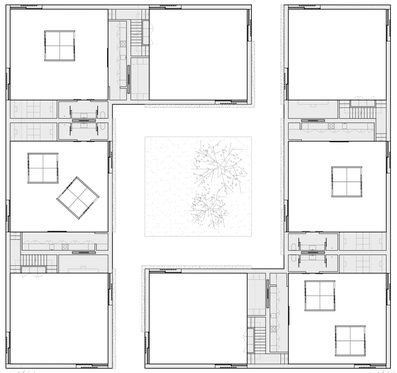
REVITALIZAR A PARTIR DA MEMÓRIA DE UMA CIDADE CANAL

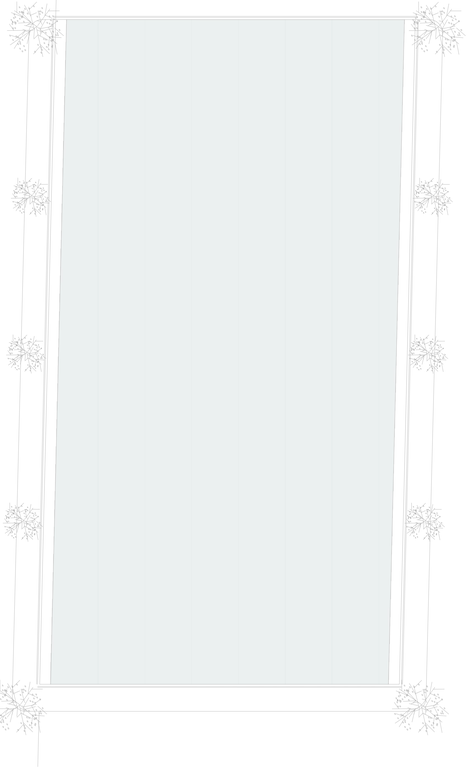
PROPOSTA DE UM QUARTEIRÃO HABITACIONAL HÍBRIDO, NO BAIRRO DE **TSUKIJI**, EM **TÓQUIO**

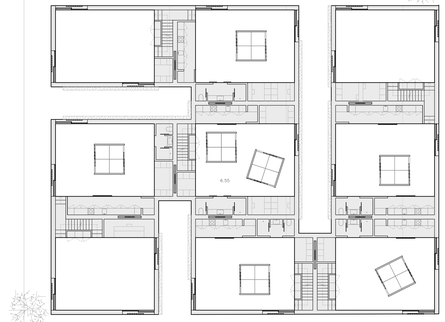
RAQUEL NASCIMENTO MONTEIRO
FA • ULISBOA • MARÇO • 2019
ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA • Professor Doutor Hugo José Abranches
Teixeira Lopes Farias • Professora Doutora Joana Bastos Malheiro

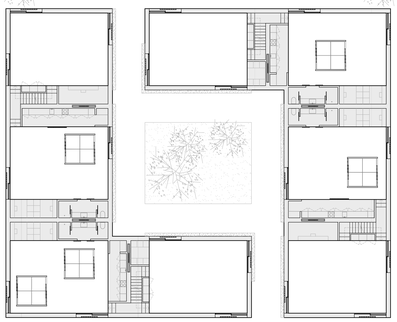
PLANTA DO PISO TÉRREO 1/200

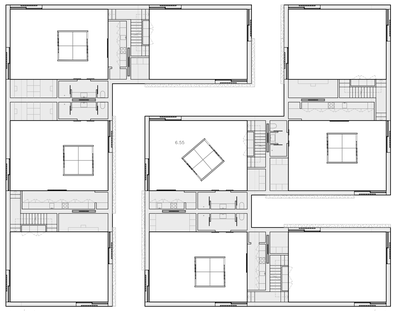


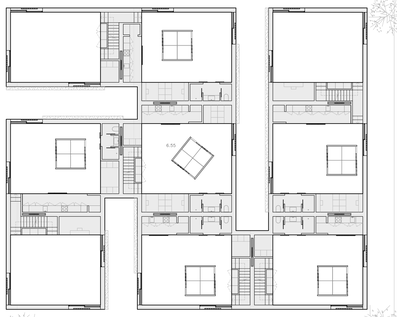


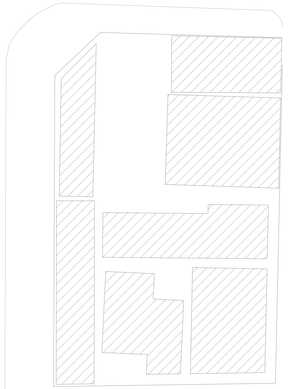


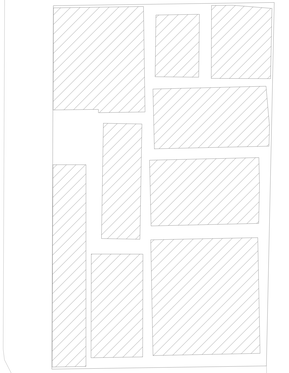










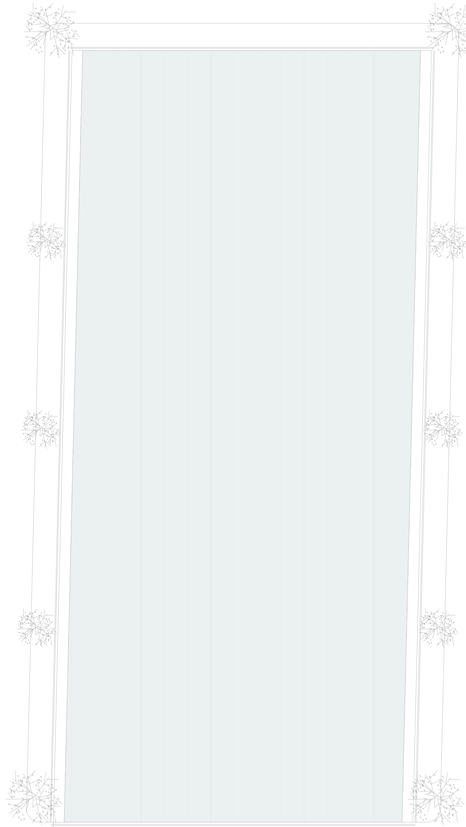


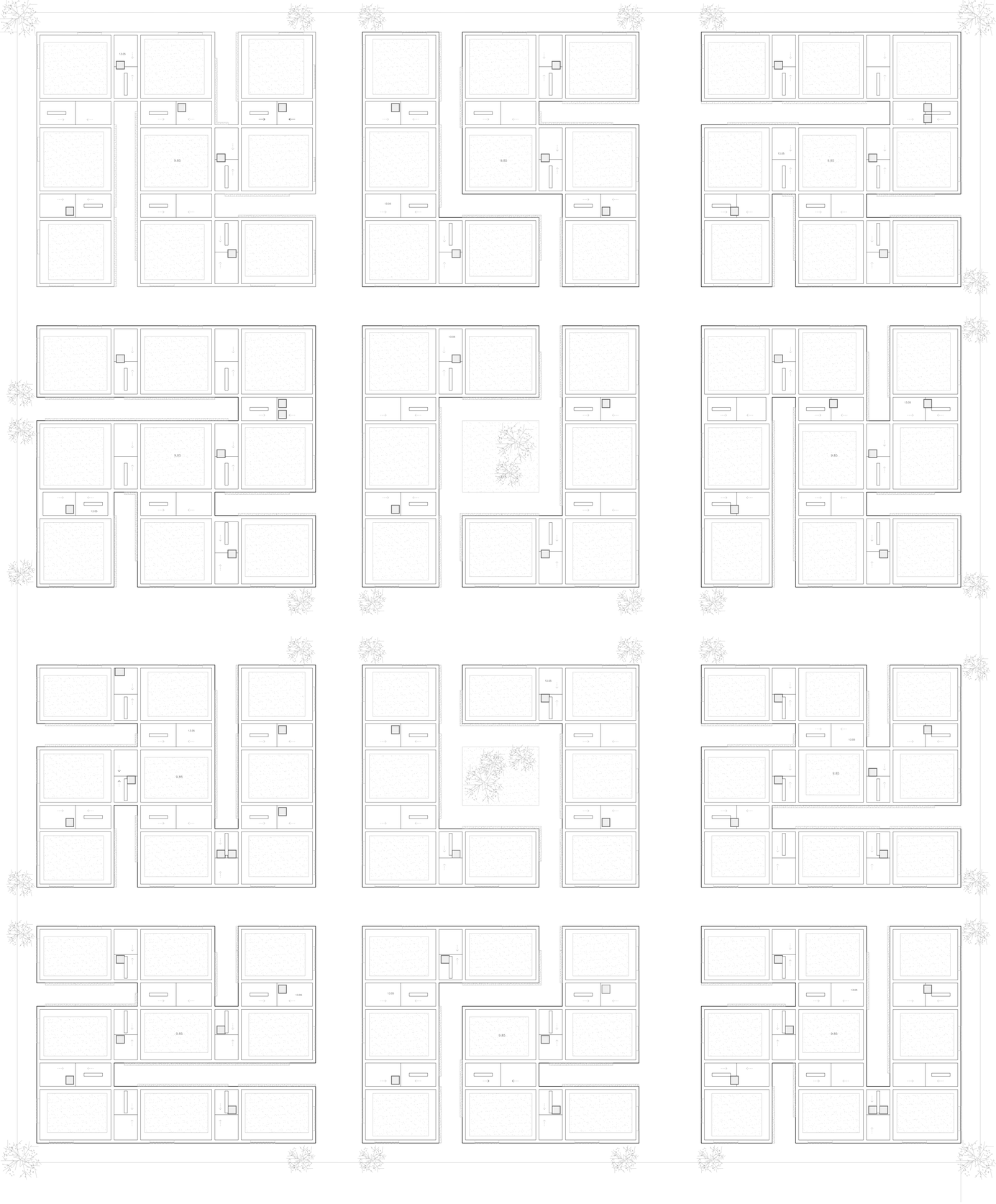
REVITALIZAR A PARTIR DA MEMÓRIA DE UMA CIDADE CANAL

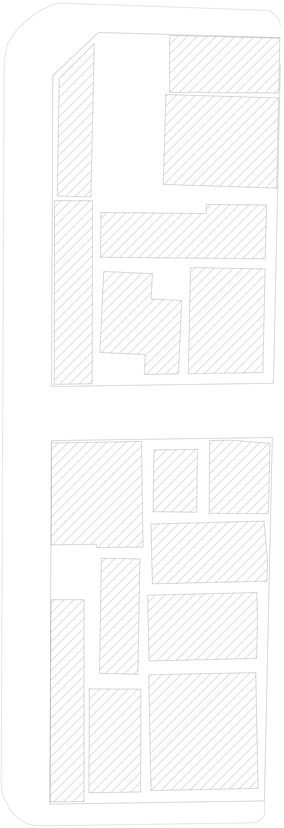
PROPOSTA DE UM QUARTEIRÃO HABITACIONAL HÍBRIDO, NO BAIRRO DE **TSUKIJI**, EM **TÓQUIO**

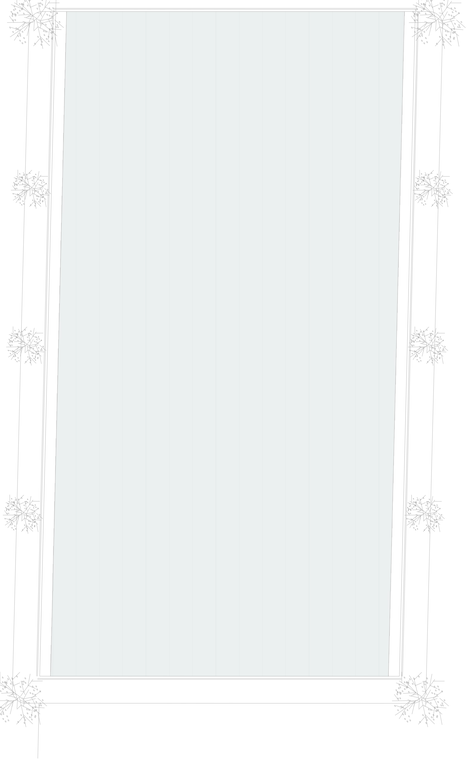
RAQUEL NASCIMENTO MONTEIRO
FA • ULISBOA • MARÇO • 2019
ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA • Professor Doutor Hugo José Abranches
Teixeira Lopes Farias • Professora Doutora Joana Bastos Malheiro

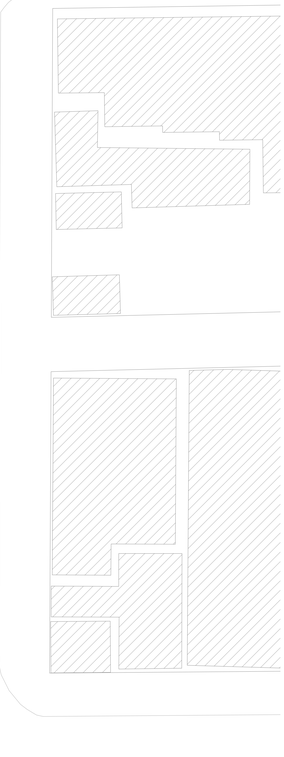
PLANTA DO PISO 1 1/200











RAQUEL NASCIMENTO MONTEIRO

FA • ULISBOA • MARÇO • 2019

ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA • Professor Doutor Hugo José Abranches

Teixeira Lopes Farias • Professora Doutora Joana Bastos Malheiro

PLANTA DE COBERTURAS 1/200

REVITALIZAR A PARTIR DA MEMÓRIA DE UMA CIDADE CANAL

PROPOSTA DE UM QUARTEIRÃO HABITACIONAL HÍBRIDO, NO BAIRRO DE **TSUKIJI**, EM **TÓQUIO**

RAQUEL NASCIMENTO MONTEIRO
FA • ULISBOA • MARÇO • 2019
ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA • Professor Doutor Hugo José Abranches
Teixeira Lopes Farias • Professora Doutora Joana Bastos Malheiro

E
D D'
E'

CORTE DD' 1/200
CORTE EE' 1/200

REVITALIZAR A PARTIR DA MEMÓRIA DE UMA CIDADE CANAL

PROPOSTA DE UM QUARTEIRÃO HABITACIONAL HÍBRIDO, NO BAIRRO DE **TSUKIJI**, EM **TÓQUIO**

RAQUEL NASCIMENTO MONTEIRO
FA • ULISBOA • MARÇO • 2019
ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA • Professor Doutor Hugo José Abranches
Teixeira Lopes Farias • Professora Doutora Joana Bastos Malheiro

F F' G G'

ALÇADO FF' 1/200
ALÇADO GG' 1/200

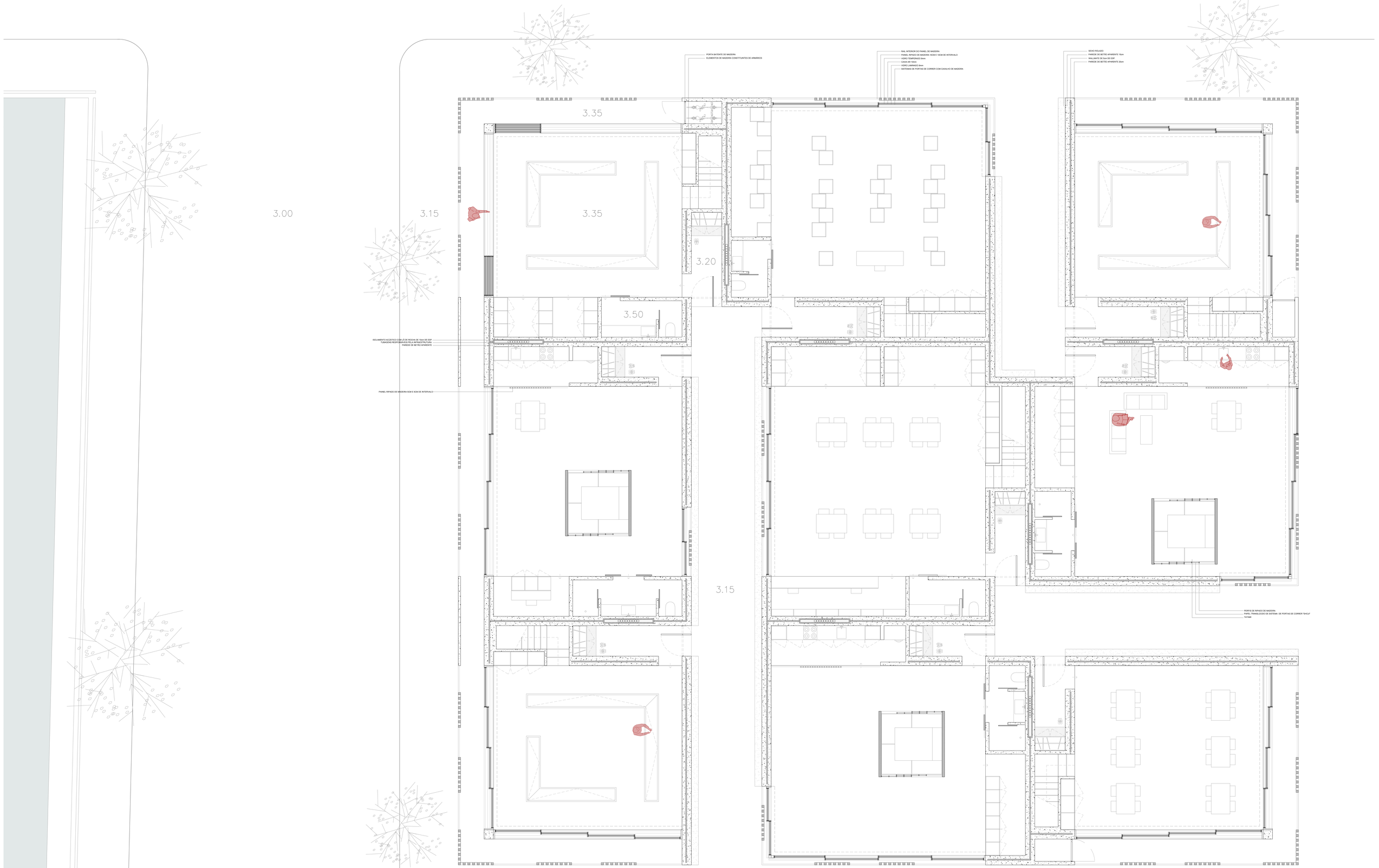
REVITALIZAR A PARTIR DA MEMÓRIA DE UMA CIDADE CANAL

PROPOSTA DE UM QUARTEIRÃO HABITACIONAL HÍBRIDO, NO BAIRRO DE **TSUKIJI**, EM **TÓQUIO**

RAQUEL NASCIMENTO MONTEIRO
FA • ULISBOA • MARÇO • 2019
ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA • Professor Doutor Hugo José Abranches
Teixeira Lopes Farias • Professora Doutora Joana Bastos Malheiro

H' H
I I'

ALÇADO HH' 1/200
ALÇADO II' 1/200



REVITALIZAR A PARTIR DA MEMÓRIA DE UMA CIDADE CANAL

PROPOSTA DE UM QUARTEIRÃO HABITACIONAL HÍBRIDO, NO BAIRRO DE **TSUKIJI**, EM **TÓQUIO**

RAQUEL NASCIMENTO MONTEIRO
FA • ULISBOA • MARÇO • 2019
ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA • Professor Doutor Hugo José Abranches Teixeira Lopes Farias • Professora Doutora Joana Bastos Malheiro

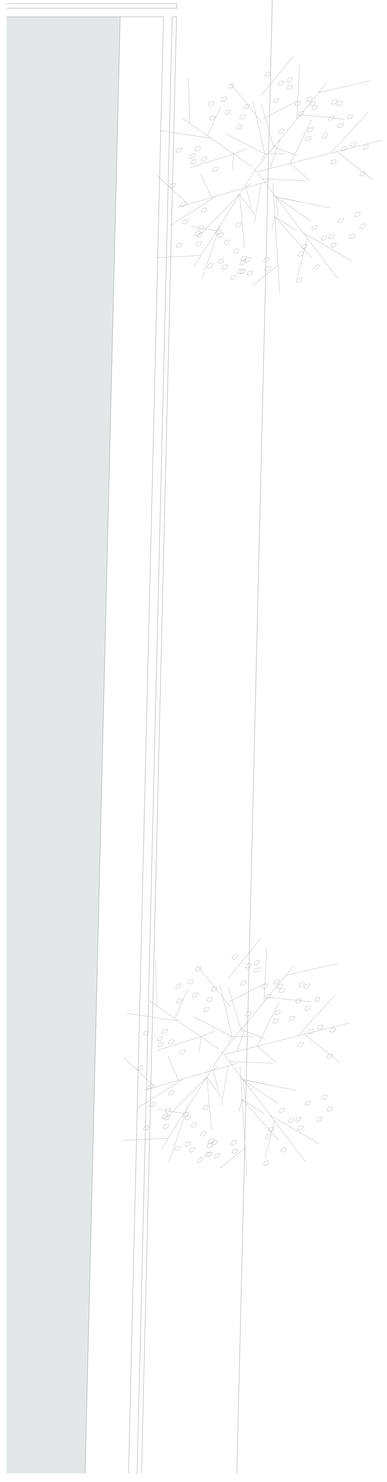
PLANTA DO PISO TÉRREO 1/50

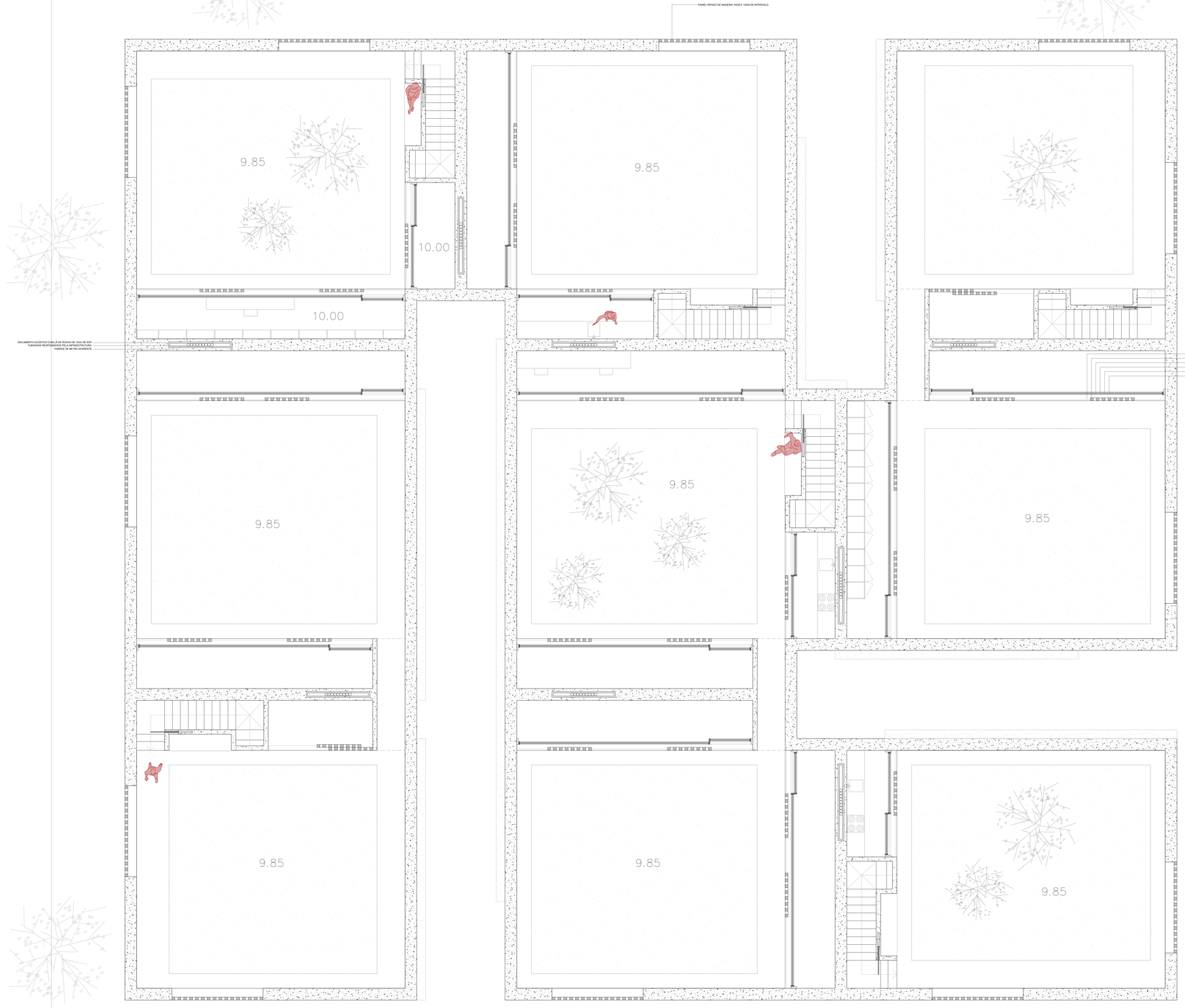
REVITALIZAR A PARTIR DA MEMÓRIA DE UMA CIDADE CANAL

PROPOSTA DE UM QUARTEIRÃO HABITACIONAL HÍBRIDO, NO BAIRRO DE **TSUKIJI**, EM **TÓQUIO**

RAQUEL NASCIMENTO MONTEIRO
FA • ULISBOA • MARÇO • 2019
ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA • Professor Doutor Hugo José Abranches
Teixeira Lopes Farias • Professora Doutora Joana Bastos Malheiro

PLANTA DO PISO 1 1/50





REVITALIZAR A PARTIR DA MEMÓRIA DE UMA CIDADE CANAL

PROPOSTA DE UM QUARTEIRÃO HABITACIONAL HÍBRIDO, NO BAIRRO DE **TSUKIJI**, EM **TÓQUIO**

RAQUEL NASCIMENTO MONTEIRO
FA • ULISBOA • MARÇO • 2019
ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA • Professor Doutor Hugo José Abranches Teixeira Lopes Farias • Professora Doutora Joana Bastos Malheiro

PLANTA DO PISO 2 1/50

REVITALIZAR A PARTIR DA MEMÓRIA DE UMA CIDADE CANAL

PROPOSTA DE UM QUARTEIRÃO HABITACIONAL HÍBRIDO, NO BAIRRO DE **TSUKIJI**, EM **TÓQUIO**

RAQUEL NASCIMENTO MONTEIRO
FA • ULISBOA • MARÇO • 2019
ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA • Professor Doutor Hugo José Abranches
Teixeira Lopes Farias • Professora Doutora Joana Bastos Malheiro

CORTE CONSTRUTIVO 1/50
ALÇADO CONSTRUTIVO 1/50